



Gaiaeducation

Educação para o Design de Ecovilas

Um curso completo de quatro semanas sobre os
fundamentos do Design para Sustentabilidade

Curriculum concebido e desenhado pelo GEESE
(Global Ecovillage Educators for a Sustainable Earth)
(Educadores Globais de Ecovilas para uma Terra Sustentável)

Versão 5
© Gaia Education, 2012

www.gaiaeducation.net

Índice

Prefácio	03
A Roda de Sustentabilidade	06
Por que Gaia Education é necessário?	08
Visão de Mundo	
Visão Geral	12
Módulo 1: Visão de Mundo Holística	14
Módulo 2: Reconexão à Natureza	17
Módulo 3: Transformação da Consciência	20
Módulo 4: Saúde pessoal e planetária	22
Módulo 5: Espiritualidade socialmente engajada	25
Dimensão Social	
Visão Geral	31
Módulo 1: Construir Comunidade e Abraçar a Diversidade	34
Módulo 2: Ferramentas de Comunicação: Conflito, Facilitação e Tomada de Decisões	38
Módulo 3: Liderança e Empoderamento	43
Módulo 4: Arte, Ritual e Transformação Social	46
Módulo 5: Educação, Redes Sociais e Ativismo	49
Dimensão Econômica	
Visão Geral	56
Módulo 1: Da economia global para a sustentabilidade	58
Módulo 2: Sustento Justo	62
Módulo 3: Economias Locais	65
Módulo 4: Moedas e Bancos Comunitários	68
Módulo 5: Temas legais e financeiros	70
Dimensão Ecológica	
Visão Geral	76
Módulo 1: Construção Ecológicas e Retroajustes	80
Módulo 2: Alimentos Locais e Ciclo dos Nutrientes	83
Módulo 3: Água, Energia e Infraestrutura	88
Módulo 4: Restaurar a Natureza, Regeneração Urbana e Reconstruir após desastres	88
Módulo 5: Design Integrado	91
Pedagogia de Aprendizagem Vivencial	99
Adaptando a EDE às Necessidades Locais	102

Prefácio

Uma Breve História do Gaia Education

Em 1998, 55 educadores de Ecovilas, membros da Rede Global de Ecovilas, com formação acadêmica e profissional diversificadas, foram convidados pela *Gaia Trust* para irem a Dinamarca para discutir novas abordagens transdisciplinares de educação para a sustentabilidade, com base nas experiências do movimento das Ecovilas.

O Programa Gaia Education foi criado por uma equipe internacional de educadores denominada “GEESE” (*Global Ecovillage Educators for a Sustainable Earth*, em português, Educadores Globais de Ecovilas para uma Terra Sustentável) visando reconhecer a importância da colaboração e liderança assim como é demonstrado pelo comportamento migratório de um bando de gansos. Os GEESE estão unidos com o objetivo de disponibilizar para o mundo os conhecimentos e habilidades desenvolvidas nas Ecovilas.

As grandes conquistas e marcos da Gaia Education são:

Em primeiro lugar, o desenvolvimento do currículo inovador Educação em Design de Ecovilas (EDE), estruturado com base na experiência e conhecimento das mais bem sucedidas Ecovilas e projetos comunitários do mundo. Este curso foi oficialmente lançado em 2005 na Ecovila Findhorn na Escócia, por ocasião da comemoração do décimo aniversário da *Global Ecovillage Network* (Rede Global de Ecovilas). O currículo tem uma ampla gama de experiências práticas e é repleto de ideias e ferramentas inovadoras que foram desenvolvidas e testadas em comunidades que atuaram como laboratórios de práticas sustentáveis.

Em segundo lugar, o desenvolvimento do programa virtual GEDS - Gaia Education Design para a Sustentabilidade - em parceria com a UOC - Universidade Aberta da Catalunha, em outubro de 2008.

Em terceiro lugar, o lançamento do programa de pós-graduação do curso Gaia Education - Design para a Sustentabilidade, também em parceria com a UOC, em outubro de 2011. Em meados de 2014, a GEDS será ampliada, oferecendo um programa de Mestrado acreditado com duração de dois anos.

O Gaia Education está desenvolvendo programas educacionais adicionais a serem oferecidos em seu site, incluindo uma versão online de GEDS com foco em design de sustentabilidade, e uma versão especial do currículo da EDE para os Jovens.

O currículo da EDE é um recurso livre para todos que desejam aprender sobre os princípios da sustentabilidade e, especialmente, para aqueles que gostariam de ensinar a EDE em sua localidade. Materiais complementares incluem:

Diretrizes para a Organização de uma EDE – disponível para sites certificados.

Manual do Professor – um recurso mais detalhado para professores e organizadores que desejam se aprofundar em mais detalhes sobre vários temas no currículo para inspiração e orientação.

Quatro chaves para Sustentabilidade em todo o planeta – além do material acima descrito, o Gaia Education, em colaboração com a *Permanent Publications*, Reino Unido, publicou quatro antologias complementares, editado por e incluindo artigos de educadores de Ecovilas do mundo. As "Quatro Chaves" referem-se às quatro dimensões em que a EDE é organizada: as dimensões social, econômica, ecológica e a

visão de mundo. Cada livro abrange uma dimensão da EDE, artigos e outros materiais para complementar o currículo inspirando professores e alunos. Estes também podem ser baixados gratuitamente pelo site da *Gaia Education* ou encomendados em cópia impressa da Permanent Publications mediante pagamento. As Quatro Chaves são:

Dimensão Social: **Além de Eu e de Você** Inspiração e Sabedoria para Construir a Comunidade

Dimensão Econômica: **Economia de Gaia** Viver bem dentro dos limites planetários

Dimensão Ecológica: **Design de Habitats Sustentáveis** Criar um sentido do lugar

Visão de Mundo: **O Som da Terra** A Síntese abrangente das visões de mundo das dimensões Científicas e espirituais

Um quinto livro intitulado *Pedagogia de Vida e Aprendizagem* está em fase de planejamento.

Supõe-se que os facilitadores do curso vão fazer sua própria investigação e preparação dos temas aqui apresentados. Os diretores do programa devem desenhar o calendário de cursos de acordo com as "Diretrizes para Certificação" descritas pelo Gaia Education e utilizar os recursos locais disponíveis para satisfazer o objetivo pleno do currículo.

A EDE representa e é compatível com os valores fundamentais da grande comunidade de Ecovilas, entre esses valores se incluem: o respeito à unidade através da diversidade; a celebração de diversas culturas e fés; a prática da igualdade racial, cultural e sexual; a promoção da justiça social e da consciência ambiental; a busca da paz e da autodeterminação local; o empoderamento dos indivíduos e atores locais; a elevação da consciência e do potencial humano; e, de maneira geral, o respeito pela Terra viva que é o nosso lar planetário.



Mapa com os locais de realização do EDE

A EDE foi introduzida ao mundo para complementar, corresponder e assistir ao estabelecimento de um padrão para a "Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável - 2005-2014" das Nações Unidas.

Enquanto os materiais da EDE estão disponíveis para uso não comercial, a maioria dos cursos da EDE são certificados pela Comissão de Certificação do Gaia Education, que avalia a qualidade do site, o conteúdo dos cursos e do corpo docente proposto.

O Gaia Education tem o apoio financeiro da Gaia Trust, na Dinamarca. O projeto original foi um programa piloto sob a égide da GEN, a Rede Global de Ecovilas. Desde 2009, o Gaia Education foi legalmente constituída, na Escócia, como uma Companhia Limitada sem fins lucrativos. Uma parcela crescente da sua receita é proveniente do programa GEDS. A União Europeia, através do programa Grundtvig tem fornecido substancial apoio financeiro aos participantes da GEDS nos últimos anos. Os facilitadores das Ecovilas do curso fornecem a maior parte do apoio através do comprometimento e esforços dedicados e especiais. Para continuar expandindo e crescendo, especialmente no sul global, o Gaia Education irá precisar de verbas consideráveis. É nossa intenção que o Gaia Education, se torne, finalmente, autossustentável.

Esperamos que esta Educação para o Design de Ecovilas ajude a restaurar comunidades destruídas, a criar novas comunidades que sejam modelos funcionais de viabilidade sustentável, a regenerar ecossistemas deteriorados, rejuvenescer cidades, a renovar um senso otimista de objetivo e, propósito otimista, e, de maneira geral, a revitalizar a vida na Terra, tanto para nós como para as gerações futuras.

Em solidariedade,
Os GEESE

A Roda de Sustentabilidade

Navegando através das dimensões

A EDE é organizada como uma mandala, que chamamos de roda de sustentabilidade, baseada no que consideramos serem as quatro dimensões fundamentais da experiência humana - Visão do Mundo, Social, e Econômica e Ecológica. Cada uma destas quatro dimensões contém cinco módulos, num total de vinte áreas temáticas. Enquanto a mandala de quatro dimensões permanecerá inalterável, os títulos e conteúdo dos módulos individuais poderão evoluir ao longo do tempo. O currículo foi assim projetado para ser especificamente flexível e adaptado às circunstâncias e necessidades únicas locais.



A duração de quatro semanas é recomendada, mas não obrigatória. O material pode ser resumido em cursos mais curtos, estendido por um período mais longo, ou distribuído em blocos em diferentes datas e locais. Esta flexibilidade inerente faz com que a EDE também possa ser aplicada em comunidades intencionais – tanto urbanas quanto rurais – e também em vilas tradicionais, a círculos acadêmicos, profissionais e outros.

O currículo da EDE pode ser descrito como “holístico” – no sentido de que tenta cobrir e representar o multifacetado e diverso espectro de considerações do design de Ecovilas como um todo, completo e interdependente. O currículo da EDE também pode ser descrito como “integrativo”, significando que todos os componentes recebem a mesma atenção e representação, em especial porque suas existências estão relacionadas umas com as outras e com o todo. Finalmente, a EDE pode ser descrita como “holográfica”, indicando que a essência do currículo foi distribuída através e pode ser reconstruída a partir de qualquer uma de suas partes, de maneira que o propósito do todo pode ser determinado a partir de qualquer participação ou exposição parcial.

Resultados de Aprendizagem

Cada dimensão tem cinco resultados de aprendizagem baseados no *feedback* dos participantes da EDE. Estes são estruturados de acordo com a conscientização do aluno sobre as questões, o conhecimento e a compreensão dos conceitos apresentados, e as habilidades de desempenho relacionadas com o módulo em cada dimensão. Os organizadores do curso são encorajados a iniciar por qualquer ponto no currículo, e misturar o calendário do curso para que ele seja apresentado como um conceito global de sustentabilidade, em vez de componentes separados e dissociados uns dos outros.

Um curso certificado indica que os organizadores seguirão o espírito deste currículo através da formulação de resultados de aprendizagem semelhantes, relacionando-os com o conteúdo central do currículo, e desenhando atividades experimentais e avaliando métodos que levam a objetivos e padrões de certificação semelhantes aos definidos pelo conselho do Gaia Education. Os organizadores são livres para usarem o currículo como ele é, ou para ajustarem seus conteúdos às realidades culturais e específicas do local onde o curso está sendo oferecido.

Por que o Gaia Education é necessário?

"Nós não somos uma coleção de objetos, mas uma comunhão de sujeitos... Temos que nos reinventar como espécie"

Thomas Berry

É amplamente conhecido que a humanidade enfrenta uma crise sem precedentes de proporções globais que ameaça a nossa viabilidade e a sustentabilidade futura do planeta. Em muitas partes do planeta, estamos sofrendo as consequências do uso dos recursos naturais a uma taxa muito maior do que eles podem ser renovados. A produção de muitos recursos biológicos e físicos essenciais já atingiu o pico. Florestas, pescas e recifes de coral estão danificados e desaparecendo, os solos estão empobrecidos pelo excesso de cultivo e do uso de produtos químicos; a diversidade está reduzida pela manipulação genética. As reservas de água doce estão diminuindo e hoje mais da metade da população do mundo enfrenta escassez de água.

Ademais, as alterações climáticas ameaçam a segurança e possibilidade da produção de alimentos e habitação em grande parte do planeta. Nos dias de hoje, a mudança nos padrões climáticos está criando secas, tempestades devastadoras, quebras de safra generalizadas, e elevação dos níveis dos mares que inundam cidades costeiras e terras. E agora, surgindo no horizonte, está o "pico do petróleo", com seus consequentes ajustes e renovações, incluindo a possibilidade de um conflito sobre o acesso às reservas restantes de energia fóssil.

Todos estes problemas estão hoje muito bem documentados; a conscientização sobre seu alcance e complexidade, no entanto, representa apenas a metade de qualquer projeto educativo atual. A outra metade é adquirir as habilidades práticas, habilidades analíticas e profundidade filosófica para refazermos a nossa presença humana no mundo. Sem habilidades e treinamento adequados, podemos não ser capazes de lidar, a tempo, com as complexas, entrelaçadas e transdisciplinares questões envolvidas no redesenho do nosso estilo de vida e na transição de nossas comunidades e sociedades.

Nossa visão é que todos os problemas acima mencionados provêm de uma visão de mundo separada, fragmentada e reducionista, e que somente abordagens sistêmicas são susceptíveis de enfrentar a nova geração de problemas globais de sobrevivência; realizadas com um verdadeiro espírito de solidariedade global e conectividade que reconhece que uma cultura de paz, localização e sustentabilidade é o único caminho viável para o futuro.

Dentro desta crise, uma oportunidade única também é encontrada. Na medida em que o desafio é tão complexo, as possibilidades são igualmente abrangentes. Uma mudança completa de consciência está surgindo no seio da comunidade humana, que poderá nos libertar da visão de mundo reducionista e materialista que dominou os últimos séculos. Estamos começando a reconhecer as virtudes sociais de frugalidade, simplicidade e um sentido de unidade.

Lembrando Einstein, não podemos resolver os problemas com a mesma mentalidade que os criou. Na linguagem da dinâmica da espiral, precisamos passar da primeira camada para a segunda. Precisamos elevar nossa consciência vários níveis na espiral evolutiva. Em suma, precisamos de uma visão de mundo, a visão e os valores que estão alinhados com ação colaborativa.

O *World Wisdom Council*, em português, Conselho Mundial de Sabedoria, convocado pelo Clube de Budapeste afirma: "Nem o colapso no caos, nem o avanço para uma nova civilização estão fadados. O futuro não é para ser anunciado, é para ser criado".

Cada ser humano dotado de consciência pode decisivamente formá-la. Existem alternativas viáveis para a forma como fazemos as coisas no mundo hoje, que poderiam nos ajudar a desviar as tendências que nos direcionam a crise e preparar o caminho para uma nova civilização mais sustentável e pacífica. "É possível, portanto, criar um estilo de vida baseado em uma visão de mundo de unidade entre todas as formas de vida e reduzir o consumo de energia em 80-90% no Norte Global? É possível manter o aumento da temperatura global abaixo dos críticos 2 graus Celsius e ainda abrir espaço para a melhoria das condições de vida no Sul Global? É possível encontrar um caminho para alterar globalmente as estruturas sociais, econômicas e políticas, ao mesmo tempo em que transformamos as pessoas e reduzimos nossos números?". A tarefa é de uma magnitude sem precedentes.

O Movimento de Ecovilas

Os primeiros participantes de Ecovilas aspirantes ao redor do mundo notaram esses problemas anos atrás e iniciaram uma estratégia de reforma pelo exemplo. Eles construíram pequenas comunidades sustentáveis com base em uma visão de mundo holística, objetivando a transformação de si mesmos e da sociedade. Eles promoveram um novo, modesto e satisfatório estilo de vida como uma resposta aos desafios sistêmicos que enfrentamos atualmente. E é a partir dessa visão que a EDE surgiu.

Desde o início da década de 1990, as comunidades das Ecovilas têm construído redes como GEN (Global Ecovillage Network, em português, Rede Global de Ecovilas) em todo o mundo para trocar informações e aprender uns com os outros. O Gaia Education, uma organização de educadores de comunidades sustentáveis em seis continentes, já recolheu e sistematizou todas essas experiências em um currículo comum para o mundo todo. Dois caminhos principais foram traçados para espalhar este currículo; um presencial e o outro virtual.

A EDE, Educação em Design de Ecovilas, é um curso de 120 horas que, desde 2005, já foi realizado mais de 100 vezes em dezenas de países dos seis continentes.

O GEDS, Gaia Education Design para a Sustentabilidade, é um curso virtual de 8 meses oferecido pela UOC, Universidade Aberta da Catalunha, em Barcelona, em parceria com o Gaia Education. O curso foi realizado todos os anos desde 2008/09 em Inglês e Espanhol e tornou-se um curso universitário de pós-graduação em 2011/12. Desde 2013, é oferecido também em Português.

É comprovada a viabilidade e justificativa de se ter um currículo único para todo o mundo. As comunidades sustentáveis de todas as culturas e localizações geográficas compartilham uma mesma visão de mundo, visão e valores. O modo como o currículo é ensinado poderá variar, é claro, dependendo da configuração cultural do local onde o curso é oferecido, por exemplo, uma comunidade rural, um cenário urbano, uma aldeia indígena, um curso universitário, etc.

Visão para Unir a Visão de Mundo e os Valores

A visão de mundo é o fundamento da nossa visão e representa os valores da sustentabilidade, da interdependência e da justiça global. Comunidades de todo o mundo precisam ser transformadas juntamente com os seus habitantes. Um movimento em direção a "localização" (incluindo a democracia local, a energia local e controle local de criação de riqueza) é um dos principais objetivos de um novo modo de vida. Queremos manter os elementos positivos da globalização (comunicação global e intercâmbio cultural), mas nós não aceitamos os aspectos econômicos, ecológicos e sociais negativos - a injustiça global e a exploração. Todas as comunidades locais precisam se tornar sustentáveis. A divisão de trabalho, no futuro, necessitará ser uma expressão de desejo de um grupo e de uma partilha natural com base em diferenças de clima e de matérias-primas. Nós, do Gaia Education valorizamos a diversidade de culturas com base no clima, nas crenças, no meio ambiente e na história.

Os assentamentos serão reflexões holísticas do todo. Esta nova visão de mundo é o lar dos "Criativos Culturais", à medida que se multiplicam em quantidade - agora cerca de um terço da população nos Estados Unidos e na Europa. No Sul global, um modelo impressionante foi implementado no Sri Lanka, construído baseado na filosofia budista, sob a liderança de Ari Ariyaratne, que desenvolveu Sarvodaya e recebeu o Prêmio Gandhi da Paz por seu trabalho inovador. Princípios semelhantes são ensinados pelo *Spirit of Education Movement* (SEM) em vários países asiáticos por Sulak Sivaraksa e colaboradores.

- **Valores da Visão de Mundo** incluem exigências de uma nova estrutura social. Estados soberanos devem decidir como querem viver uns com os outros e com a natureza de forma responsável e socialmente justa. O objetivo é a diversidade em vez de homogeneidade; e a sustentabilidade, em vez do esgotamento causado pelo estupro violento da Terra.
- **Valores Sociais** incluem a participação de todos, expressando que somos uma "comunhão de sujeitos." E o direito de definir a forma como queremos viver com a natureza e entre si, como os direitos humanos e ambientais.
- **Valores Ecológicos** incluem solo limpo, ar e água, abrigo e alimentos locais frescos em abundância, enquanto vivemos em um ecossistema diversificado, dentro de uma "pegada ecológica" permissível.
- **Valores Econômicos** incluem economias locais sob o controle da democracia local; e a subserviência da economia à ecologia e não o contrário.

A Transformação da Consciência

Vemos essa herança como uma visão positiva para o futuro e não um retrocesso. A meditação e desenvolvimento pessoal estão se espalhando como fogo no Norte global, como forma de vivenciar a unidade. Eckhart Tolle – um mestre espiritual ocidental muito conhecido - nos pede para nos livrarmos da ganância, do medo e da raiva e deixar para trás o "corpo de dor", o que não é realmente nós, enquanto outros professores ocidentais recomendam vivermos uma vida simples, deixando de lado o medo e a ganância. Isto acabará por levar-nos a uma experiência de unicidade e felicidade. Ensinos semelhantes são comuns no pensamento oriental.

Ensinando a EDE em diferentes ambientes

Desde a revolução industrial, as comunidades têm sido muito diversas, dependendo de sua colocação na hierarquia global das megalópoles, subúrbios, pequenas cidades, vilas rurais e os habitats naturais. Todas nasceram como parte das necessidades para a tecnologia e uma economia da concorrência. Elas são sistemas lineares que não respeitam a natureza circular da matéria. Como planejamos e ensinamos dependerá, pois, de onde vivemos e uma valorização da cultura local. Nós já oferecemos a EDE para muitos e variados participantes, incluindo:

- As pessoas que querem construir e viver em comunidades sustentáveis ou Ecovilas.
- Comunidades urbanas em grandes cidades, como São Paulo, Cidade do México e Los Angeles
- Urbanistas e autoridades locais que querem criar mudança local positiva
- Corpo docente de Universidade, que quer ensinar o pensamento holístico aos seus alunos
- Estudantes universitários à procura de maneiras de mudar as tendências destrutivas globais
- Os povos indígenas e as comunidades no Sul querendo contornar o "desenvolvimento" estilo ocidental e avançar para um futuro local.

Nossa forma de ensinar é diferente para cada um desses grupos, uma vez que suas realidades atuais são diferentes, mas o objetivo é o mesmo: localização, Democracia da Terra e abundância sustentável na área local. Nós escolhemos as palavras abundância sustentável pois acreditamos firmemente que esta vida local simples será rica em contatos sociais, criatividade, consciência espiritual, alimentos locais frescos e simples alegrias, mas com uma baixa pegada ecológica.

A EDE muitas vezes é oferecida em comunidades sustentáveis onde os cidadãos locais vivem o que aprendem. Nós chamamos este conceito "Vivendo e Aprendendo" - material didático teórico ilustrado por trabalho de campo local, exercícios, jogos e um projetos concretos. O que é especial é a cultura das Ecovilas, que se desenvolveu ao longo de muitas décadas e inclui um estilo de vida criativo cheio de arte, música, festas e rituais.

Muitos dos primeiros cursos da EDE foram realizados no Brasil em ambientes urbanos. O foco aqui foi à conscientização, bem como os aspectos sociais e econômicos e uma tentativa de desenvolver espaços verdes em grandes cidades.

O Gaia Education colabora com a Rede Transition Network na criação de ofertas educativas conjuntas usando o currículo EDE e as iniciativas de Transição. O movimento das Cidades em Transição (Transition Towns) representa um novo movimento social baseado nos cidadãos em cidades com o objetivo de reduzir a pegada ecológica local e se preparar para o declínio da energia.

A EDE em culturas indígenas ou culturas mistas como as do Senegal, da África do Sul, da Argentina, do Brasil, do Sri Lanka, da Tailândia, da Índia e da China tem-nos ensinado que conceitos como "desenvolvimento" e "urbanização" necessitam de considerável adaptação e tratamento individualizado. Na África, a produção local de alimentos, energia renovável independente de energia da rede, e as economias locais são temas importantes, especialmente em áreas rurais, onde 80% da população reside. Lá, a estrutura social está muitas vezes intacta. Eles precisam aprender a apreciar o que eles têm e tirar benefícios de lá.

O material didático da EDE inclui uma variedade de conceitos, ideias, referências e jogos que podem ser adaptados às necessidades locais, enquanto permanecer dentro da estrutura global da EDE.

DIMENSÃO VISÃO DE MUNDO



Resultados de Aprendizagem

Os participantes aprenderão a ...

- favorecerem-se de uma prática espiritual regular (meditação, yoga, oração ...)
- manter um diário dos seus sonhos, ideias e observações
- aprofundar a sua ligação com a Natureza
- criativamente elaborar caminhos claros para a saúde pessoal
- ser um agente de mudança, um colaborador para um novo mundo

“Há o suficiente para a necessidade de todos, mas não para a ganância de cada um.”

Mahatma Gandhi

Visão Geral

Tornou-se regra descrever o desenvolvimento sustentável em termos de três temas fundamentais: econômico, social e ecológico (às vezes chamado de ambiental). Estas são consideradas as áreas fundamentais da experiência humana que devem ser levadas em consideração qualquer que seja o cenário do desenvolvimento sustentável. A EDE reconhece essas áreas básicas e acrescenta outra dimensão fundamental, uma dimensão que decidimos chamar “Visão de Mundo”. Com ela pretende-se reconhecer que sempre existem padrões culturais subjacentes, frequentemente não mencionados e às vezes ocultos, que têm grande influência e que podem na verdade predeterminar as relações econômicas, sociais e ecológicas.

Cada cultura, cada subgrupo, cada era histórica parece ter sido guiada, informada e dirigida por interpretações particulares sobre a natureza da realidade. Ainda que originariamente restrito ao mundo científico, o termo ‘paradigma’ agora é comumente usado para descrever essa mistura de crenças, filosofias e mitos que, juntos, abrangem a amplamente aceita ‘lente’ cultural através da qual se vê o mundo. Os paradigmas certamente estão sujeitos a alterações, que ocorrem à medida que um novo conhecimento é descoberto ou criado e os seres humanos evoluem e se tornam abertos a realizações mais profundas e completas.

De acordo com uma vasta literatura e uma grande quantidade de pensamentos, tudo indica que atualmente, no mundo ocidental, estamos no meio de uma mudança de paradigma. Uma nova visão do

mundo está realmente emergindo, e que ela se complementa e se funde com filosofias há muito mantidas pelas tradições de sabedoria de todo o mundo. Esta nova visão do mundo, esta evolução da consciência, será de proporções únicas e sem paralelos por causa dos efeitos unificadores da globalização cultural. Hoje em dia podemos vivenciar a humanidade como uma grande família, um mesmo povo, uma unidade terrestre; e podemos da mesma forma conhecer nosso lar planetário, como revelam as fotos tiradas pelos astronautas, como um superorganismo vivo, que respira – Gaia. A nova visão de mundo está sendo definida como uma evolução das interpretações sobre a natureza da realidade: a consciência precede o físico, as ideias criam a forma. Uma palavra usada frequentemente para descrever isso é a Unidade. O objetivo da dimensão da Visão do Mundo na EDE é, desta forma, articular os parâmetros dessa evolução no que se refere ao projeto e à implementação de modelos de comunidades sustentáveis.

A dimensão da Visão de Mundo, segunda a EDE, trata desses aspectos vitais da existência humana nos seguintes módulos:

- **Módulo 1 – Visão de Mundo Holística** que pretende articular a natureza da transição que vivemos atualmente, com o surgimento de uma nova visão do mundo que reintegra a ciência e a espiritualidade.
- **Módulo 2 – Reconectar-se com a Natureza** é um guia para reconectar os seres humanos ao mundo natural como prática espiritual.
- **Módulo 3 – A Transformação da Consciência** é um relato poético das consequências do compromisso com a viagem espiritual.
- **Módulo 4 – Saúde Pessoal e Planetária** nos lembra da unidade na relação estreita entre saúde planetária e pessoal
- **Módulo 5 – Espiritualidade Socialmente engajada** expõe a visão de que uma vida espiritual bem conduzida é uma vida de ativo serviço social, e que nos tempos de hoje ambos os aspectos são inseparáveis.

Material de Referência da Visão de Mundo: *The Song of the Earth*

O *The Song of the Earth: The Emerging Synthesis of the Scientific and Spiritual Worldviews* é um dos livros pertencente à série do Gaia Education chamada as Quatro Chaves para Comunidades Sustentáveis no Planeta. Este título é crucial para a dimensão Visão de Mundo. Faça o *download* grátis no site www.gaiaeducation.org

Módulo 1 – Visão de Mundo Holística

Objetivos de Aprendizagem

- Apresentar um novo vocabulário que descreva uma visão de mundo holística.
- Desenvolver hábitos de meditação, reflexão e consciência de si e do meio ambiente.
- Identificar descobertas na "nova ciência" que apontam para uma base espiritual definida sustentando a natureza e realidade.
- Ajudar a restaurar a divisão entre a espiritualidade e a ciência e, simultaneamente, entre os paradigmas culturais modernos e tradicionais.
- Desenvolver uma consciência pessoal intensificada de que a interligação da vida não é mera metáfora, mas uma verdade viva pela qual nós, seres humanos, devemos ser responsáveis.

Conteúdo

A educação tradicional nos condicionou a acreditar que o mundo e o cosmos são compostos por matérias diferentes, únicas, que são separadas umas das outras e que funcionam coletivamente segundo leis racionais, deterministas e mecanicistas. Mesmo assim, esta visão de mundo está sendo erradicada com o apoio de extraordinários descobrimentos científicos. Thomas Berry resume assim esta mudança de percepção: “O universo não é uma coleção de objetos, mas uma comunhão de sujeitos”. Começa a surgir um novo paradigma, no qual o universo se vê como um padrão unificado de sistemas vivos, todos essencialmente interligados em uma complexa rede de relações. Isto marca o início de uma nova visão de mundo ‘holística’ ou ‘integral’.

A evidência que comprova esta visão integral de mundo cresce simultaneamente em muitas disciplinas científicas. Na física, na biologia, na psicologia, na teoria de sistemas, na fisiologia, na teoria da complexidade, em todas elas surgiu um tema comum: além do mundo físico observável existem padrões ou princípios invisíveis que, de alguma forma, organizam ou influenciam o mundo que observamos e conhecemos. A ciência está aprendendo que alguma coisa acontece por trás do observável.

Estas descobertas estão transformando rapidamente nossa compreensão da realidade. A ciência está descobrindo níveis profundos de ligação entre matéria e consciência. Hoje entendemos que a realidade física se baseia em uma rede de relações dinâmicas, e não em partes atômicas. A nova ciência demonstra que o que aparece diante de nossos sentidos como concreto, estável e inerte é, ao contrário, composto por conexões de incontáveis elementos em movimento: energia, partículas e cargas animadas por um poderoso dinamismo interno. A lição é simples: a sociedade humana e sua relação com o mundo natural devem refletir essa *Rede de Vida* dinâmica e interligada para poder prosperar.

Novas e emocionantes descobertas também revelam que a consciência claramente influencia a matéria; o mundo físico e o nosso mundo mental humano estão interligados e sobrepostos de maneira tão profunda que não conseguimos completamente compreender. Essas descobertas na física e nas ciências da vida nos levam a uma extraordinária convergência entre a nova visão científica e os ensinamentos espirituais acumulados ao longo dos séculos. A dinâmica não linear e a teoria da complexidade revelam que o cosmos é formado como um imenso holograma. A estrutura resultante, às vezes chamada de fractal ou holarquia,

implica uma vasta e intrincada tapeçaria de matéria e consciência penetrantes, na qual cada parte fundamental ou “hólon” contém a essência do todo: “Como é acima, é abaixo”.

Apesar da primorosa grandeza e do atrativo intrínseco desta Visão de Mundo holística, ela pode facilmente perdurar em uma vazia abstração intelectual se não se basear em utilizações palpáveis da vida real. Aqui surgem as Ecovilas como protótipos inspiradores do futuro: da mesma forma que um hólon individual replica uma vasta holarquia, assim também uma ecovila representa um ponto focal concentrado, em escala humana, para as possibilidades promissoras de uma sociedade global interligada como um todo. As Ecovilas não apenas tratam a grande quantidade de sintomas da civilização insustentável, como também estimulam a cura sintomática.

Atualmente, as Ecovilas representam os melhores laboratórios experimentais vivos para incubar novos modelos de uma cultura humana sustentável. O modelo das Ecovilas estimula uma perspectiva de ‘sistemas’, enfatizando as ligações entre atividades, processos e estruturas, e desenvolvendo uma compreensão, mais ampla e abrangente, de ‘comunidade sustentável’. Na vida e design das Ecovilas são enfatizadas as conexões e interligações, fazendo-as mais visíveis para todos. Por exemplo, ao observar como a produção de alimentos orgânicos tem relação com moedas complementares que, por sua vez, tem relação com modalidades econômicas sustentáveis que, por sua vez, tem relação com processos inclusivos de tomada de decisão que, por sua vez, tem relação com a integridade das interações humanas que tem relação com o amor, que tem relação com a natureza, que tem relação com a construção ecológica e assim por diante...

Para evitar que as inspirações e aspirações aqui resumidas sejam descartadas como noções de moda de místicos sonhadores ou ecologistas utópicos, evocaremos as palavras de Albert Einstein, que inequivocamente nos diz:

“Os seres humanos são parte do Todo... Nós vivenciamos nós mesmos, nossos pensamentos e sentimentos como algo separado do resto... uma espécie de falsa ilusão de ótica de nossa consciência. Esta ilusão é para nós como uma prisão, que confina nossos desejos pessoais e o afeto que dedicamos às pessoas próximas de nós. Nossa tarefa deve ser a libertação desta prisão através da ampliação do nosso círculo de compaixão, para abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em seu esplendor.”

Albert Einstein

Em outras palavras, a sustentabilidade requer sistemas inteiros de aprendizado, a fim de ver o contexto mais amplo em que nós funcionamos, e a teia de relações em que toda a vida depende. Pensamento dos Sistemas cria compreensão das conexões do sistema. Tudo está conectado, e as conexões expressam certas dinâmicas. Simplificando, se mudarmos uma parte do sistema, a outra parte é afetada. O sistema dentro do qual operamos é muito complexo, e os princípios básicos são definidos por nós pelas leis da física. O sistema, é claro, é o global, a Terra. O princípio da conservação da matéria e as leis da termodinâmica são importantes aqui. Todos são universais. O que significa, na prática, que se aplicam a todo o universo.

É indiscutível que nem a produtividade nem a biodiversidade devem sistematicamente diminuir, se queremos um mundo sustentável: a Biodiversidade nos fornece uma vasta gama de recursos diretos e indiretos; a complexa teia de espécies em cooperação fornecendo os próprios ciclos sobre os quais a nossa vida depende é um aspecto essencial da produtividade; e é uma importante estratégia de defesa para a natureza em face da mudança.

Material de Referência para este módulo

Vídeo

What the Bleep Do We Know!? – 2005, Fox

Internet

www.wisdomuniversity.org

www.duaneelgin.com (Duane Elgin)

www.integrallife.com (Ken Wilber)

www.instituteforsacredactivism.org (Andrew Harvey)

www.joannamacy.net (Joanna Macy)

www.sahtouris.com (Elisabet Sahtouris)

www.GPIW.org (Global Peace Initiative of Women)

www.giordanobrunouniversity.com

Exemplo de Atividades de Aprendizagem Experimental

Realize os seguintes exercícios de meditação guiada na ordem sugerida e depois converse e compartilhe as experiências com todo o grupo. Desenhe uma forma de medir os resultados com os participantes.

1. Visualizar a ecovila como um holograma. Quais são os elementos da sociedade em geral que você quer incorporados em sua ecovila? Quais você excluiria? Discussão em pequenos grupos.
2. Visualizar o corpo como um holograma: as orelhas, a mão, o pé, a íris do olho, todas essas partes contém a essência de todo o corpo.
3. Dar e receber uma massagem nos pés e sentir onde as diversas partes se conectam com o corpo.
4. Exercício de Imaginação 1: Sentar-se calmamente e visualizar o corpo. Perceber o corpo em sintonia com o centro da Terra. O centro do nosso corpo e o centro da Terra se tornam um só, como um flash da consciência intuitiva de Gaia.
5. Exercício de Imaginação 2: Agora, perceber o corpo em sintonia com o centro da galáxia: O centro do nosso corpo e o centro da galáxia se tornam um só, como uma consciência cósmica multidimensional.
6. Exercício de Imaginação 3: visualizações de átomos em expansão. Perceber o corpo como uma infinidade de átomos vibrando. Estes átomos se energizam e começam a se expandir até cubram todo o universo.

Escrever seus pensamentos e ideias. Compartilhe com o grupo o que você achar interessante.

Módulo 2: Reconexão à Natureza

Objetivos de Aprendizagem

- Desenvolver a sensibilidade à Natureza necessária para trabalhar no design em sustentabilidade e Ecovilas de maneira inspirada e competente.
- Compreender que ocupar-se com a saúde da Natureza é fundamental em qualquer discussão sobre sustentabilidade.
- Escutar a Natureza e enxergá-la como uma mestra e guia.
- Iniciar, desde já, a dar passos firmes para honrar e restaurar a Natureza, começando com nossos próprios corpos.
- Conectar-se com a Natureza através de nossa mente, corpo e espírito.

Conteúdo

A raiz dos mais graves problemas que enfrentamos nos dias de hoje está na desconexão, observada ou imaginada, com a Natureza. A civilização, a cultura das cidades, parece ter como um de seus objetivos a substituição da Natureza por um ambiente inteiramente construído por humanos. É só observar os blocos de cimento, cinzentos e quadrados, das grandes cidades, virtualmente desprovidos de vida não humana, abstrações de engenharia que enterram completamente as ecologias sob as quais uma vez já vivemos. Depois de muitas gerações de vida urbana manufaturada, começaram a surgir filosofias e religiões que especulavam sobre o fato de os seres humanos estarem, de alguma forma, separados ou distintos da Natureza. Na verdade, chegou-se ao ponto em que os seres humanos eram considerados verdadeiramente superiores à Natureza. Como isso é possível? Os seres humanos são, tem sido sempre, e sempre serão parte integral da Natureza, e uma aparição bastante recente na trajetória de 3.5 bilhões de anos de biologia evolutiva que representa a saga da Vida na Terra. Esse orgulho humanístico desmedido que tem a pretensão de se considerar superior, degradando assim a Natureza como algo explorável e descartável, gerou um movimento de forças destrutivas difíceis de controlar, e que, com o tempo, podem – e isto não é um exagero – acabar com a vida humana na Terra como conhecemos.

Diante da gravidade dessa situação, Reconectar-se com a Natureza pode parecer um assunto da maior e mais vital importância. Então qual a maneira mais eficiente de se ensinar isso?

Sem a intenção de apoiar o mito do "bom selvagem", geralmente reconhece-se que as culturas nativas que vivem próximas da terra estão conectadas com a Natureza - já que desenvolvem relações recíprocas íntimas com as forças vitais dos lugares onde habitam. Os povos nativos que moram perto da terra tendem a evoluir junto com o meio ambiente de formas mutuamente benéficas e definidas ao longo de grandes períodos de tempo. Esta é a chave da sustentabilidade, o compromisso íntimo e contínuo com um determinado local em que se vive; onde manter a saúde e integridade da Natureza obviamente só traz vantagens para as pessoas. Sob essas condições, em que o que está em jogo é a sobrevivência, as pessoas se manterão sintonizadas e conectadas.

As Ecovilas estão em uma posição única para ensinar sobre o tema Reconectar-se com a Natureza. Uma das características que determinam uma Ecovila - seja ela urbana, suburbana ou rural - é o assentamento "em

que as atividades humanas estão integradas, sem causar dano ao mundo natural”. Este ponto de partida vale a pena, ainda que possa parecer um pouco idealista, porque o que é necessário é a integração. Alguns dos princípios e práticas usadas por Ecovilas de todo o mundo para conseguir essa reintegração são:

- O uso do ritual e cerimônias para reverenciar funções naturais como os ciclos das estações, as fases da lua e as quatro (ou sete) direções.
- O uso do Feng Shui, Vastu, Geometria Sagrada e outras disciplinas geomânticas (adivinhatórias) para estabelecer construções no meio ambiente de maneira auspiciosa, frequentemente alinhada com pontos de energia ou com linhas de *Ley*.
- Dedicar uma parte significativa da terra a funções naturais.
- Identificar e preservar como lugares sagrados todos os que tiverem características especiais como bosques, colinas, promontórios ou lugares com água.
- Criar nódulos de meditação e santuários.
- Construir templos de terra, santuários e altares.
- Usar práticas de arquitetura e localização para integrar as construções à paisagem.
- Regenerar áreas de terra previamente deterioradas para que possam prosperar novamente
- Trazer a Natureza para a ecovila e fazer com que ela seja claramente visível de qualquer ponto possível.

Com a utilização destes princípios e práticas, além de outros, as Ecovilas estão tratando da divisão existente entre humanidade e Natureza e criando condições para uma melhor coexistência. Desta forma, será possível voltar a ouvir e reconectar-se com a Natureza no dia-a-dia.

Este módulo inter-relaciona as dimensões espiritual e ecológica do currículo. Com a expansão da consciência e identidade, ligadas à uma prática espiritual permanente, se torna mais fácil, quase óbvio, a aceitação da responsabilidade de curar a Terra. Reconectar-se com a Natureza se transforma em parte da prática espiritual, na medida em que a Vida é percebida como um todo indivisível, como uma unidade cuja integridade depende da saúde e da vitalidade de todas as suas partes. A mata virgem inalterada pode se transformar em fonte de renovação espiritual, onde se busca consolo e respostas para perguntas profundas. Plantar e cuidar de jardins exuberantes, respeitar e regenerar a força de vida de um lugar, curar as feridas que nos separam dos outros – todos estes são atos de natureza espiritual, pois tratam da evolução planetária e do potencial de vida de todos os seres, sejam ou não humanos. O ser humano enquanto agente consciente regenerador da biosfera – será esta a missão espiritual da próxima espécie de seres humanos?

Três bilhões e meio de anos é tempo demais; há alguma coisa de inerentemente sustentável nos meios da Natureza. Quando seres humanos forem capazes de renunciar ao seu orgulho e se aproximar da Natureza como mestra e guias, muitas importantes lições serão reveladas. O corpo humano é uma fantástica orquestração celular, o produto de um exercício evolutivo completo; por isso, nossos próprios corpos são o contexto mais íntimo para nos reconectarmos com a Natureza. Vá e encontre um espaço natural relativamente calmo – pode ser um parque ou seu próprio jardim. Sente-se em silêncio e relaxe por um momento. Abra seus sentidos. Será que a Natureza tem algo a revelar a você?

Uma citação de David Holmgren, um dos criadores da Permacultura, um sistema de design que modela os sistemas humanos a partir dos sistemas naturais, reflete nosso sentimento:

“Parte do problema da psicologia vigente que prevalece em nossa cultura [Ocidental] é que estamos separados da Natureza e não restritos por seus limites. Evidentemente, a alta e queda da energia destruirão de uma vez por todas essa visão equivocada. O que é necessário, além de tudo, é nos darmos conta de que não somos uma contradição da Natureza, um destruidor dela, mas que temos um lugar nela e podemos reivindicar esse lugar”.

David Holmgren

Exemplo de Atividades de Aprendizagem Experimental

Neste módulo há espaço para muita criatividade e flexibilidade. Elabore, com os participantes, formas de medir os resultados. Faça as atividades seguintes de acordo com a disponibilidade de tempo que houver:

1. Dar um passeio atento pela Natureza e conversar sobre nossas experiências
2. Incluir um poema ou uma história escrita e reflexões pessoais
3. Proporcionar um “encontro íntimo com uma árvore”, vendo- a como algo além de um tronco e seus galhos percebidos como tendo uma função na paisagem.
4. Criar um ritual ou cerimônia em homenagem à Natureza e a nós mesmos, tanto individualmente quanto em grupo.
5. Sentar quieto durante um certo tempo na beira de um bosque e praticar a observação. Então, anotar as suas observações, sensações, pensamentos, sentimentos e realizações.
6. Assumir a voz de outra criatura, uma rã ou um rio, e contar ao grupo com se enxerga o mundo desse ponto de vista.
7. Fazer uma análise de Feng Shui ou Vastu, ou montar um altar às quatro (ou sete) direções.
8. A Busca da Visão/Cerimônia da Árvore: reconectar com a natureza, a fim de saber mais sobre quem somos e por que estamos aqui

Em todos os casos, a ênfase está em divertir-se e celebrar; a comida e o fogo como o centro ajudarão a consumir a experiência.

Módulo 3: Transformação da Consciência

Objetivos de Aprendizagem

- Adquirir perspectivas e consciência que conectam nossa vida planetária ao cosmos
- Explorar nossa missão e objetivos vitais mais profundos
- Iniciar ou reforçar práticas que possam levar à consciência espiritual e a transformação da consciência
- Refletir sobre o nosso lugar na viagem espiritual

Conteúdo

Chega um momento na vida de muitas pessoas que, através de algum tipo de “experiência culminante”, elas se encontram diante de um estado incomum da realidade cuja intensidade faz estremecer suas bases, seus alicerces. As sensações que frequentemente acompanham essa experiência podem ser: uma alegria incomparável, uma sensação de estar conectado com o Universo inteiro, uma sensação de paz e satisfação, uma espécie de compreensão intuitiva da natureza da realidade que não exige explicações e, uma certa amabilidade afetuosa livremente concedida a todas as criaturas. A tendência é de querer se agarrar a esses sentimentos, de permanecer nesse estado eternamente; mas, lamentavelmente, os sentimentos logo se evaporam, e quando a densidade retorna, os iniciados se encontram sozinhos com a experiência de uma visão muito mais vasta e mais extraordinária do que aquelas que já tinham vivido anteriormente. Para alguns, esta experiência culminante pode ser um “despertar” que os coloca firmemente em um caminho espiritual.

Conta-se a história de Lieh-Tzu, que queria conhecer a iluminação (o entendimento), a “meta” da transformação da consciência. Tão grande era o seu desejo que viajou para longe, em busca dos maiores mestres com os ensinamentos mais sábios. Lieh-Tzu era um estudante sincero e dedicado, então, praticava com diligência tudo que aprendia. Um dia, depois de duas décadas viajando, Lieh-Tzu vivenciou esse lampejo de compreensão, essa integração espontânea com o infinito indescritível, essa súbita imersão no mar do inconsciente, chamada iluminação. E o que ele fez diante desta transformação da consciência? Levantou-se da almofada onde se sentava, despediu-se de seus companheiros, e foi embora, direto para o rancho da família para ajudar a esposa no trabalho – alimentar os porcos, cortar lenha, tirar as ervas daninhas da horta. E lá permaneceu pelo resto de sua nobre vida.

Parece que o caminho não é uma escalada continua, mas sim uma espiral que às vezes parece subir e, outras, descer. A viagem é o destino. Não há nada por que lutar – só vida para ser vivida. Tentar se apegar à sensação de alegria pode levar à decepção; é muito mais proveitoso criar as condições para que possa alcançar essa alegria de maneira contínua, espontânea, por si mesma- para o benefício de todos. Este é o caminho da natureza; e esta é uma das funções da ecovila.

Mas alguma coisa certamente mudou. O centro de gravidade é diferente. Pensar em voltar para o velho estilo de vida limitado, e egocêntrico parece degenerativo. A transformação da consciência é uma expansão da consciência. Minha identidade passa a incluir mais e mais do mundo ao meu redor. Já não sou mais uma “unidade” isolada, mas parte integral de uma comunidade; e esta comunidade humana está evoluindo com

uma comunidade natural em um nicho ecológico; e este nicho ecológico é apenas um ecossistema entre uma multidão de outros dentro de nossa anfitriã maior Gaia; e Gaia é membro de um sistema solar – apenas um sistema solar dentro de uma multidão de outros em nossa galáxia local. Esta galáxia tem um centro bem definido de onde novos mundos parecem emergir espontaneamente. À medida que minha identidade se torna mais inclusiva, cresce a minha responsabilidade. Meus pensamentos e atos têm consequências: podem influenciar o surgimento de novos mundos.

Uma característica comum a todos os que estiveram por algum tempo no caminho é uma humildade autêntica e profunda, um respeito reverencial e sincero pela imensidão incomensurável e pelo esplendor cintilante que o Grande Mistério. Todas as tradições espirituais e religiosas parecem seguir o mesmo caminho: o caminho do serviço para a totalidade, do serviço para aliviar o sofrimento dos menos favorecidos; do serviço que surge do amor puro e da compaixão, do serviço como retenção e perdão e, por fim, esse é o serviço. Pois se olhou nos olhos de quem amamos, e que mais podemos fazer senão ajudar?

Material de Referência para este módulo

Vídeos

The Four Noble Truths - H.H. The XIV Dalai Lama, 1999, Mystic Fire Productions

Invitation from God, an Interview with Thomas Keating, Marie Louise Lefevre.

Exemplo de Atividades de Aprendizagem Experimental

Reserve as manhãs para medir os resultados das seguintes práticas:

1. Separe um tempo diariamente para a meditação silenciosa, usando uma variedade de técnicas conhecidas por aqueles que a realizarão. Isso deve ocorrer em um local adequado devidamente reservado para tal atividade. Também haverá meditações guiadas, como parte do material do curso, vividos por todos os estudantes durante os horários regulares do curso.
2. Pratique técnicas de visualização positivas familiares aos facilitadores do curso.
3. Práticas de Hatha Yoga, Tai Chi, Chi Kung e outras técnicas e disciplinas de movimento corporal conforme conhecimento do instrutor, estas atividades também poderão ser realizadas pelo aluno.
4. Institua vários lembretes para deixá-los atentos ao longo do dia.
5. Compartilhe seus sonhos nos encontros matinais como uma maneira positiva de participar dos processos pessoais e grupais.

Módulo 4 - Saúde pessoal e planetária

Objetivos de Aprendizagem

- Olhar para o ser humano como um ser holístico - a união da mente, corpo e espírito
- Compreender que curar a Terra é um pré-requisito para a nossa própria saúde, e agir sobre ele
- Direcionar nossa atenção para as necessidades não satisfeitas da pessoa como um todo, incluindo aquelas em um nível interno, a fim de curar a nós mesmos
- Reconhecer a sabedoria dos métodos tradicionais de cura e harmoniza-los com os conhecimentos da medicina moderna Oriental e Ocidental
- Reconhecer que cada ser humano é único, e que para cada um o caminho para bem-estar é específico e pessoal
- Praticar a prevenção como o melhor método de manutenção e restauração da saúde

Conteúdo

Ao curar a nossa relação com a Terra, nós nos curamos. As antigas tribos mostravam reverência e respeito pela interligação dinâmica da vida neste planeta. Por muito tempo, a civilização ocidental tem tratado a Terra como um reservatório de “recursos” exploráveis e como um depósito para os resíduos tóxicos da industrialização. A poluição do nosso ar, água, terra e alimentos está nos fazendo adoecer. Os países ricos consumiram, e ainda estão consumindo muito além da sua cota sustentável, e todos nós sabemos que este tipo de estilo de vida voraz está reduzindo as possibilidades de um futuro próspero e saudável para todas as crianças do mundo.

Restaurar uma relação honesta e respeitosa com a Terra naturalmente nos convida a nos reconectarmos com a sabedoria dos métodos de cura tradicionais. Começando com o ato básico de consumir alimentos saudáveis que crescem ao nosso redor, e colher as plantas que sorriem para nós ao longo de nossos caminhos, manteremos corpos saudáveis assimilando as forças de vida das nossas localidades. O sistema moderno de saúde, que depende de produtos farmacêuticos sintéticos, nega uma relação viva com a natureza. As técnicas da medicina moderna podem ajudar nos casos de intervenção mais radical; mas a base da saúde se apoia diretamente em um regime de prevenção holística, as chamadas abordagens “leves”. Nas Ecovilas, encontramos uma parceria/associação de terapias e medicina complementares. Cada ser humano é único e para cada um o caminho para a saúde e bem estar é específico e pessoal, por isso todas as opções devem ser exploradas.

A relação entre o fornecimento de cuidados a um indivíduo e o sistema econômico global leva a uma maior dependência de ávidas corporações transnacionais para satisfazer as necessidades locais, o que é completamente contraditório. O capitalismo é um sistema planejado para explorar o capital natural e cultural da maneira mais rápida e eficiente quanto for possível – não se ocupa do campo dos cuidados. Na maioria dos países, a solidariedade social foi sistematicamente desmantelada, em especial a nível comunitário, onde os pobres estão ficando cada vez mais pobres. A ecovila é uma solução para recuperar a responsabilidade dos cuidados a nível local. Nos próximos anos, talvez possamos ver os princípios do design

de ecovilas sendo onipresentemente aplicados nas comunidades de aposentados à medida que a geração envelhecida dos *baby-boomers* descobrir que nem o governo e nem as empresas estão preparadas para ajuda-los.

A saúde não consiste simplesmente em evitar a doença; a saúde é um modo de vida. Uma ótima saúde não inclui apenas o corpo físico, mas também as dimensões mentais, emocionais e sociais da existência. Nas sociedades modernas, existe uma tendência para a segregação dos diferentes fios da vida; por exemplo, parece não ter importância, que as pessoas se excedam no trabalho, acumulem tensões e acabem exaustas porque durante as férias podem comprar um tempo de “bem estar” de que precisam para se recuperar; ou não importa se nos mostrarmos indiferentes, desinteressados ou impessoais, porque o relacionamento e a intimidade pertencem a esfera “particular”. Nas Ecovilas, todos estes aspectos são reintegrados em uma vida completamente holística verdadeiramente, não compartimentada, onde a plenitude é o principal objetivo. Viver numa rede de relações significativas é fundamental para a saúde e para a cura. Sentir-se aceito, amado e necessitado estimula uma alegria cheia de esperança em viver e uma abertura de boas-vindas à tudo que for novo.

Nestas situações, a doença pode ser vista como um indicador, uma mensagem que nos traz informação sobre o que está em nosso redor – a comunidade, a sociedade e a natureza – e também sobre nós mesmos. Podemos aprender a compreender, transformar e corrigir a doença, ao invés de corrermos para tentar nos livrar dessa condição o mais depressa possível. No sistema global, as pessoas perdem seu valor econômico no momento em que envelhecem ou ficam doentes e não são mais capazes de trabalhar nem cuidar de si mesmas. Nas comunidades, temos a oportunidade de criar um novo precedente de solidariedade e cuidado ao próximo.

Se o meu corpo é parte de um corpo social, curar o meu corpo ajudará a curar o corpo social. Uma saúde sustentável começa com a reconexão da separação corpo-mente que caracteriza a sociedade industrial. Nós não meramente temos corpos, nós somos corpos; a mente não é “substância” separada do corpo, e sim a interface poética entre o corpo e seu ambiente. Atender as necessidades do corpo – ar fresco, água pura, comida nutritiva, exercício regular, carinho e afeto – é a principal estratégia para manter a saúde individual em um nível excelente. Como avaliamos a relação com nossos corpos? Ela poderia melhorar? Existem inúmeros exercícios para a “consciência corporal” que foram desenhados para redescobrir o conhecimento íntimo desta relação que experimentaremos neste módulo. Existem também meditações cujo objetivo é explorar o corpo e suas sensações; um resultado da prática regular é frequentemente o surgimento da capacidade de perceber o corpo como um campo energético, onde se observa bloqueios ou áreas densas.

A partir desta perspectiva energética, pode-se dizer que todos nós fomos criados como seres espirituais, irradiando luz divina de dentro de nós - existe um corpo etéreo espiritual sobreposto ao corpo material, do qual é precursor. Todo bloqueio emocional, como os julgamentos, ressentimentos e ansias, cobrem nossa luz com sombras e precisam ser transcendidos e superados. Em última instância, tudo consiste em vibração e na eliminação daquilo que impede e dificulta a circulação livre desta vibração. A partir da perspectiva dos chakras, devemos restaurar o movimento livre do prana em todos os níveis do nosso sistema corporal energético; só então poderemos nos movimentar com uma graça digna e autônoma e recuperar nosso ser essencial, como um irradiador da luz divina efervescente.

Atividades de aprendizagem experimental

Realize um ou mais dos seguintes exercícios em grupos de quatro pessoas de acordo com o conhecimento já presente no grupo e elabore com os participantes uma forma de medir os resultados:

1. Pratique meditação para a consciência corporal através de jogos
2. Pratique técnicas de cura como o Chi Kung, a terapia da polaridade, acupressão, renascimento, trabalho de respiração, liberação de estresse através de prana, etc.
3. Inicie círculos de massagem.
4. Prepare e teste chás de ervas.
5. Prepare tinturas e unguentos.
6. Cada participante lidera uma sessão de exercícios aeróbicos
7. Jogue Frisbee e vôlei com outros participantes. Redefina as regras.
8. Tenha uma comunicação aberta sobre sexualidade. Não é necessária a aplicação prática!
9. Desenvolva um modelo em escala de uma ecovila para um sistema preventivo de saúde.
10. Planeje in loco uma clínica de saúde para participantes e visitantes, que atenda os problemas de saúde de cada pessoa e ofereça remédios para curá-los.
11. Planeje e construa uma horta de plantas medicinais, depois de pesquisar o tema.

Módulo 5: Espiritualidade socialmente engajada

Objetivos de Aprendizagem

- Unir o caminho “interno” de transformação espiritual e o caminho “externo” de mudança social.
- Empoderar novos praticantes desta espiritualidade socialmente engajada com exemplos fortes dos pioneiros inovadores.
- Incluir o despertar espiritual e a transformação da consciência no programa de mudança social, e incluir o ativismo de mudança social no programa espiritual.
- Facilitar a colaboração criativa entre grupos com uma orientação espiritual e grupos pela mudança social e, desta forma, levar adiante os objetivos de ambos de uma forma sinérgica.

Conteúdo

Durante milhares de anos existiu uma tradição, respeitada pelo tempo, segundo a qual os investigadores espirituais e os ascetas deveriam “subir a montanha”, ir para o deserto ou para a floresta, escapar do alvoroço e do clamor da sociedade e do mercado. Isolados na beleza virgem da Natureza, eles poderiam encontrar a tranquilidade necessária para mergulhar no devaneio espiritual, livres dos problemas do mundo. Mas, nas últimas décadas, o barulho e a poluição do mundo os seguiram até a montanha! O céu azul imaculado que enfeita os monastérios da montanha foi agora afetado pela chuva ácida e pelas alterações climáticas invasivas, enquanto os exuberantes bosques mais próximos estão sendo, cada vez mais, derrubados pelas motosserras dos madeireiros. Os problemas intratáveis da sociedade humana se espalharam a ponto de alcançar cada canto da Terra.

Assim, o investigador espiritual se vê agora obrigado a descer do alto da montanha e a se engajar no mundo como parte de sua disciplina espiritual. A crise da civilização moderna alcançou proporções extremas que sendo necessário uma transformação radical para que os humanos possamos sobreviver, sem falar em prosperar, e uma parte importante da tarefa do investigador espiritual é facilitar esta transformação.

Um padrão paralelo na liderança da mudança social secular mantém também, há tempos, sua influência: um enfoque exclusivo na reforma social e econômica direcionando às mais sutis dimensões espirituais ou filosóficas da vida. Notáveis líderes da mudança social e instituições fizeram grandes esforços para se manter à distância de qualquer filiação religiosa ou associação espiritual. A mudança social é considerada como uma inovação cultural prática, alimentada pela necessidade social e baseada em estruturas legais, corporativas e científicas. A espiritualidade e a transformação da consciência eram vistas como irrelevantes porque implicavam valores e práticas particulares que se presumia terem pouco impacto no pragmatismo do “mundo real”.

Mas os líderes da mudança social descobriram que sua tarefa é impossível sem uma transformação profunda na consciência e nos valores humanos. Como exemplo, os abnegados defensores da energia solar, por exemplo, travaram longas e nobres batalhas para apoiar a adoção, por países em desenvolvimento de todo o mundo, de uma energia solar limpa, descentralizada, em vez da perigosa energia nuclear e dos combustíveis fósseis poluidores - apenas para descobrir que, quando suas estimadas políticas foram finalmente adotadas pelo Banco Mundial ou pelo FMI, elas foram usadas para instalar aparelhos de

televisão alimentados por energia solar em remotas sociedades nativas tribais, com o objetivo de levar a elas anúncios corporativos ocidentais, a MTV e as novelas. No período de poucos anos, o choque e o assombro causado por esta invasão tecnológica dizimou o tecido social das poucas culturas sustentáveis que restavam na Terra. A suprema ironia era que as mesmas virtudes ecológicas da energia solar tornaram possível impingir Ronald McDonald ao homem do campo africano, e que os sucessos da MTV começaram a usurpar as canções dos aborígenes australianos.

A lição é simples e talhada em dois sentidos: a espiritualidade sem mudança social é manca e a mudança social sem espiritualidade é cega. A transformação espiritual na ausência de uma mudança social e ecológica fundamental é, em última instância, inútil, “como se se pudesse salvar a alma enquanto a biosfera se desintegra” (Theodore Roszak). E a reforma social e ecológica, na ausência de um despertar espiritual, tem mostrado ser fatal, como se fosse possível proteger a biosfera enquanto a alma da humanidade sucumbe. O “despertar espiritual” significa, em última instância, manifestar amor e sabedoria nos corações e mentes da humanidade. Sem esta transformação, inclusive as inovações sociais e ecológicas mais promissoras serão rapidamente superadas pela propagação do consumismo e pelo rápido crescimento populacional em todo o planeta. A transformação da consciência e dos valores já não é um luxo reservado para poucos, mas se tornou um imperativo para as massas.

Felizmente, ao longo da última década, surgiu uma onda de novas iniciativas comprometidas com a criação de uma ponte entre a mudança social e a prática espiritual. Formas inovadoras de “espiritualidade socialmente engajada” estão surgindo de várias direções e de uma só vez. Grupos budistas e hindus, que anteriormente se entregavam apenas a disciplinas contemplativas, estão saindo às ruas, enquanto lideranças da mudança social se sentam em suas almofadas de meditação em um número cada vez maior. A espiritualidade socialmente engajada não é nova, mas agora recebe renovada atenção. O Upanishad Isha, uma antiga escritura hindu, alerta contra os perigos de uma vida dedicada unicamente à meditação, ou apenas à ação, e exalta as virtudes de uma vida dedicada a ambas: meditação e ação.

As raízes da espiritualidade socialmente engajada são igualmente fortes nas tradições ocidentais. As profecias judaicas enunciam o que foi provavelmente o maior grito por justiça e dignidade humanas de todas as escrituras. A fé cristã tem uma longa tradição de serviço espiritual. A missão da Madre Teresa foi bastante visível; e igualmente inspiradora é Dorothy Day, fundadora do movimento Católico Trabalhador, que criou 185 “casas de hospitalidade” para os pobres, desafiando a opressão social. Thomas Merton e os irmãos Berrigan foram pioneiros em sua oposição à guerra do Vietnã.

O mestre sikh Tara Singh certa vez observou: “A humanidade sobreviveu à pobreza, mas eu me pergunto se poderemos sobreviver à riqueza”. A espiritualidade socialmente engajada oferece a esperança, não apenas da sobrevivência da humanidade, mas também de seu florescimento. À medida que aprendemos a substituir os bens materiais pelos tesouros espirituais, nos afastamos da incessante extração de recursos externos limitados, e nos voltamos para as fontes infinitas que estão dentro dos nossos próprios corações. Desta maneira, a maldição da riqueza desenfreada poderá se dissolver na cura do amor sem limites.

Atividades de aprendizagem experimental

Experimente quantas das seguintes atividades seu tempo permitir e desenvolva uma maneira de medir os impactos delas sobre os participantes:

1. Conduza meditações orientadas sobre nosso apego a bens materiais e a valores sociais de fama e reputação e então sugira/pratique/discuta maneiras para se libertar desse apego.
2. Introduza os “Princípios de espiritualidade comprometida” do Instituto Satyana e outros princípios de engajamento espiritual, como a “Declaração de base comum” de Findhorn. Investigando como eles se aplicam especificamente a nossas vidas.
3. Realize conversas em grupos pequenos para exercícios experimentais sobre identidade de classe e condicionamento baseados em graus de riqueza e espiritualidade (segundo o trabalho de Jenny Ladd e Arnold Mendel).
4. Adote projetos práticos de grupo para o ativismo espiritual socialmente engajado, nos quais nos comprometemos a trabalhar em um tema social ou ecológico em particular, segundo os princípios da espiritualidade socialmente engajadas inspirados do Instituto Satyana.
5. Cultive práticas contemplativas (meditação ou a oração), como formas de trazer a energia transformadora e a compreensão para um conflito ou uma calamidade social específica.
6. Explore o poder de ser testemunha da injustiça social e contra o meio ambiente (exemplo: “Women in Black”) através da discussão, teatro ou escrita
7. Discuta maneiras como suas qualidades espirituais podem ajudá-lo a produzir uma mudança social

Material de Referência da Visão de Mundo

Adams, Patch. (1998). *Gesundheit: Bringing Good Health to You, the Medical System, and Society through Physician Service, Complementary Therapies, Humor, and Joy*. Rochester, VT: Healing Arts Press.

Aung San Suu Kyi (1995). *Freedom from Fear and Other Writings*. London: Penguin Books.

Bond, George D. (2004). *Buddhism at Work: Community Development, Social Empowerment and the Sarvodaya Movement*. Sterling, VA: Kumarian Press.

Beck, Don E. and Cowan, Christopher C. (1996). *Spiral Dynamics: Mastering Values, Leadership, and Change*. Cambridge, Mass., USA: Blackwell Business.

Berry, Thomas. (1999). *The Great Work, Our Way into the Future*. New York: Bell Tower.

Berry, Thomas (2006). *Evening Thoughts: Reflecting on Earth as Sacred Community*. San Francisco: Sierra Club Book.

Benyus, Janine M. (1997). *Biomimicry: Innovation Inspired by Nature*. New York: William Morrow.

Bohm, David (1980). *Wholeness and the Implicate Order*. London: Rutledge.

Capra, Fritjof (2004). *The Hidden Connections: A Science for Sustainable Living*. New York: Anchor.

Chopra, Deepak (1991). *Perfect Health: The Complete Mind/Body Guide*. New York: Harmony Books.

Dalai Lama. (2010). *Toward a True Kinship of Faiths. How the World's Religions can come together*. Three Rivers Press, N.Y.

Diamond, John. (2001). *Holism and Beyond: The Essence of Holistic Medicine*. Ridgefield CT: Enhancement Books.

Eisler, Riane. (1987). *The Chalice and the Blade*. San Francisco, Harper.

Elgin, Duane. (2000). *Promise Ahead: A Vision of Hope and Action for Humanity's Future*. (Columbus, Georgia: Quill Publications.

Elgin, Duane. (2009). *The Living Universe*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler Publishers.

Gibran, Kahil. (1962). *The Prophet*. New York: Alfred A. Knopf.

Harvey, Andrew. (2009). *The Hope: A Guide to Sacred Activism*. Carlsbad, California: Hay House.

Harner, Michael. (1990). *The Way of the Shaman*. San Francisco: Harper.

Hutanuwatr, Pracha and Manivannan, Ramu. (2005). *The Asian Future: Dialogues for Change (Two Volumes)*. Zedbooks, London

- Jackson, Ross. (2007). *A Gaian Utopia*. Retrieved 1/25/2012 from www.ross-jackson.com
- Jackson, Ross. (2000). *Kali Yuga Odyssey*. San Francisco: Robert D. Reed Publishers.
- Klein, Allen. (1989). *The Healing Power of Humor*. Los Angeles: Tarcher.
- Kligler, Benjamin. (2004). *Integrative Medicine*. New York: McGraw-Hill, Medical Pub. Div.
- Keepin, Will. (2007). *Divine Duality: The Power of Reconciliation Between Women and Men*. Prescott AZ: Hohm Press.
- Keepin, Will and Harland, Maddy (Eds.). (2011). *The Song of the Earth: The Emerging Synthesis of the Scientific and Spiritual Worldviews*. UK: Permanent Publications. Downloaded gratis from www.gaiaeducation.org
- Kumar, Satish. (2005. March/April) *The Spiritual Imperative*. Resurgence Magazine. Issue 229.
- Lovelock, J.E. (1979). *Gaia: A New Look at Life on Earth*. New York: Oxford University
- Macy, Joanna. (1985). *Dharma and Development: Religion as Resource in the Sarvodaya Self Help Movement*. Sterling VA: Kumarian Press.
- Macy, Joanna. (1998). *Coming Back to Life: Practices to Reconnect Our Lives, Our World*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.
- Markides, Kyriacos. (1985). *The Magus of Strovolos: The Extraordinary World of a Spiritual Healer*. London: Penguin Books.
- Melchizedek, Drunvalo. (2003) *Living in the Heart: How to Enter into the Sacred*. Flagstaff, Arizona: Light Technology Publishing.
- McDonough, W. and Braungart, M. (2002). *Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Thing*. New York: North Point Press.
- Næss, A. (1989). *Ecology, Community and Lifestyle: Outline of an Ecosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Norberg-Hodge, Helena. (1991). *Ancient Futures: Learning from Ladakh*. San Francisco: Sierra Club Books.
- Russell, Peter. (Sep/Oct 2003). *Deep Mind: Beyond Science, Behind Spirit*. Resurgence no. 220.
- Sahtouris, Elisabet. (1989). *Gaia: The Human Journey from Chaos to Cosmos*. New York: Pocket Books
- Sahtouris, Elisabet. (2000). *Earthdance: Living Systems in Evolution*. San Jose, CA: iUniverse Publishing.
- Seed, John. (1988). *Thinking Like a Mountain*. Philadelphia: New Society Publishers.
- Shields, Katrina. (1994). *In the Tiger's Mouth: An Empowerment Guide for Social Action*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.

Shiva, Vandana. (1994). *Staying Alive: Women, Ecology, and Development*. London: Zed Books.

Sivaraksa, Sulak. (1999). *Global Healing: Essays and Interviews on Structural Violence, Social Development and Spiritual Healing*. Bangkok: Thai Inter-Religious Commission for Development.

Sri Aurobindo. (1985). *The Life Divine*. Delhi: Lotus Press.

Suvaraksa, Sulak. (2005). *Culture, Conflict, Change: Engaged Buddhism in a Globalizing World*. Boston: Wisdom Publications.

Thich Nhat Hanh. (2003). *Creating True Peace: Ending Violence in Yourself, Your Family, Your Community, and the World*. New York: Free Press.

Tolle, Eckhart. (2005). *The New Earth: Awakening to Your Life's Purpose*. New York: Penguin Books.

Wilber, Ken. (2001). *A Theory of Everything. An Integral Vision for Business, Politics, Science and Spirituality*. Dublin: Gateway.

Wong Kiew Kit. (2002). *The Complete Book of Chinese Medicine: A Holistic Approach to Physical, Emotional and Mental Health*. Rockville, MD: Cosmos Publishers.

A DIMENSÃO SOCIAL



Resultados de Aprendizagem

Os participantes aprenderão a ...

- criar uma visão comum para um projeto coletivo
- melhorar nossas habilidades de liderança e processos de participação de grupo inclusivo
- tomar decisões que todos possam aceitar e apoiar
- dar boas-vindas ao conflito e diversidade como um convite para o crescimento
- criar rituais e celebrações espontâneas e voluntárias

“O próximo Buda não terá uma forma humana. O próximo Buda poderá muito bem ter a forma de uma comunidade, uma comunidade que pratique a compreensão e a amabilidade afetuosa, uma comunidade que pratique uma forma de viver consciente. Isso pode ser a coisa mais importante que podemos fazer pela sobrevivência da terra”.

Thich Nhat Hanh

Visão Geral

Evidências arqueológicas demonstram que o modelo social original dos seres humanos consistia em reunir-se em pequenos bandos ou clãs, com igualdade de condições para todos, com relações estreitas entre seus membros e muito próximos da Natureza. Hoje em dia precisamos reinventar conscientemente formas de vida em comum que sejam harmoniosas e cooperativas. Por isso, a semeadura, o cultivo e a construção de comunidades e redes de comunidades são passos fundamentais na direção de um futuro mais habitável e sustentável. Como típicos centros de vida e de aprendizagem, onde pessoas procedentes de diversas culturas, diferentes linhas espirituais e situações econômicas exploram a comunhão sinérgica de abraçar juntos a diversidade, as ecovilas inspiram uma nova cultura global de paz e prosperidade. Entrando e gerando uma base cada vez mais ampla de crescimento pessoal, apoio mútuo, respeito e amabilidade, com as ferramentas corretas, podemos liberar o potencial e o talento humanos para que trabalhem em benefício de todos. Se formos capazes de criar uma cultura de paz entre nós, em nossas comunidades locais e grupos sociais, então qualidades como a amabilidade, a confiança e a boa vontade terão uma oportunidade de crescer e se multiplicar.

A industrialização e o sistema econômico global trouxeram com eles um aumento no consumo e um senso de independência; mas isso veio acompanhado por efeitos secundários desagradáveis e perniciosos, como o individualismo predatório, a alienação social, vícios desenfreados e o desmoronamento da família. O Hemisfério Sul - onde se conserva grande parte da estrutura social tradicional - ainda tem lições para ensinar ao Norte. A organização social da aldeia tradicional, ainda viva em várias partes do mundo, pode provar ser o modelo mais sustentável a ser copiado. Talvez grande parte do segmento menos consumista da população mundial consiga evitar o atual estágio de desenvolvimento super individualista e industrializado e saltar diretamente para o futuro pós-industrializado baseado no conhecimento, no cooperativismo e na interdependência entre ecovilas. Este é um bom motivo para insistir na educação e no intercâmbio global enquanto estratégias para a resiliência.

Um dos principais motivos que fazem as pessoas se sentirem atraídas pela forma de vida das ecovilas é a possibilidade de aumentar suas oportunidades sociais - e este pode ser um dos maiores valores das ecovilas. Dentro do contexto de comunidade oferecido pelas ecovilas, os moradores desfrutam de numerosos benefícios não disponíveis ao modelo individualista, tais como: um lugar seguro para criar seus filhos, onde diversos adultos podem servir como exemplos; dispor de mais tempo para a família e para os amigos e dedicar menos tempo a trabalhos estressantes ou para se deslocar de um local a outro; mais oportunidades para criar negócios caseiros ou indústrias artesanais, possivelmente em colaboração com amigos da comunidade; os pais se torna mais fácil integrar suas atividades profissionais com o cuidado das crianças; há mais oportunidades para se dedicar a atividades criativas como a música e o teatro, com os vizinhos; podem ser organizadas refeições compartilhadas; é possível compartilhar oficinas, lojas e outros espaços de lazer, o que significa menos compras, menos gastos e, portanto, não ter que gastar tanto; as associações políticas frequentemente têm sua base na própria ecovila; as pessoas se sentem satisfeitas com suas relações sociais, o que faz diminuir drasticamente o consumismo, os vícios e o crime; as ecovilas facilitam também a integração das pessoas que têm diferentes capacidades, os idosos e outros grupos de risco, de maneira que eles possam desfrutar de uma vida mais plena e mais intensa.

Não é de se estranhar que nossos antepassados tenham se organizado espontaneamente em pequenos grupos, administráveis e responsáveis; as necessidades humanas básicas são satisfeitas muito mais facilmente desta maneira e há mais tempo para o lazer. O que não quer dizer que a vida em comunidade não implique em trabalho. Na verdade, requer um comportamento atento e uma maior consciência das necessidades e idiossincrasias dos outros. Principalmente, para aqueles educados dentro do paradigma hiperindividualista, é difícil aprender as sutilezas desta relação construtiva, respeitosa e mutuamente benéfica que ocorre em comunidade, inicialmente, e enquanto a pessoa se habitua a ela, talvez seja necessário um grande esforço, até que finalmente essas qualidades passam a ser conhecidas como parte da herança humana, parte de nossa condição humana.

Construir comunidades cooperativas, harmoniosas e socialmente saudáveis em locais não tradicionais requer grande esforço e tem desafios que não devem ser subestimados: recuperar as conexões perdidas, superando limites e barreiras de incompreensão e má comunicação exige intenção firme, clara e pacífica. Uma das razões mais comumente citadas quando um projeto de ecovila ou comunidade intencional fracassa é o conflito. Por isso, para criar comunidades bem-sucedidas, é necessário entrar em um processo de cura em que, deixando de lado os tradicionais ciclos de dor e violência que se repetem na história humana, assumimos nossa responsabilidade de começar de maneira diferente; o fato é que este processo de cura é necessário, e as habilidades sociais construtivas e curativas de que precisamos podem ser ensinadas e aprendidas. Podemos desenvolver relações humanas pacíficas e produtivas como resultado de uma escolha consciente e deliberada, sem temer por que deixá-las entregues à própria sorte ou a um capricho.

Desta forma, a dimensão social da EDE introduz esses temas de importância vital e oferece as ferramentas e habilidades necessárias para tratá-los de maneira eficiente. As ecovilas, enquanto modelos fundamentais de comunidade sustentável oferecem oportunidades únicas para desenvolver e pôr em prática linguagem e técnicas que abram espaço para que as sutilezas da interação humana aflorem, onde podem ser examinadas, trabalhadas e superadas. Com esta parte do currículo queremos compartilhar, na medida do possível, a sabedoria acumulada que continua a crescer a partir de experiências deste tipo. Nosso objetivo é facilitar a criação de novas comunidades e a renovação das já existentes. As comunidades prosperam quando as pessoas que vivem nelas também prosperam!

A dimensão social da EDE aborda aspectos vitais para a existência humana em cinco módulos:

- **Módulo 1 – Construir Comunidade e Abraçar a Diversidade** discute os fundamentos do desenvolvimento comunitário e expõe valores e habilidades que ajudam a promover uma atmosfera de confiança.
- **Módulo 2 – Ferramentas de Comunicação: Conflito, Facilitação e Tomada de Decisões** é uma jornada que nos leva a aprender a arte da tomada de decisões, gerenciamento de conflitos e a facilitação de grupos.
- **Módulo 3 – Liderança e Empoderamento** oferece lições para se distinguir entre “poder a partir de dentro” e “poder sobre”, e desenvolve as habilidades de liderança como parte importante quando se assume responsabilidades.
- **Módulo 4 – Arte, Ritual e Transformação Social** descreve como as comunidades e os indivíduos podem despertar seus poderes criativos da celebração
- **Módulo 5 – Educação, Redes Sociais e Ativismo** observa as dimensões do conhecimento e consciência dos fios que nos conectam com as gerações do passado e do futuro, assim como com as comunidades existentes em todo o mundo.]

Recurso da Dimensão Social: *Beyond You and Me (Além de Eu e Você)*

Beyond You and Me: Ferramentas Sociais para a construção da comunidade é a Chave Social da série as Quatro Chaves da Gaia Education para Comunidades Sustentáveis em todo o planeta. Faça o download grátis no site www.gaiaeducation.org

Módulo 1: Construir Comunidade e Abraçar a Diversidade

Objetivos de Aprendizagem

- Appreciar o imenso poder para a mudança social que resulta da criação de uma comunidade.
- Adquirir habilidades interpessoais sociais para como dar início a uma comunidade inclusive: como organizar um grupo central, forjar uma visão comum, criar o elemento aglutinador necessário e introduzir uma atmosfera de confiança e boa vontade.
- Incorporar os assuntos do coração humano a tudo o que fazemos.
- Desenvolver as qualidades do perdão, da empatia e da reconciliação em nossas relações com os outros.
- Abraçar a diversidade e ter a disposição de nos tornarmos testemunhas da riqueza que ela traz a nossas vidas.

Conteúdo

“Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos comprometidos possa mudar o mundo; na verdade, nunca foi de outra maneira”

Margaret Mead

O poder de criar a comunidade

Criar uma comunidade pode fazer toda a diferença! Existe uma “mente grupal” que é muito mais sábia que qualquer indivíduo; existe um potencial grupal que é muito maior que qualquer esforço individual. De qualquer forma, vivemos em comunidade como parte da Trama da Vida; e temos o poder de decidir conscientemente se reconhecemos este fato e se assumimos a responsabilidade de criar uma forma de comunidade que seja bem construída e tenha uma expressão positiva.

Respeitar a vida significa, essencialmente, cuidar da comunidade em todos os níveis. Ainda que esta parte do currículo esteja centrada na criação de comunidades humanas, as qualidades necessárias são basicamente as mesmas na hora de nos relacionarmos com os diferentes mundos naturais. Em ambos casos, pensamento e ação conectados são necessários. As principais pautas incluem o desenvolvimento de uma capacidade mais afinada de observação e de comunicação sensível. Deixar de julgamento interior, em que sentimos que já conhecemos tudo, e nos permitir perceber tudo de uma nova maneira.

Só assim podemos chegar a apreciar a singularidade e a individualidade de cada um, possibilitando o compartilhamento e a cooperação. Construir uma nova cultura global é o produto acumulado de muito trabalho individual e coletivo.

O início: o que une a comunidade

As comunidades fortes são criadas a partir de indivíduos fortes. Frequentemente é mais fácil começar um novo projeto com um pequeno, porém dedicado grupo central. As comunidades encontram a coesão necessária através de uma visão comum que seja simples, clara e autêntica. Articular e registrar esta visão comum são um dos principais objetivos a ser alcançado quando se dá início a uma comunidade. Contar com uma intenção coletiva e um conjunto de valores que tenham sido delineados e aceitos por todos pressupõe terra fértil para o crescimento do grupo. Segundo Diane Leafe Christian, a visão precisa expressar alguma coisa com que cada um se identifique, em que se inspire e com que se comprometa. Diferentes técnicas podem ser usadas para garantir que todos contribuam com a visão, como por exemplo, os Workshops do Futuro.

A amizade, o cuidado e o apoio mútuo são as qualidades das relações humanas que mantêm uma comunidade unida. Em uma atmosfera de confiança, os processos comunitários fluem com facilidade, entre risos e muita diversão. Mas a confiança precisa ser cultivada. A confiança cresce a partir da profunda comunicação entre corações. Se nos mostramos aos outros de uma forma autêntica, com nossas forças e nossas fraquezas, se expressamos o que temos na mente e no coração, a confiança surge de maneira natural. Uma sensação de bem-estar coletivo é criada. É uma fascinante viagem de descobrimento em que embarcamos. Uma comunidade se parece muito com um pomar: se o campo das interações humanas estiver bem cuidado, os frutos crescem com abundância.

Incorporar os temas do coração humano

Uma comunidade precisa de uma estrutura social, e isso inclui uma arquitetura que reflita os diferentes aspectos da natureza humana. Temos que integrar nossos corações, sentimentos, alma e espírito com nossas mentes para encontrar soluções que abracem a Vida. Precisamos de tempo e espaço para o trabalho visionário, para as conversas práticas e a tomada de decisões, para a expressão criativa de sentimentos em grupo e entre amigos íntimos, para a celebração e o silêncio e, por último, para trabalharmos juntos. Em muitos grupos, o conteúdo (o que se diz, o que se discute) adquire toda a importância, enquanto que o processo (os sentimentos que surgem no grupo, e que variam na medida em que atendam ou não necessidades profundas) é deixado de lado. Isso tende a acontecer porque as pessoas têm medo de se perder em manifestações emocionais pouco produtivas. As emoções, no entanto, podem minar o trabalho eficaz de um grupo se forem paralisadas ou, ao contrário, podem impulsionar esse trabalho se forem expressas com beleza, dignidade e força.

Para isso foram desenvolvidas técnicas, e é importante encontrar as que melhor se adaptam ao contexto social e cultural em que estivermos. Contar histórias e dedicar um tempo todos os dias para compartilhar e refletir são duas excelentes maneiras de se conectar a nível afetivo. Compartilhar sonhos ou mesmo representá-los pode ser uma forma de ilustrar os movimentos afetivos inconscientes que acompanham determinados assuntos coletivos. A comunicação não violenta, ouvir uns aos outros e o “Fórum” são outros métodos que favorecem uma atmosfera de comunicação a partir da introspecção pessoal. A música, os jogos e o riso são recursos inestimáveis no processo de abrir nossos corações e de voltar a brincar novamente com nossos companheiros humanos.

As qualidades de reconciliação e perdão

No processo de criação de uma comunidade, crescer junto com outras pessoas pode algumas vezes ser doloroso. Perdoar e pedir perdão são uma profunda arte a ser aprendida. É como se houvesse necessidade de um contínuo processo de limpeza diária para não acabar em um estado de amargura. Existe uma dor em pequena escala diante de uma palavra dura, diante da impaciência ou da raiva. Ela está ligada a uma dor em grande escala que nasce do abuso, da tortura, da violência, do assassinato... Em muitos países, as pessoas e os grupos que se unem pela paz estão gravemente ameaçados. Olhar de frente para o abismo da maldade humana pode ser uma experiência terrível, temos a tendência a nos encolhermos e a negá-la, mantendo-a fora de nossas vistas. Nas comunidades, podemos criar um espaço em nós mesmos que seja capaz de conter as expressões de dor profunda. O simples fato de ouvir as histórias tanto das vítimas como de seus agressores permite que as lágrimas comecem a fluir, dando início ao processo de cura. O “processo de reconciliação e verdade” que ocorreu na África do Sul depois do trauma do apartheid nos mostra o caminho para uma transformação pacífica.

“Perdoar torna possível recordar o passado sem se sentir amarrado a ele. Sem perdão não há progresso, não há história linear, apenas uma volta ao conflito e aos ciclos de conflito. Esta é uma lição muito antiga.” Da Introdução ao “Perdão e reconciliação”

Desmond Tutu

Abraçar a diversidade

As ecovilas enfocam a ideia da unidade na diversidade, a qual combina o desenvolvimento de indivíduos fortes com a habilidade de estabelecer uma sinergia entre os dons únicos de cada um, de maneira que possam levar a cabo seus sonhos juntos. Para se alcançar essa sinergia (na qual o resultado é mais que a soma das partes), precisamos tirar o melhor de cada um. Precisamos ter tanta curiosidade pelas necessidades, visões e talentos dos outros como pelas nossas. Precisamos praticar a arte de nos alegrarmos com a beleza dos outros. Em uma comunidade, cada ser tem seu próprio lugar e sua própria tarefa. Como ocorre na Natureza, cada parte de um organismo vivo está interconectada e se comunica com todas as demais.

Ao longo da história, temos utilizado nossas identidades culturais, religiosas e étnicas para nos separarmos dos outros. Hoje em dia, à medida que a monocultura reduz cada vez mais a diversidade de espécies, percebemos nossas diferenças como tesouros de onde podemos extrair experiência e sabedoria. Compartilhando em círculos, simbolizamos os múltiplos raios de expressão e os diferentes pontos de vista existentes, uma vez que nos concentramos em um mesmo objetivo. Todo mundo detém, potencialmente, parte da verdade.

Estabelecer uma comunidade

Uma vez consolidado o grupo central, o processo seguinte pode ajudar a atrair um grupo mais amplo:

- Aprender com o exemplo das comunidades existentes: visitá-las, entrar em contato com elas e adotar seus processos pode ajudar a estabelecer uma visão clara e concreta e uma metodologia comprovada pelo sucesso.
- Depois de adquirido o local, realizar um curso de design de Permacultura ou de ecovilas ajudará a criar múltiplos planos para o lugar, cheios de ideias criativas. Estes cursos de design também ajudam

a infundir energia positiva e a levar a celebração ao local. Alguns participantes podem inclusive decidir ficar e colaborar com as tarefas de implementação do design.

- Os cursos sobre facilitação e resolução de conflitos ajudam a estabelecer estruturas sólidas e eficientes para a tomada de decisões.
- O passo seguinte parece ser a criação de grupos de trabalho e a delegação de tarefas.
- A seguir, na agenda, deve-se criar uma secretaria e começar a se reunir regularmente.
- No princípio, parece ser importante estabelecer uma cota mensal de “tarefas” para garantir que as pessoas que participam do processo o levem a sério.
- Durante todo este processo, é muito importante manter um espírito de celebração para revitalizar continuamente as motivações do grupo, o qual pode embarcar em uma aventura de muitos anos e que consuma muito tempo.

Material de Referência para este módulo

Livros

Communities Directory – Fellowship of Intentional Community – regularmente atualizado
Eurotopia: Directory of Intentional Communities and Ecovillages in Europe

Vídeos

Visions of Utopia - Community Catalyst Project, 2002
The Future of Paradise - David Kanaley
Straight from the Heart - Findhorn Foundation, 1995

Para mais DVDs de muitas outras ecovilas veja no site da GEN

Atividades de aprendizagem experimental

Deliberadamente praticar construção da comunidade em todas as oportunidades utilizando os seguintes métodos; e desenvolver ferramentas de medição para monitorar a utilidade e os benefícios.

1. Compartilhar e analisar nossas observações em grupo.
2. Compartilhar sonhos e contar contos
3. Compartilhar histórias pessoais
4. Círculos com bastão de palavra
5. Fórum (técnica desenvolvida na comunidade ZEGG, na Alemanha)
6. Consultas mútuas
7. Buscar por uma visão e valores comuns
8. Fazer um “Workshop do futuro”, conforme técnica desenvolvida por Robert Jungk (veja Ecovillage Living)
9. Ler relatos das visões de outras comunidades: estudo de casos
10. Aprender novos jogos (www.commonaction.org/gamesguide.pdf)

Módulo 2: Ferramentas de Comunicação: Conflito, Facilitação e Tomada de Decisões

Objetivos de Aprendizagem

- Discutir as diferentes definições de “regras de decisão” que poderão servir como alternativas para um consenso para tomada de decisões.
- Experimentar diretamente o processo de tomada de decisão facilitada.
- Compreender o papel do facilitador no processo participativo e como este difere da liderança tradicional autocrática.
- Praticar os fundamentos da comunicação não violenta compassiva e como enfrentar os conflitos.
- Ativar os ciclos entre planejamento, feedback, reflexão e avaliação da vida comunitária.

Conteúdo

Todos os assentamentos humanos, inclusive as ecovilas, devem estabelecer alguma forma de governo. Na medida em que as ecovilas tentam explícita e abertamente explorar novas formas de convivência que favoreçam a expressão criativa e a capacidade natural de liderança das pessoas (ver módulo 3), são necessários processos de governança que apoiem esta intenção. Este módulo se concentra na organização sociopolítica interna das ecovilas, incluindo algumas dificuldades que normalmente aparecem e as habilidades necessárias para promover processos participativos sem obstáculos. As técnicas de participação permitem às pessoas expressar sua voz nas decisões que afetam suas vidas. Precisamos aprender as habilidades de uma comunicação eficiente para sermos membros efetivos qualquer grupo.

Processos de tomada de decisões por consenso

A tomada de decisões por consenso está além do poder da maioria, é uma tentativa de chegar a uma decisão que possa ser apoiada por todos os membros do grupo. O processo se baseia na crença fundamental de que cada pessoa tem uma parte da verdade. Portanto, a cada membro do grupo deve ser dado espaço e tempo para ser ouvido. Não é permitido uma pessoa, individualmente, dominar o grupo, no consenso, assim como nos ecossistemas vivos, cada indivíduo governa e é governado por uma comunidade mais ampla, em uma rede de relações recíprocas.

Consenso é uma regra de tomada de decisão, e, como tal, deve ser adaptada às necessidades e objetivos do grupo. Variações das regras de consenso vão da unanimidade para a maioria. O objetivo é alcançar a melhor solução possível para avançar com questões importantes.

Para poder invocar o poder e a magia do consenso, os seguintes valores e elementos devem ocupar um lugar adequado: um compromisso bem informado com o processo de consenso, disposição para compartilhar o poder, um objetivo comum e uma facilitação eficiente, incluindo a utilização de agendas e acordos básicos. Os grupos também precisam criar espaços para receber feedback, para a reflexão e as avaliações. (O que funcionou bem? O que pode ser melhorado? Como estamos indo, como indivíduos e como grupo?)

Em um processo de consenso não há votações. As ideias e as propostas são apresentadas, discutidas e, no final, se chega a uma decisão. Quando se toma uma decisão, o participante de um grupo de consenso tem três opções:

- Dar seu consentimento: quando todos no grupo (exceto aqueles que não tomaram parte) dizem sim a uma proposta, então o consenso é alcançado.
- Não tomar parte: uma pessoa não toma parte quando não pode apoiar a proposta, mas sente que não há problema que o resto do grupo a aceite.
- Bloquear: esta opção supõe a paralisação, ainda que momentânea, da decisão. Bloquear é uma decisão séria, uma coisa que só deve ser feita quando alguém sente que a proposta, se for adotada, violaria os valores, a ética ou a segurança do grupo.

As alternativas ao consenso podem ser: o consenso menos um, a maioria com 75%, ou o que for adequado à situação.

Outros métodos de tomada de decisão

Recentemente, tem havido alguma preocupação com o uso do consenso, como descrito acima, para tomar decisões em grupos democraticamente organizados de muitos níveis. A capacidade de uma pessoa para bloquear uma decisão pode produzir mais insatisfação e conflito no grupo do que as soluções democráticas que se destina, levando a desmoralização ou manipulação profunda por indivíduos que optaram pelo processo para controlá-lo. Dois novos métodos que estão sendo adotados por alguns grupos para resolver este problema são a Holocracia e a Sociocracia, ou Governança Dinâmica, onde as decisões são tomadas em círculos duplos de poderes de representação de modo a separar as decisões relativas aos grupos de trabalho e voltar mais estritamente aos interesses de toda a organização. Estes grupos tomam suas decisões com base no que é chamado de "consentimento", o que implica que o grupo pode ir para a frente com a melhor decisão tomada em um momento com o entendimento de que ela pode ser alterada a qualquer momento, de acordo com as medidas de feedback que o grupo define em conjunto. Esse processo cria um ciclo recorrente de decisão, ação, medida que deixa em aberto a possibilidade de melhorar e aperfeiçoar os resultados ao longo do tempo de acordo com as necessidades do grupo.

Facilitação

“Facilitar” significa “tornar as coisas fáceis”. O facilitador faz o possível para facilitar a tarefa do grupo. Trata-se de um “servidor-líder”, que serve o grupo proporcionando liderança no processo de tomada de decisões. As responsabilidades do facilitador incluem:

- Ter consciência das necessidades e objetivos do grupo.
- Preparação do local de reunião, levando os materiais necessários (marcadores, papel, etc.).

- Criar uma atmosfera de confiança e segurança.
- Favorecer a participação de todas as pessoas igualmente.
- Garantir que será cumprido o compromisso da agenda.
- Manter a energia do grupo centrada na tarefa.
- Expor os conflitos e sugerir métodos de resolução.
- Buscar acordo; avaliar consensos.
- Encerrar a reunião.
- *Organizar atividades adequadas para garantir uma continuidade.

Com um pouco de treino, a maioria de nós pode aprender a facilitar bem. É bom trocar de papéis dentro do grupo. As qualidades de um bom facilitador incluem a paciência, o equilíbrio emocional, a resistência física e a habilidade para ouvir, formular e condensar pensamentos em um discurso conciso e articulado. Precisamos de flexibilidade e disposição para experimentar, mantendo uma atitude positiva diante a solução de problemas e diante as pessoas. Cultivar a integridade, o humor e o encanto pessoal, assim como nossa capacidade para integrar a crítica é importante na hora de garantirmos que progredimos em nossa capacidade de servir bem o grupo.

Habilidades de comunicação

As habilidades aqui descritas se baseiam em grande parte na comunicação não violenta (M. Rosenberg), mas também inspiradas nos ensinamentos de mestres budistas como Thich Nhat Hahn e outros. Comunicar-se com o coração é fundamental para a criação de uma comunidade. O objetivo é fortalecer nossa capacidade de responder aos outros e a nós mesmos de maneira compassiva, especialmente em situações de conflito. Deve se enfatizar nossa responsabilidade pessoal sobre como atuamos e respondemos aos outros. Praticar uma escuta ativa e profunda cria o respeito, a atenção e a empatia. Através do uso cuidadoso das palavras e com amabilidade afetuosa, praticamos a generosidade e criamos confiança entre as pessoas.

Na hora de resolver conflitos, aprender a arte de expressar cuidadosamente os comentários, livres de avaliação ou julgamento, é um bom começo. Depois temos que nos conscientizar de nossos sentimentos e aprender a lê-los como indicadores que nos mostram se nossas necessidades estão sendo ou não satisfeitas. Podemos expressar nossos sentimentos sem necessidade de atacar ou atribuir culpa aos outros. Isso auxilia a reduzir a possibilidade de termos de encarar reações defensivas.

Através do treinamento para identificar nossas necessidades mais profundas e as dos outros, podemos articular claramente o que desejamos. Isto significa pedir com clareza, sem exigir. Todos os seres humanos têm as mesmas necessidades básicas - o que nos permite conectar-nos uns com os outros neste nível básico e encontrar um espaço de compreensão mútua a nível profundo. Nos concentrarmos para esclarecer o que se observa, sente e precisa, mais do que diagnosticar ou julgar, descobrimos a beleza da nossa própria compaixão. Esta é a chave para a criação de um fluxo entre nós e os outros, baseado numa doação recíproca que vem do coração.

Quando formos capazes de receber mensagens críticas ou hostis sem entendê-las de maneira pessoal, sem ceder e sem perder a autoestima, saberemos que estamos no caminho certo.

Lidar com os conflitos

Os conflitos são inevitáveis. Eles fazem parte das nossas vidas, da mesma forma que as tempestades são parte do tempo. Para falar a verdade, em grupos totalmente distintos, as diferenças são tanto um sinal de saúde assim como um convite à criatividade. A lição mais importante é mudar nossa atitude de evitar os conflitos para nos aproximarmos deles com interesse e abertura. Isso significa deixar de lado uma perspectiva de “ganhadores e perdedores” e adotar outra em que “todos ganham”. As soluções do tipo “todos ganham” ocorrem em um grupo quando todas as partes envolvidas em um conflito foram ouvidas e compreendidas.

Frequentemente, quando consideramos uma situação como conflitante, significa que perdemos nosso senso de conexão, de pertencimento, de sermos compreendidos. Antes de concordar ou não com as opiniões de alguém, devemos tentar nos sintonizar com o que a pessoa está sentindo ou precisando. Em vez de dizer “não”, perguntamos o que nos impede de dizer “sim”. Se estamos nos sentindo preocupados ou zangados, devemos nos conscientizar da necessidade profunda que não está sendo satisfeita e pensar no que poderíamos fazer para satisfazê-la, em vez de pensar sobre o que tem de errado nos outros ou em nós mesmos.

Os obstáculos para uma interação harmoniosa são: as alergias emocionais, a posição e o privilégio, as raízes culturais e estruturais do conflito, as fofocas, os ataques pessoais e o cinismo.

Material de Referência para este módulo

Internet

Center for Nonviolent Communication - www.cnvc.org - Books, tapes, courses, etc.

Community at Work - www.communityatwork.com - Workshops on facilitation skills, organisational development, and more

Institute for Cultural Affairs - www.icaworld.org - Facilitation and group process trainings around the world

International Association of Facilitators - www.iaf-world.org - Sponsors an annual conference, group facilitation listserv, publications

International Association for Public Participation - www.iap2.org - Trainings and publications related to effective citizen involvement

International Institute for Facilitation and Consensus - www.iifac.org - Beatrice Briggs, director. Web-site, electronic monthly publication, courses

Process Work Institute - www.processwork.org - Trainings based on the work of Arnold Mindell

The Holocracy web site can be found at www.holocracy.org

The Sociocracy web site is www.sociocracy.net

Atividades de aprendizagem experimental

As habilidades de facilitação, durante todo o treinamento, podem ser aprendidas e praticadas. É uma boa ideia que o treinador atribua papéis e tarefas no processo de facilitação ao longo do curso e de aos grupos de trabalho alguns cenários fictícios com a prática. Estes papéis e tarefas podem incluir: planejar a agenda, preparar o local da reunião, obter acordos básicos, regras de tomada de decisão, avaliar a reunião, criar um ambiente de cooperação, experimentar os diferentes papéis da facilitação, usar ferramentas para ser mais conscientes, criar um ambiente de “pensamento”, dinâmica grupal e desenvolver as habilidades de facilitador em comunidade. Cada curso contará com um facilitador que ajudará a guiar o grupo em “reconhecimentos” diários e em sessões de “compartilhamento” com e entre os participantes. Em algum momento o facilitador irá deixar que os outros assumam este papel crítico para planejarem, agirem e medirem o seu desempenho. Os instrutores do módulo também se reunirão diariamente para integrar no currículo as oportunidades de facilitação.

Módulo 3: Liderança e Empoderamento

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender as diferenças entre poder repressivo e poder criativo.
- Desenvolver o conceito de autoempoderamento e empoderamento de outros.
- Praticar como um grupo de indivíduos com poder pode trabalhar em conjunto seguindo padrões orgânicos de responsabilidade compartilhada.
- Promover a consciência em torno de ideias de posição, poder e privilégios.
- Desenvolver a habilidade e assumir a liderança em grupos, integrando novas habilidades de liderança.

Conteúdo

O atual sistema de relações de poder existente no mundo globalizado não trouxe paz, justiça, ou riqueza para a maioria dos habitantes deste planeta. O poder humano acabou associado com a crueldade e a alienação. O poder em si mesmo, entretanto, não é bom nem mau. Nós, seres humanos, somos seres conscientes, dotados de vontade e livre escolha e, como tal, negar o nosso poder seria negar nossa responsabilidade. Definimos o poder como nossa habilidade de criar, sustentar, mudar e influenciar pessoas, grupos, sistemas e a vida. É a nossa habilidade de contribuir conscientemente com o processo de evolução. Para chegar a assumir de maneira positiva nosso próprio poder, precisamos distinguir dois tipos existentes: o poder repressivo, como um controle da vida, e o poder criativo, como parte integral da própria força criadora de vida.

O poder repressivo

O poder repressivo suprime a força vital dos indivíduos, da sociedade e da própria natureza. O poder repressivo tem suas raízes em uma concepção de mundo baseada no medo e na desconfiança. Existe uma série de crenças, predominantes em nossa cultura global, que parece justificar a opção pelo repressivo:

- Não há o suficiente para todos neste planeta.
- O mundo é constituído por entidades separadas.
- Na luta darwinista pela sobrevivência, só vencem os mais fortes. Portanto os seres humanos sempre agirão em benefício próprio.
- Ser razoável muitas vezes significa fazer coisas que não queremos fazer.
- Precisamos de defesas para sobreviver neste ambiente hostil; do contrário, outros se aproveitarão de qualquer fraqueza que mostrarmos.

De qualquer maneira, se nos protegemos excessivamente das respostas que nosso meio ambiente nos devolve em grande escala, estaremos perdendo uma informação vital. Precisamos nos abrir e nos convertermos em partes saudáveis de um meio saudável.

O poder criativo

O poder criativo envolve nossos dons de sabedoria e beleza individuais que nos permitem realçar o processo da vida. O poder criativo não é um bem que possuímos, mas processos aos quais nos abrimos. As ideias que beneficiam o crescimento do poder criativo são:

- Nosso planeta é essencialmente um lugar de abundância e plenitude, sempre que sabiamente administrado.
- A vida continuamente nos oferece as melhores oportunidades para crescer.
- As soluções viáveis são aquelas que satisfazem as necessidades de todos os envolvidos, as que levam a situações em que “todos ganham”; este tipo de solução sempre é possível.
- As soluções viáveis se baseiam necessariamente no respeito pelas necessidades de todos os seres que vivem no nosso planeta.
- Os seres humanos, em qualquer parte do globo, têm as mesmas necessidades básicas (comida, abrigo, um trabalho satisfatório, amor e respeito).

Recuperar nosso poder

O sistema global gera um sentimento de desesperança em muita gente. Muitos de nós já “desistimos”, às vezes de maneira muito sutil, deixando de nos preocupar com nossa sobrevivência enquanto espécie neste planeta. Os meios de comunicação muitas vezes nos alimentam com desinformação e com uma imitação grosseira da vida real, e nós estamos permitindo que isso aconteça. Ao perceber o estado dos acontecimentos, parece que é chegado o momento de despertar e recuperar nosso poder pessoal e nossa esperança.

A receptividade aliada à agilidade para perceber a realidade nos dará uma informação inestimável sobre o que precisamos fazer. O poder criativo desperta quando permitimos que nossos talentos naturais se expressem. A comunidade pode representar um papel determinante neste processo. Aprender com os que nos rodeiam é fundamental. Como os outros percebem nossas forças e fraquezas? Nesse sentido, as ecovilas oferecem grandes oportunidades para a autoexpressão original em novos e desconhecidos setores da vida. Nós nos sentimos intensamente motivados quando percebemos que um dom que trazemos conosco é reconhecido, apreciado e gera bem-estar em todos que amamos.

O poder das bases

Existe responsabilidade mais que suficiente para que cada um assuma sua parte. Assumir a liderança em qualquer área significa basicamente assumir um imenso trabalho necessário. Depois que tivermos experimentado o desafio de liderar um grupo, passaremos a agradecer a liderança de outros. Encontramos nos gansos selvagens um exemplo convincente desta ideia: sempre há um ganso que voa à frente do grupo, para proteger do vento os que vêm atrás e mostrar a eles o caminho. À medida que o ganso-guia se cansa, outro ocupa seu lugar. A lição: somos mais fortes em grupo. Em comunidade, todos estão convidados a assumir o papel de líder nas áreas em que foram naturalmente especialistas.

No processo de criação de uma comunidade, a fronteira entre o poder repressivo e o poder criativo é, às vezes, muito estreita, e se torna importante fator de conflito. Para evitar isso, é preciso um novo modelo de liderança, capaz de entrar em sintonia com as necessidades do grupo em cada situação particular e com o senso de autoridade natural que se desenvolve entre seus membros. É muito importante gerar

transparência em assuntos relacionados a posição e privilégios. As pessoas mais bem posicionadas deverão ser especialmente capazes de se integrar e de trabalhar com as críticas.

Em muitas sociedades, a autoridade não surge naturalmente e com flexibilidade a partir do talento e da sabedoria individuais; ao contrário, ela é determinada por fatores como linguagem, sexo, educação e cor da pele. Precisamos reconhecer e superar essas barreiras para desenvolver o potencial humano em sua plenitude! A verdadeira chave do “poder das bases” é a mais alta expressão possível da compaixão e da amizade. É falar contra a opressão, mesmo quando as vítimas não podem falar por si mesmos.

Qualidades da liderança criativa

- Servir o nosso destino pessoal tanto quanto o destino da comunidade
- Compartilhar nossos dons de beleza e excelência.
- Ser claros em nossas intenções.
- Servir sem esperar nada em troca.
- Autoconhecimento, ser transparente quanto aos nossos pontos fracos e pontos fortes.
- Ver o outro como um mestre.
- Ser capazes de olhar e imediatamente dar conta do que está acontecendo.
- Tentar encontrar a verdade contida em todos os pontos de vista, no contexto em que surge.
- Encorajar outras pessoas a serem líderes.
- Ao saber que a mudança é constante, deixar as coisas serem como são e observar o momento
- Seguir os eventos do fluxo natural da vida.
- Trazer a atenção para todas as situações, aceitando-as mais que julgando-as.

Atividades de aprendizagem experimental

Divida o grupo em pequenos grupos de três ou quatro membros cada para discutir um dos seguintes tópicos. Após a discussão, converse com o grupo todo. Utilize as ferramentas de medição para avaliar o efeito dessas atividades sobre os indivíduos e do grupo.

1. Partilhar e analisar nossas observações sobre o que está acontecendo no grupo para traçar um sistema de classificação existente para o grupo. Pergunte: Como a "sociedade" posicionaria esse grupo? Como o grupo se posiciona?
2. Reordenar o grupo em um organismo saudável de liderança partilhada: quem assumiria a liderança e em que contexto? Adapte a tarefa, se necessário.
3. Usar técnicas de teatro, ter tempo para refletir as qualidades arquetípicas que uma pessoa se faz passar. Primeiro discutir quais arquétipos estão presentes.
4. Trocar “histórias de poder” relatando incidentes nos quais nos sentimos cheios de poder e conseguimos executar coisas extraordinárias. O que, como, com quem, quando, qual era seu papel?
5. Criar arte para expressar o poder pessoal. Pergunte: Que sentimento provoca?
6. Exercitar papéis de liderança dentro do grupo, Como é a liderança? E o que significa para este grupo?

Módulo 4: Arte, Ritual e Transformação Social

Objetivos de Aprendizagem

- Utilizar a arte como um meio maravilhoso para o crescimento pessoal e grupal, para a cura e a transformação, e que pode ser usada por pessoas com todos os níveis de habilidades.
- Reconhecer e recuperar a criatividade sem limites como nossa verdadeira natureza, como o fluxo de uma fonte universal, tão natural quando o desabrochar de uma flor.
- Criar ambientes belos e estimulantes onde inspiração e intuição são realçadas, e onde a criatividade flui livremente como uma celebração da vida.
- Programar e realizar celebrações comunitárias como uma expressão de Arte do Grupo, aprendendo com a experiência que viver em comunidade permite aos membros desenvolver uma cultura de celebração.
- Praticar a mais elevada forma de criatividade, tanto individual como em comunidade, para fazer de nossas vidas uma obra de arte.

Conteúdo

A arte não é apenas para os artistas: é uma forma de acrescentar beleza, encanto e alegria a tudo o que fazemos. A prática da arte é um meio através do qual as pessoas exploram e penetram numa fonte universal de criatividade - a mesma fonte da vida. À medida que as pessoas se sentem mais à vontade manifestando seus sonhos, esperanças e visões através da expressão artística, a vida se transforma em uma colorida celebração, que surge de um núcleo criativo em contínua renovação. Esta animada e hábil conexão com a fonte criativa da vida é uma poderosa forma de alcançar o crescimento, a cura e a transformação.

No cenário de uma comunidade, existem oportunidades criativas para se mergulhar em uma visão e objetivos mais amplos que a identidade individual, o que permite que sejam dissolvidas as limitações individuais, autoimpostas. Se o artista trabalha isolado, não surgirá um movimento mais amplo; o artista deve saber como participar e desfrutar da arte de outras pessoas, tornando-se receptivo aos elementos que surgem do inconsciente coletivo - mensagens, informações ou simbologia para o grupo como um todo.

A noção de “criatividade coletiva” é contrária à prática de exaltar o talento criativo individual e prospera devido aos benefícios acumulados pela sinergia de todos os que contribuem com o trabalho. Dadas as condições adequadas, esta sinergia pode ecoar pela comunidade, elevando a todos em uma corrente ascendente de emanções criativas coletivas. Isto é semelhante à consciência que se expandia nas rústicas oficinas do primeiro Renascimento, animada pelas vigorosas trocas de diversos “maestros” (em italiano, no original).

Este fenômeno inspirador também pode ser semeado intencionalmente no solo fértil das ecovilas dos dias de hoje. Quando a Arte deixa de ser um passatempo que ocupa poucas horas e se transforma em uma atitude diante da vida, o crescimento do artesanato, das indústrias artesanais, cooperativas e estudos

relacionados com o tema, oficinas e estúdios de vários tipos podem virar uma fonte de sustento material em vez de sustento espiritual. A arte baseada nas ecovilas deve se esforçar para representar conceitos evoluídos de beleza, harmonia e graça que sejam coerentes com valores profundamente ecológicos e espirituais, e com expressões de diversidade cultural enquanto celebrações únicas de um determinado lugar.

As celebrações são um importante fator de aglutinação social em qualquer comunidade. São atividades que ajudam a criar uma identidade grupal que precisamos reaprender, remodelar e reviver de acordo com a nova visão do mundo que começa a surgir. Elas são uma expressão grupal de arte e criatividade. A celebração de eventos sazonais, cósmicos e globais, de dias ou rituais de iniciação ou de passagem são formas de arte coletiva facilitada pela vida em uma comunidade consciente. Para celebrar a alegria de estar vivo com música e dança não é necessário uma ocasião especial; cada ecovila precisa de um palco! Durante anos as ecovilas vêm desenvolvendo uma série de características de uma cultura global comum que tem muito a oferecer, já que combina ideias ancestrais eternas com novos e modernos contextos.

Vá a qualquer Ecovila do mundo e ali verá uma coleção de expressões artísticas criativas: o canto, a dança, as representações de teatro e música e todas as formas de rituais, cerimônias e celebrações. Arte como terapia, arte como transformação pessoal, arte como simbolismo coletivo, arte no meio ambiente, arte como arquitetura, arte como emprego e arte como um meio de dar expressão à força da vida criativa que flui de dentro para fora: assim, as ecovilas estão dando à luz uma cultura de celebração da vida através da criatividade e da arte.

Cada um dos vários aspectos da atividade artística criativa e da celebração será integrado, de modo seletivo, em cada Curso de Design de Ecovilas. A arte enfocará tanto a expressão individual quanto a coletiva. Queremos deixar claro que todas as pessoas são inerentemente criativas; a forma de arte preferida por alguns será a de criar uma vida dinâmica e cheia de cores. Quando o enfoque for a formas e estilos de vida inovadores, progressistas e autosuficientes, a sustentabilidade e a criatividade andam de mãos dadas.

Respeito às diferentes fases da vida.

A vida é uma mudança constante: um fluxo contínuo de ciclos, estações e etapas de desenvolvimento. Em culturas tradicionais, os ritos de iniciação ou de passagem são celebrados nas principais transições - nascimento, morte, maturidade - para empoderar os indivíduos para transmitir a sabedoria acumulada do grupo. Parece haver uma estreita relação entre as culturas que respeitam essas oportunidades profundas e as culturas de paz e sustentabilidade. Muitos dizem que a perda desses ritos nos tempos modernos é um importante fator do caos em que se encontra o mundo; não há muitos adultos e muito menos idosos que transmitam esse conhecimento e, portanto, já não existe uma continuidade. A monocultura estéril do consumismo quer que desejemos e façamos investimento em um 'eterno verão', em uma juventude eterna. Em comunidade, aprender com tradições eternas e redesenhar as suas próprias, reinventamos ritos de celebração e dor e comemoramos as etapas da vida. Ao testemunharmos e nos apoiarmos, uns aos outros, através da alternância em nossas vidas da dor e da alegria, nos encontramos com uma capacidade de amar e dar maior do que jamais soubemos que existia, e isso é bastante criativo.

Material de Referência para este módulo

Música

Taize - um livreto de Findhorn com fantásticas canções circulares

Vídeos

Sacred Dances - Findhorn Foundation

Atividades de aprendizagem experimental para o Módulo Quatro

Ou o facilitador lidera uma ou mais das seguintes atividades ou solicita a alguém no grupo com experiência a fazê-lo. Desenvolva ferramentas de medição para avaliar a aprendizagem e efeito dos exercícios.

1. **Danças:** danças circulares, danças livres, danças africanas e outras modalidades para soltar o corpo e ganhar consciência corporal.
2. **Organizar celebrações de grupo:** criar rituais a partir dos ciclos da lua, do sol, do local, ou qualquer coisa que possa ser trazida ao curso que ensine o processo de planejar e criar rituais e cerimônias como ferramentas de celebração, cura e criação de vínculos.
3. **Cantar:** prepara as letras das músicas das canções Taize, canções nativas americanas, canções afro-americanas, canções contemporâneas, cânons, canções de coração, canções da terra, canções do arco-íris, e outras, voz ou acompanhada por um instrumento.
4. **Selecionar jogos e peças** que possam melhorar e complementar a aprendizagem e permitir que a pessoa esteja completamente presente.
5. Organizar uma **Apresentação teatral ou performances improvisadas**.
6. Fornecer tempo e material para pintura, escultura ou desenho livre.
7. Jogar o Jogo da vida (ver Damian Hurst: *The Real Dream* para maiores explicações).

Módulo 5: Educação, Redes Sociais e Ativismo

Objetivos de Aprendizagem

- Aprender a respeitar a comunidade dos que viveram antes, a dos que vivem agora e a dos que viverão no futuro.
- Aprender a construir relações amigáveis com nossos vizinhos e visitantes: superar o conceito de “nós” e “eles”.
- Planejar para uma ecologia social, equilibrando o espaço público e o privado.
- Buscar maneiras da mudança catalisadora através da sustentabilidade de nossa bio região
- Ampliar nosso alcance nas redes, intercâmbios, educação, apoio e solidariedade a um nível global.

Conteúdo

Os fios da História correm pela Rede da Vida. Em qualquer lugar em que começamos a formar uma comunidade, perguntar sobre a história local pode nos ajudar a entender melhor o presente. A paisagem foi continuamente transformada por mãos humanas. O lugar por onde passa um caminho ou a forma de um telhado podem encerrar uma sabedoria sublime e uma experiência local ancestral. Os significados mais profundos não são revelados necessariamente à primeira vista; mas, depois de uma observação cuidadosa, padrões profundos podem começar a surgir. Tentarmos absorver as linhas e curvas de uma paisagem cultivada pode ser semelhante à leitura de um livro: a informação está lá, basta que aprendamos o dialeto local. Quando entramos em um determinado território, penetramos em certa cultura, em uma maneira especial de ver e estar no mundo, uma maneira diversa de nos expressarmos que pode ser muito diferente daquela de onde viemos. Tudo o que as pessoas experimentaram naquele preciso lugar: as guerras, os momentos difíceis, a chegada de outros povos, mas também os momentos de paz e felicidade, tudo leva à disposição e à mentalidade presentes. Leva tempo para nos acostumarmos e assimilarmos a cultura de um lugar - precisamos observar, ouvir e mergulhar no fluxo da vida social.

Vivemos também em um tempo em que as culturas mudam de maneira rápida e drástica assim que a globalização neoliberal continua reduzindo a riqueza e a diversidade cultural existente a uma monocultura consumista uniforme tola e insípida. Em muitos países, devido ao deslocamento maciço dos costumes e das tradições nativas, é preciso redescobrir quais eram os modelos de vida que melhor se adaptavam ao local. Em muitos países, as culturas nativas precisam desesperadamente de apoio e assistência para poder sobreviver.

Muitas áreas de conhecimento se perdem quando as culturas são exterminadas; conhecimento que está perfeitamente adaptado às condições biogeográficas da respectiva região. Podemos ajudar a reviver e a preservar esse valioso conhecimento simplesmente ouvindo as histórias dos idosos, aprofundando os mitos e o folclore local, pesquisando as fontes arqueológicas e respeitando a língua e as celebrações locais.

Viver em comunidades formadas por pessoas de gerações diferentes revitaliza antigas qualidades. Os jovens dão sentido à vida dos idosos, e vice-versa. Reintegrar a sabedoria e a experiência dos idosos nos beneficiam muito; observar como crescem as crianças nos faz lembrar para quem fazemos esse trabalho. Nossa

comunidade é sempre um espaço que aceita os que viveram, os que vivem e os que estão por chegar. A comunidade é um contínuo espaço-tempo.

Construir relações amigáveis com os vizinhos

A Rede da Vida, além de cruzar o tempo verticalmente, se estende horizontalmente aqui e agora. Para que nossas ecovilas sejam sustentáveis, elas devem se conectar com estas duas dimensões. A Natureza trabalha com membranas celulares permeáveis e com sistemas abertos; precisamos dar início a e manter uma comunicação e um intercâmbio abertos com a comunidade mais ampla de que fazemos parte.

Às vezes parece mais fácil nos comunicarmos com uma rede de amigos e de pessoas com afinidades de todo o planeta do que com nossos próprios vizinhos. Tradicionalmente os fundadores de comunidades procuram mudanças, querem experimentar novos modelos com que enfrentar os problemas da sociedade em seu conjunto. Muitos desses idealistas foram, de alguma maneira, expulsos ou deslocados de seus lugares de origem, o que explica até certo ponto seu compromisso com uma transformação de efeitos. A população tradicional ao redor dessas comunidades, por sua vez, é gente que provavelmente tem vivido enraizada no mesmo lugar há gerações, apegada a seus costumes, mas que, não obstante, está também vivendo um presente insustentável. É um desafio equilibrar os pontos de vista progressistas idealistas e orientados para o futuro com os mais conservadores e convencionais. Talvez os fundadores de comunidades tragam a inspiração necessária para uma mudança positiva, mas só poderão ir adiante com sua visão se deixarem de insistir que sabem o que é certo. A humildade, a reciprocidade e o humor são necessários no processo de criar uma linguagem que possa ser compreendida e bem recebida. Encontraremos apoio para as nossas visões quando as melhorias forem reais e beneficiarem a todos. Talvez seja um processo lento, mas assim poderemos levar a esperança a uma região, uma vez que tenhamos estabelecido uma base segura para nós mesmos.

Hospitalidade

A hospitalidade generosa é uma qualidade fundamental de todas as culturas de paz. Se quisermos construir relações amigáveis com nossos vizinhos e nos transformarmos em inspiração para o mundo como comunidades intencionais, temos que nos tornar transparentes e acolher quem quiser nos visitar; temos que superar tendências à exclusão e ao isolamento. Mas como receber os convidados com cuidados quando eles chegam em grandes quantidades, semana após semana, ansiosos por observar estilos de vida comunitária? Parte da resposta se encontra em soluções baseadas no design do lugar e na arquitetura. Um planejamento bem pensado para receber visitantes, que respeite a privacidade e o bem-estar dos moradores, é um critério fundamental no processo de design.

Colaboração e Cohabitação

Esta é uma forma bastante moderada de introduzir o idealismo social em uma comunidade já existente. A cohabitação apoia uma forma de moradias compactas, um uso eficiente do terreno e uma redução do consumo caseiro. Favorece as interações humanas e dá apoio aos membros desprotegidos da sociedade. A cohabitação é um novo tipo de moradia cooperativa que integra moradias particulares autônomas com instalações compartilhadas e facilidades recreativas, como cozinhas, salas de refeições, oficinas e espaços para jogos infantis.

Os moradores de uma cohabitação formam uma comunidade intencional. Escolhem viver juntos e compartilhar a propriedade e os recursos. Eles desenvolvem uma rica vida social que inclui fazer refeições juntos com regularidade. Almejam manter relações sociais profundas e um fortíssimo “senso comunitário”. Para muitos puristas, a cohabitação é apenas um passo na direção adequada; mas, como um meio para permitir que os princípios e práticas das ecovilas sejam entendidos e aceitos por mais gente comum, esse modelo ocupa uma valiosa posição dentro da evolução geral em direção a uma comunidade sustentável. As ecovilas-modelo incorporam grupos de cohabitações em sua infraestrutura residencial.

Biorregionalismo

Aprender como desenvolver soluções ao nível da biosfera pode ser algo muito distante para muita gente, mas ao menos podemos descobrir quais as necessidades existentes nos lugares onde vivemos. Devemos trabalhar para chegar a ser compatíveis com os sistemas locais de vida da nossa região - em seus aspectos sociais e ecológicos. Cada pessoa vive em uma biorregião concreta, um lugar de vida que é um componente essencial na rede da Vida do planeta. Até mesmo pequenos esforços para melhorar as condições locais podem beneficiar verdadeiramente algum aspecto da totalidade. Estes esforços produzem resultados visíveis, com os quais vivemos e aos quais observamos, à medida que cresce seu impacto sobre outras características sociais e naturais. Estes são os objetivos, tanto compreensíveis quanto realistas.

Precisamos acumular mais conhecimento sobre os lugares em que vivemos, sobretudo relativo aos aspectos sociais e culturais. A seguir, alguns pontos que podem ajudar a identificar os aspectos iniciais básicos para manter e restaurar a vida onde vivemos:

- Dar prioridade aos projetos ativos – aprendendo com a realização do trabalho necessário para alcançar uma saúde natural em nossos locais de vida.
- Restaurar e conservar os espaços naturais, na medida do possível – a saúde do tecido social vai melhorar com essa restauração.
- Desenvolver meios sustentáveis para satisfazer as necessidades humanas básicas de alimento, água, energia, abrigo, materiais e informação.
- Apoiar a vida do lugar da maneira mais ampla possível, desde a economia e a cultura até a política e a filosofia – Isto inclui tanto desenvolver projetos empreendedores que criem alternativas positivas, como participar de protestos contra a destruição e a desordem ecológica ou a injustiça social.
- Elevar a conscientização sobre assuntos relacionados a biorregião, através dos meios de comunicação, da participação na política local e na educação, tanto local como global.

Com o passar dos anos, aumenta a mistura à medida que os moradores locais se envolvem na comunidade, e os membros da comunidade se dispersam pela região. É possível que, em consequência da presença da ecovila, métodos educativos inovadores sejam introduzidos nas escolas locais; as redes econômicas locais podem ser reforçadas com a abertura de novos mercados; programas de restauração e consciência ecológica podem ser estabelecidos e soluções tecnológicas sustentáveis sejam difundidas. Com a ecovila servindo de ligação na conexão global, a chegada de ideias, de costumes e de gente de todo o mundo contracenará com a cultura local. Muitas ecovilas despertaram grande interesse na imprensa local, nacional e global. O estabelecimento de uma ecovila saudável e que funcione ecoará com sua influência sustentável por toda a biorregião. Destacamos o envolvimento na política local como um importante fator para a sustentabilidade.

Redes Internacionais

O processo de globalização tem, sem dúvida, um aspecto positivo. Quando os primeiros astronautas chegaram à lua, eles relataram a dramática experiência de ver o nosso belo planeta azul como um lugar tremendamente vulnerável no vasto universo. Como habitantes desta Terra, respiramos o mesmo ar, observamos o mesmo céu estrelado e, como humanos, compartilhamos as mesmas necessidades básicas. Cada um de nós pode escolher ser parte da solução em vez de ser parte do problema; e podemos nos apoiar mutuamente em nossa escolha pela beleza simples e por sermos consequentes com o que falamos. No nosso trabalho por um futuro sustentável, podemos nos beneficiar imensamente do intercâmbio e do apoio internacionais. Através do trabalho de redes como a GEN e várias outras, podemos desenhar um mapa da Terra que vai se enchendo lenta, mas seguramente de cruzamentos e pontos de luz e esperança, com pessoas que trabalham juntas por um futuro pacífico e habitável. O trabalho e as realizações de muitas redes internacionais e organizações que trabalham por justiça social, solidariedade e sustentabilidade atestam isso. E, no entanto, ainda precisamos aprender a ser respeitosos com as práticas e crenças culturais e tradicionais exclusivos em cada área do planeta.

Material de Referência para este módulo

Internet

www.ecovillage.org

www.gen-europe.org

Atividades de aprendizagem experimental

Permita que os participantes se auto-organizem, a fim de realizarem uma ou mais das seguintes atividades. Utilize ferramentas de medição para avaliar o impacto e os resultados destes:

- Em subgrupos, criar um “mercado local”, trocando entre os participantes produtos trazidos de seus lugares de origem.
- Criar um festival cultural para demonstrar o que foi aprendido nesta dimensão durante um evento da comunidade local, vila ou cidade.
- Realizar entrevistas com velhos moradores da região e compartilhar histórias locais.
- Visitar ecovilas, projetos de coabitação e outras comunidades intencionais da região, praticando ação local.
- Confeccionar uma lista de organizações internacionais que trabalhem em uma determinada área pode ser útil para que os estudantes comecem a pensar em criar sua própria rede global.
- Compartilhar com o grupo momentos de aprendizagem: uma língua dança, gesto...
- Organizar passeios pela região para observar e aprender a “linguagem” da paisagem.
- Conduzir uma meditação ou visualização no ativismo para criar uma mudança social; se concentrar em um problema social comum, como a pobreza, a falta de moradia, fome ...

Material de Referência da Dimensão Social

- Aberley, Doug. (1993). *Boundaries of Home: Mapping for Local Empowerment*. Gabriola Island, BC: New Society Publishers
- Anundsen, K. and Shaffer, C.R. (1993). *Creating Community Anywhere*. New York, NY: Putnam Pub. Group
- Arguelles, Jose, and South, Stephanie (2007). *Cosmic History Chronicles. Volume II: Time and Art*. Galactic Research Institute.
- Auvine, Brian. (1977). *A Manual for Group Facilitators*. Madison, WI.: Center for Conflict Resolution.
- Avery, Michel. (1981). *Building United Judgment: A Handbook for Consensus Decision Making*. Madison WI.: Center for Conflict Resolution.
- Bang Jan Martin. (2005). *Ecovillages: A Practical Guide to Sustainable Communities*. Gabriola Island, BC: New Society Publishers.
- Berg, Peter. (1995). *Discovering your Life-Place: A First Bioregional Workbook*. San Francisco, CA: Planet Drum Foundation
- Bohm, David. (1996). *On Dialogue*. New York: Routledge.
- Bond, George. (2003). *Buddhism at Work: Community Development, Social Empowerment and the Sarvodaya Movement*. Bloomfield, CT: Kumarian Press.
- Briggs, Beatrice. *Facilitation and Consensus Manual*. Available from www.iifac.org
- Buck, John and Villines, Sharon. (2007). *We the People: Consenting to a Deeper Democracy*. www.Sociocracy.info Press.
- Cameron, Julia. (1992). *The Artist's Way: A Spiritual Path to Higher Creativity*. Los Angeles, CA: Jeremy P. Tarcher/Perigee.
- Christian, Diana L. (2003). *Creating a Life Together*. Gabriola Island, BC: New Society Publishers
- Coleman, Daniel. (1996). *Emotional Intelligence*. New York.: Bantam Books
- Diaz, Adriana. (1992). *Freeing the Creative Spirit*. San Francisco, CA.:Harper San Francisco
- Doyle, M. and Straus, D. (1993). *How to Make Meetings Work: The New Interaction Method*. New York.: Jove Publication
- Duhm, Dieter. (1993). *Towards a New Culture*. Verlag Meiga
- Durett, Charles. and McCamant, K. (1994). *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. Berkeley, Calif.: Ten Speed Press

- Durrett, C. (2009). *Senior Cohousing: A Community Approach to Independent Living*. Gabriola Island, B.C.: New Society Publishers.
- Eisler, Riane. (2000). *Tomorrow's Children: A Blueprint for Partnership Education in the 21st Century*. Boulder, Colo.: Westview Press
- Elgin, Duane. (2000). *Promise Ahead: A Vision of Hope and Action for Humanity's Future*. New York: Quill
- Elworthy, Scilla. (2002). *Power and Sex*. London: Vega.
- Fritz, Robert. 1989. *The Path of Least Resistance*. New York: Ballantine
- Heider, John. (1985). *The Tao of Leadership*. New York: Bantam Books
- Helmick, Raymond G.; Petersen, Rodney Lawrence. (2001). *Forgiveness and Reconciliation*. Philadelphia: Templeton Foundation Press.
- Jackson, Hildur. (2000). *Creating Harmony: Conflict Resolution in Community*. Denmark.: Gaia Trust
- Jackson, Hildur.; Svensson, Karen. (2002) *Ecovillage Living: Restoring the Earth and Her People*, 2002, Totnes, Devon: Green Books.
- Joubert, Kosha and Alfred, Robin (Eds.). (2008). *Beyond You and Me: Social Tools for building Community*. The Social Key. Permanent Publications. UK.
- Kaner, Sam, and Lynn, Jenny. (1996). *Facilitator's Guide to Participatory Decision Making*. Philadelphia, PA: New Society Publishers
- Krebs, Valdis and Holley, June (2007). *Building Smart Communities through Network Weaving*. Retrieved July 2011 from <http://www.orgnet.com/BuildingNetworks.pdf>
- Lane, John. (2003). *Timeless Beauty: In the Arts and Everyday Life*. Totnes, Devon: Green Books
- Macy, Joanna. (1983). *Despair and Personal Power in the Nuclear Age*. Philadelphia, PA: New Society
- Manitowish (Medicine Story). (1991). *Return to Creation*. Spokane, Wash.: Bear Tribe Pub
- Mc Laughlin, Corinne and Gordon Davidson. (1986) *Builders of the Dawn: Community Lifestyle in a Changing World*. Walpole, N.H.: Stillpoint Pub.
- Meltzer, Graham. (2005). *Sustainable Community: Learning from the Cohousing Model*. Victoria, BC: Trafford
- Merrifield, Jeff. (1998). *Damanhur - The Real Dream: The Story of the Extraordinary Italian Artistic and Spiritual Community*. Santa Cruz, CA: Hanford Mead
- Metcalf, Bill. (1995). *From Utopian Dreaming to Communal Reality: Co-operative Lifestyles in Australia*. Sydney: UNSW Press
- Mindell, Arnold. (1995). *Sitting in the Fire: Large Group Transformation Using Conflict and Diversity*. Portland, OR: Lao Tse Press

- Mindell, Arnold. (2000). *The Leader as Martial Artist*. Portland, OR: Lao Tse Press
- Mindell, Arnold. (2002). *The Deep Democracy of Open Forums*. Charlottesville, VA: Hampton Roads
- Morgan, Gareth. (1986). *Images of Organization*. Beberky Hills: SAGE Publications
- Nhat Hanh ,Thich. (2000). *The Art of Mindful Living: How to Bring Love, Compassion and Inner Peace into Your Daily Life*. Findaway World, and Sounds True.
- Osho. (1999). *Creativity: Unleashing the Forces Within*. New York: St. Martin's Griffin.
- Plant, C. & J., Van Andruss, and Wright, E. (1990). *Home! A Bioregional Reader*. Gabriola Island, BC: New Society Publishers
- Perry, Danaan. (1995). *Warriors of the Heart*. UK: Findhorn Press
- Rosenberg, Marshall. (1999). *Nonviolent Communication: A Language of Compassion*. Del Mar, CA: Puddle Dancer Press.
- Sales, Kilpatrick (1991). *Dwellers in the Land: A bioregional reader*. Gabriola Island, BC: New Society Publishers.
- Schmookler, Andrew B. (1984). *The Parable of the Tribes: The Problem of Power in Social Evolution*. Berkley: University of California Press.
- Schwarz, Roger. (2001). *The Skilled Facilitator: Practical Wisdom for Developing Effective Groups*. San Francisco, CA: Jossey-Bass
- Shields, Katrina. (1994). *In the Tiger's Mouth: An Empowerment Guide for Social Action*. Gabriola Island, BC: New Society Publishers
- Some, Sobonfu, *Welcoming Spirit Home: Ancient African Teachings to Celebrate Children and Community*. 1999, New World LibrarySome,
- Some, Malidoma P. (1993). *Ritual: Power, Healing and Community*. Portland, Or.: Swan/Raven & Co.
- Starhawk. (1997). *Dreaming the Dark: Magic, Sex and Politics*. Boston: Beacon Press
- Van der Ryn, Sym, and Calthorpe, P. (1986). *Sustainable Communities: A New Design Synthesis for Cities, Suburbs and Towns*. San Francisco: Sierra Club Books
- Walker, Liz. (2005) *Ecovillage at Ithaca: Pioneering a Sustainable Culture*. Gabriola, BC: New Society Publishers
- Warburton, D., ed. (2000). *Communities & Sustainable Development*. London: Earthscan Pub.
- Wheatley, Margaret. (1999). *Leadership and the New Science. Discovering Order in a Chaotic World*. San Francisco: Berrett-Koehler
- Wilber, Ken. (2001). *Sex, Ecology and Spirituality: The Spirit of Evolution*. Boston: Shambhala

A DIMENSÃO ECONÔMICA



Resultados de Aprendizagem

Os participantes aprenderão...

- reconhecer padrões dominantes e ativar pontos de alavancagem para a mudança
- projetar vários elementos de uma economia local resiliente
- desenhar e utilizar sistemas de moeda comunitária adequada aos contextos locais
- trazer atividades econômicas pessoais em alinhamento com os valores ecológicos
- identificar estruturas legais locais socialmente responsáveis e estratégias financeiras

"Nós sabemos que sabemos como acabar com esse sofrimento, e nós temos os recursos para fazê-lo. A partir da sociologia e antropologia à economia, da educação e ecologia para análise de sistemas ... a evidência está aí. Sabemos o que funciona. "

Frances Moore Lappé

Visão Geral

Hoje em dia, a economia impera como 'disciplina-mestra', e a ela ficam subordinados todos os demais assuntos e valores. A ecologia é considerada, perigosamente, como um subsistema da economia, e não o oposto. Em consequência, o meio ambiente é considerado como um banco de recursos onde são executadas as atividades humanas. Nossa tarefa, no caminho para a sustentabilidade, é reverter essa equação, considerando adequadamente que a economia é um subsistema da ecologia. A partir desse novo paradigma, a escala e a natureza das atividades econômicas estariam limitadas pela capacidade de carga dos diferentes ecossistemas da Terra.

Mas, para começar a mudança para o novo paradigma, precisamos antes desenvolver um entendimento claro de como viemos parar em primeiro lugar no meio dessa confusão. Só então poderemos superar o fatalismo de nossos líderes, que insistem que não há alternativas para a globalização neoliberal, e desenvolver uma compreensão amadurecida das diferentes opiniões políticas que deram lugar a esse sistema tão antinatural e insustentável. Uma vez feito isso, podemos começar a determinar de quais alternativas precisamos - e que somos capazes de desenvolver - para criar uma sociedade mais justa e sustentável.

- **Módulo 1 – Transformar a economia global em sustentável** começa a Dimensão Econômica com uma exploração das forças e interesses que dão forma à economia global atual, e com o tipo de políticas necessárias para encaminhar o mundo em uma direção mais sustentável: esta é a base do

primeiro módulo – uma análise da economia global. Reconhecemos a necessidade de mudanças estruturais a nível global, ao mesmo tempo que percebemos que também há necessidade do aparecimento de vibrantes economias alternativas com base local, de maneira que surjam os brotos do novo, mesmo enquanto o velho sistema se desmorona. É aqui que as ecovilas têm um papel crucial na hora de investigar, demonstrar e ensinar abordagens alternativas para a vida econômica.

- **Módulo 2 – Sustento Justo** olha como as atuais estruturas econômicas e incentivos fiscais fazem com que, de maneira geral, seja pouco rentável produzir em pequena escala para as necessidades locais usando matérias primas locais- exatamente o tipo de sistema de produção obrigatório se quisermos viver dentro da capacidade de carga da Terra. Até que essas estruturas e incentivos comecem a mudar, nosso comportamento econômico precisa estar solidamente informado, com uma série de opções baseadas em valores: quanto é o suficiente? qual a relação entre níveis de consumo material e bem-estar humano? nossa riqueza depende da pobreza dos outros? nossa riqueza depende da degradação do mundo não humano? em que casos uma pessoa decidiria consumir menos ou pagar mais que o estritamente necessário? Estas perguntas baseadas em valores formam nosso segundo módulo.
- **Módulo 3 – Economias Locais** examina, em particular, a empresa social, com uma importância crescente nos últimos anos. As empresas sociais, uma característica crescente em muitas ecovilas dá emprego a pessoas marginalizadas e aos desfavorecidos, restauram ecossistemas deteriorados e satisfazem as necessidades comunitárias, inclusive cuidam das crianças, dos idosos e oferecem alimentos biológicos saudáveis enquanto fornece lucro razoável. O módulo explora tanto a teoria quanto a prática da empresa social e ajuda os participantes do curso a entender como podem se envolver com a criação ou o apoio de tais empresas em suas próprias comunidades, de maneiras práticas. Examinaremos também que tipos de bens e serviços parecem ser apropriados para empresas em ecovilas.
- **Módulo 4 – Moedas e Bancos e Comunitários** explora outra dimensão importante da Promoção das Economias Locais: o papel do dinheiro e da riqueza. Os bancos comunitários permitem que as comunidades canalizem as reservas, as poupanças de seus membros e dos simpatizantes para empresas e iniciativas locais, enquanto que os sistemas de moeda local permitem manter o dinheiro na economia local, impedindo que corra para a economia especulativa global.
- **Módulo 5 – Temas legais e financeiros** examina os aspectos legais e financeiros da criação de ecovilas e empresas sociais. Isso inclui as maneiras pelas quais podemos criar um clima de fartura e distinguir entre diferentes tipos de finanças. Ressalta a importância de alinhar a propriedade e as estruturas legais escolhidas para as ecovilas e empresas sociais com os tipos de finanças que serão mobilizadas para criá-las e fazê-las crescer.

Recurso Econômico: *Economia Gaiana*

Economia Gaiana: Viver bem dentro de limites planetários é a chave Econômica da série das Quatro Chaves da Gaia Education para Comunidades Sustentáveis em todo o planeta. Faça download grátis em www.gaiaeducation.org

Módulo 1: Da economia global para a sustentabilidade

Objetivos de Aprendizagem

Desenvolver a compreensão de:

- como funciona atualmente a economia global
- as consequências da economia global para as pessoas, a sociedade e os ecossistemas
- por que a economia global se desenvolveu da maneira como está?
- com a economia global poderia ser mais justa, resiliente e sustentável
- os tipos de mudanças necessárias para que isso aconteça

Conteúdo

Os últimos 250 anos trouxeram um crescimento sem precedentes nos níveis da atividade econômica, consumo, esgotamento de recursos, crescimento da população humana e emissões de CO₂. Durante os últimos 50 anos, essas tendências cresceram de maneira exponencial: passamos de uma situação em que a maior parte da produção e do consumo tinham uma base local - inclusive nos países industrializados do Hemisfério Norte - para outra em que, cada vez mais, os produtos são transportados milhares de quilômetros de avião ou navio pelo mundo afora. Isto ocorre também com produtos como alimentos, que são perecíveis e têm características culturais e geográficas especiais; muitos países exportam e importam quantidades quase idênticas dos mesmos alimentos, incluindo as carnes e os laticínios.

O resultado, ao longo dos últimos 100 anos, tem sido um enorme crescimento da “pegada ecológica” que os humanos deixam na Terra. Ou seja, à medida que aumentou o consumo e mudamos a orientação do sistema para formas mais intensivas de produção e distribuição de produtos do ponto de vista de recursos e energia, aumentou também dramaticamente o impacto ecológico de nossas atividades econômicas. Calcula-se que, desde meados dos anos 70, nós, enquanto espécie, temos nos alimentado do capital natural da Terra, em vez de consumir o lucro anual autorregenerado, como acontecia anteriormente. Além disso, se todo mundo na Terra consumisse, os mesmos níveis que um norte-americano médio (o objetivo lógico, ainda que normalmente não mencionado, do paradigma dominante do “desenvolvimento”), precisaria dos recursos de cinco planetas como a Terra para que isso fosse possível.

Neste módulo perguntamos: Por que isso aconteceu? Quais os fatores econômicos, políticos, culturais e espirituais que sustentam a progressiva globalização da economia? Que decisões específicas criaram um sistema econômico que funciona desta forma? O que podemos fazer a esse respeito?

Os principais itens que vamos abordar incluem:

O que é globalização?

Serão discutidas as diferentes dimensões da globalização; estas discussões habitualmente ajudam os estudantes a distinguir entre globalização cultural (que frequentemente é considerada como um desenvolvimento de maneira geral positiva se as culturas locais forem respeitadas) e globalização

econômica (que tem estado acompanhada por consequências mais problemáticas a nível social, econômico e ecológico).

Por que ocorreu essa mudança para a globalização?

Como e por que surgiu a globalização econômica? Os participantes são encorajados a considerar que o processo não é, de forma alguma, inevitável, mas sim o resultado de decisões políticas específicas (e reversíveis). Os temas-chave incluem:

- assumir os limites ao crescimento em um planeta que é limitado,
- o próximo período de decadência energética após picos de produção de petróleo a nível mundial.
- as consequências do paradigma reducionista Newtoniano.
- a desregulamentação e a liberalização dos produtos, serviços e mercados financeiros.
- os substanciais subsídios oferecidos aos grandes interesses.
- um sistema de impostos que favorece a força do capital sobre a do trabalho.
- a exteriorização de muitos custos sociais e ambientais.
- o funcionamento das principais organizações econômicas internacionais: a Organização Mundial do Comércio, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Consequências

Na hora de explorar as consequências da globalização econômica, os participantes serão encorajados a pensar de maneira sistêmica, utilizando mapas mentais para registrar novas ideias e visões, e considerando todos os diferentes impactos, por exemplo, em termos de:

- concentração do poder político e econômico.
- igualdade global e os direitos dos trabalhadores.
- saúde do habitat de outras espécies.
- biodiversidade.
- medidas de bem-estar para substituir o crescimento econômico (PIB).
- esgotamento de recursos.
- saúde do solo e da atmosfera.
- criação e manejo de resíduos.
- coerência e integridade das comunidades,
- qualidade de vida, saúde mental, etc.

Cada grupo fala aos outros sobre as condições e impactos da globalização sobre seus próprios contextos culturais/geográficos, o que é uma importante aprendizagem.

O que podemos fazer?

Como seria uma economia global mais justa, resiliente e sustentável? Que tipos de mudanças políticas seriam necessárias para estabelecê-la? Entre as sugestões mais interessantes que foram feitas nos últimos anos estão as seguintes:

- Uma mudança de paradigma para uma visão de mundo holística de conexão;
- Restruturação dos impostos, desviando-os das pessoas (impostos sobre a renda, emprego, benefícios, valor agregado e capital) para o uso de recursos e para a poluição (impostos sobre a energia, tarifas de água, tarifas de congestionamento de trânsito, impostos sobre a criação de resíduos, etc.);
- Acabar com o apoio estatal a atividades insustentáveis e desperdiçadoras (subsídios à geração de energia em grande escala, à agricultura industrial e em grande escala, à exploração de combustíveis fósseis, à pesquisa e ao desenvolvimento para o benefício das grandes corporações, incentivos fiscais para as grandes corporações, etc.);
- Introdução de subsídios para promover atividades que sejam sustentáveis e favoráveis ao meio ambiente (agricultura ecológica em pequena escala, geração de energia em pequena escala, conservação de energia, transporte público e de baixo custo energético, etc.).
- Introdução de um imposto sobre a terra.
- Criação de uma renda básica para o cidadão.
- Formação de redes de comunidades sustentáveis.
- Abolição da dívida internacional.
- Promoção de um comércio justo.
- Reforma abolição ou substituição das principais instituições econômicas internacionais: o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio.
- Introdução de um imposto global (a ser pago como se fosse pagamento de aluguel, para todos os países) sobre:
 - atividades que poluem,
 - atividades que usam meios globais comuns, como por exemplo: rotas de voo, rotas no mar, zonas oceânicas de pesca, mineração de fundos marinhos,
 - gastos militares e comércio de armas,
 - comércio mundial,
 - transações monetárias internacionais

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Ancient Futures: Learning From Ladakh - International Society for Ecology and Culture www.localfutures.org

Peak Oil: Imposed by Nature – Tropos Dokumentar, troposdoc@hotmail.com

The End of Suburbia – Oil Depletion and the End of the American Dream – The Electric Wallpaper Co., www.endofsuburbia.com

The Battle for Seattle – Independent Media, www.seattle.indymedia.org

Internet

World Development Movement - www.wdm.org.uk

Third World Network - www.twinside.org.sg

Global Ecovillage Network - www.ecovillage.org

George, Susan (2007) Of capitalism, crisis, conversion & collapse: The Keynesian alternative.

http://www.tni.org/detail_page.phtml?act_id=17306

Atividades de aprendizagem experimental

As seguintes atividades podem ser realizadas com o grupo inteiro, ou individualmente. Conceber em conjunto uma forma de medir o impacto e os resultados de cada exercício.

Análise da pegada ecológica

Divide-se um grupo de acordo com a origem de seus membros, e as pessoas de um mesmo país dão-se as mãos formando um círculo (que pode ser na grama) que represente o tamanho da pegada ecológica do lugar (os norte-americanos terão um círculo imenso; os europeus um círculo relativamente grande; as pessoas provenientes de países em desenvolvimento estarão um pouco apertadas; aqueles que vêm dos países mais pobres estarão muito apertados). Ao longo deste exercício pode-se tocar um tambor em ritmo lento. Os grupos devem dedicar um tempo a se observar uns aos outros. NÃO se trata de gerar culpa entre os que estão nos círculos maiores; este é um exercício meditativo de observação - simplesmente observa-se o que há fora e o que há dentro, sem emitir juízo. Depois, volta-se para os grupos grandes e/ou pequenos e discute-se o que se sente. (Haverá tempo suficiente para se discutir possíveis soluções: o papel do facilitador é garantir que as discussões e reações neste ponto permaneçam no nível dos sentimentos.).

Imediatamente depois do exercício anterior (antes das discussões de grupo) prepara-se um grande círculo que represente a Terra. As pessoas dos países mais pobres entram no círculo e devem ter tempo para apreciar um passeio no amplo espaço. Depois, o resto dos membros do grupo se unirá a eles, até que não haja mais espaço no círculo. O som do tambor continua ininterruptamente desde o exercício anterior. Enquanto caminham, as pessoas leem (várias vezes) o seguinte trecho de Oren Lyons, Guardião da Fé da Nação Onondaga (Súplica do Dia da Terra, 1993): “Em nosso estilo de vida... com cada decisão que tomamos, sempre consideramos a Sétima Geração de crianças que ainda virá... Quando caminhamos sobre a Mãe Terra, sempre plantamos nossos pés com cuidado porque sabemos que os rostos das gerações futuras estão nos observando de baixo do solo. Nunca nos esquecemos deles”.

Biografias de produtos

O professor/facilitador deve fornecer material de estudos de casos e exemplos que ilustrem as grandes distâncias que percorre, e muitas vezes as múltiplas fontes de origem, a maioria dos alimentos e produtos que consumimos. (Os jornais, as revistas e os materiais educativos mostram muitos exemplos desse tipo.) Os estudantes são então convidados a despertar sua curiosidade com relação às biografias dos artigos que os rodeiam. A investigação e a apresentação da biografia de um produto pode ser estabelecida como uma lição de casa.

Visualização da transição

Em pequenos grupos, encoraja-se os estudantes a visualizar o lugar onde vivem tal como é atualmente. Eles devem anotar as diferentes maneiras pelas quais a vida que levam é dependente de um acesso barato e fácil dos combustíveis fósseis. Depois, serão encorajados a imaginar como as coisas poderiam ser diferentes se vivêssemos dentro da nossa pegada ecológica. Podem visualizar como a comida seria produzida, como e onde as pessoas viajariam que aspecto teriam os edifícios e assentamentos, como a energia seria gerada, como as pessoas se entenderiam, etc. Finalmente, peça que reflitam sobre as mudanças-chave que devem ser implantadas para desencadear o movimento rumo à transição.

Módulo 2 - Sustento Justo

Objetivos de Aprendizagem

- Alinhar nossos valores com nossas escolhas de estilo de vida e economia.
- Desenvolver uma maior conexão com seus propósitos de vida.
- Promover alternativas de vida que contribuam para o bem-estar e a saúde planetária, em vez de prejudicá-los.

Conteúdo

“Os luxos de hoje se transformam nas necessidades de amanhã.” Talvez esta antiga máxima nunca tenha sido tão verdadeira quando agora. Há apenas 50 anos, uma família do mundo industrializado gastava em comida cerca de 22% de sua renda; hoje é a metade disso. Ainda assim, para a maioria, a ideia de gastar mais em comida de boa qualidade, de cultivo local -o que promove a saúde humana e ecológica- é difícil de imaginar, pois muitos de seus outros gastos parecem essenciais - as férias fora do país, lazer, televisões, frutas e verduras fora de época e todos os tipos de “coisas” materiais.

Numerosas investigações, no entanto, sugerem que a prosperidade material, além de certo nível (um nível há muito tempo ultrapassado no mundo industrializado), o aumento da riqueza material, em vez de aumentar a felicidade humana, pode muito bem corroê-la. Esta parece ser uma lição que nos custa aprender; já que os níveis de consumo no Ocidente continuam aumentando de ano para ano.

Este módulo, portanto, introduzirá o conceito de “fartura sustentável”, que significa que grande parte da riqueza não tem uma natureza material (mas tende a ser subavaliada em uma economia de mercado). Isto inclui o capital social (constituído através do serviço e de uma profunda conexão com a própria comunidade) e o capital ecológico (que consiste em viver como parte de um ecossistema saudável e autossuficiente). E se relaciona com o surgimento recente de indicadores “alternativos” de bem-estar (“alternativos” ao uso convencional dos sistemas puramente monetários como o produto interno bruto, PIB).

A escala de valores terá um papel fundamental na transição para um mundo mais justo, sustentável e satisfatório. Isso porque: i) as mudanças estruturais nunca foram suficientes para levar a cabo uma transformação, sempre se exige também uma transformação interna, de valores; e ii) nenhuma inovação tecnológica pode nos conduzir a um equilíbrio sustentável com a capacidade de carga da Terra - no mundo industrializado, precisaremos encontrar uma maneira de redefinir a qualidade de vida que esteja dissociada dos níveis de consumo material.

No núcleo deste módulo está a apresentação de comunidades, iniciativas e indivíduos que, dentro do contexto das ecovilas, conseguiram com sucesso redefinir suas próprias vidas:

- Pessoas que optaram por reduzir e simplificar suas vidas para ganhar em tempo criativo ou familiar.
- O agricultor da comunidade que trabalha mais horas por uma remuneração menor do que seria considerada aceitável para muitos.

- Os ajudantes e cuidadores que trabalham voluntariamente pelo puro prazer de servir a comunidade.
- Artistas da comunidade que criam atos de beleza negligente e revitalizada, pelo simples motivo de querer criá-los,
- O consumidor que paga mais por artigos produzidos localmente ou de comércio justo por causa dos benefícios sociais e ambientais para sua comunidade e /ou para comunidades em outras partes do mundo,
- Redes de aldeias em países em desenvolvimento, como a rede Sarvodaya, no Sri Lanka.

Inevitavelmente este será um módulo experimental difícil de ensinar fora do contexto das ecovilas. É dedicado mais ao coração e à imaginação que ao intelecto. O objetivo é determinar como conseguir uma transformação no coração e na mente dos participantes, baseada na valorização exaustiva do vínculo assumido entre o consumo material e a felicidade.

Os participantes serão encorajados a dedicar suas cabeças, corações, almas e mãos ao cultivo e à preparação dos alimentos, ao seu próprio divertimento e à arte, a cuidar dos outros, a desenvolver uma maior compreensão dos muitos presentes que têm para oferecer e a definir o objetivo de suas vidas de maneira que satisfaçam todo o seu ser.

Em um nível mais conceitual, os participantes conhecerão algumas das tentativas mais recentes de desenvolver indicadores alternativos para medir o progresso econômico e social que tenta ir além das medidas convencionais de fluxos monetários e de crescimento, para indicadores baseados em acessos a serviços, qualidade de vida, felicidade e bem-estar ecológico.

Sem dúvida, cultivar os alimentos para a comunidade e cuidar dos jovens e dos idosos são as preocupações mais nobres e mais vitalmente necessárias das ocupações; ainda que na distorcida racionalidade da economia capitalista, estas ocupações sejam marginalizadas. A agricultura local, em particular a de pequena escala, tem sido sempre a base da vida econômica da comunidade. Esperamos que em um futuro com menos carbono essa forma de sustento justo volte a ser predominante.

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Ancient Futures: Learning From Ladakh - International Society for Ecology and Culture www.localfutures.org

Internet

E.F. Schumacher Society - www.schumachersociety.org

International Society for Ecology and Culture - www.isec.org

Atividades de aprendizagem experimental

Divida o grupo em subgrupos menores para que eles façam como muitos dos seguintes atividades possíveis. Relatório de volta para todo o grupo. Lembre-se de definir instrumentos de medição para avaliar os resultados e os efeitos dessas atividades.

O que é riqueza?

Convide os estudantes a fazer uma lista das dez coisas que mais contribuem para a sua qualidade de vida e sentimentos de bem-estar (incluindo bens materiais e atributos menos palpáveis como o “amor”). Quando tiverem acabado, poderão ler as listas e discutir quantas e quais coisas da lista constituem formas materiais de riqueza em oposição a outras formas.

O jogo dos indicadores

Em anos recentes, comunidades de todo o mundo que buscam alternativas ao PIB definiram indicadores mais biocêntricos e positivos para medir o bem-estar de suas comunidades e ecossistemas. Elas incluíram, por exemplo, o número de salmões ou falcões procriando, a incidência de asma entre suas crianças, quantas vezes vão para a escola a pé e quantas de bicicleta... Peça aos estudantes que considerem, e em seguida discutam, quais indicadores gostariam de introduzir em suas próprias comunidades.

Balanco do sustento justo

Convide os participantes a fazer um inventário de habilidades e recursos que poderiam desenvolver ou converter em meios de sustento justos. (Poderia ser a nível individual ou comunitário ou, claro, do grupo que faz este módulo, o que for mais conveniente.)

Visualização do sustento justo

Faça com que os participantes fiquem profundamente relaxados, em estado meditativos. Então solicite a eles que visualizem os três cenários seguintes, dando tempo suficiente para cada um:

1. Imaginar sua comunidade/campus/família/cidade/etc. (qualquer situação que sinta ser mais relevante). Observá-la em detalhes: tem gente na paisagem? As pessoas estão felizes? O que estão comendo? De onde vêm os alimentos? Que tipo de construções podem ser vistas? Que tipo de meios de transportes? E lazer? etc.
2. Agora imagine esta cena como preferiria que fosse; novamente o facilitador sugere o exame de cada uma das áreas vistas anteriormente.
3. Qual é o seu papel (grande ou pequeno, individual ou coletivo) na hora de ajudar a promover essa transformação?

Compromissos

Imediatamente após o exercício anterior, faça uma rodada de compromissos em que cada participante explique alguma mudança ou ação que desencadeará. Peça ao grupo que todos sejam testemunhas desses compromissos e que deem seu apoio às mudanças.

Módulo 3- Economias Locais

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender o conceito e a experiências das empresas sociais.
- Ajudar os participantes a imaginar atividades de empresas sociais que poderiam lançar ou apoiar.
- Gerar ideias sobre que tipo de negócios se adapta melhor à escala e às características das ecovilas e vizinhanças locais.
- Identificar aqueles tipos de atividades da empresa social que tendem a prosperar no ambiente das ecovilas.

Conteúdo

Nos dias de hoje, os incentivos econômicos se inclinam em peso para a produção e a distribuição maciça e contra a produção e a distribuição locais, baseadas na utilização de matérias primas obtidas também localmente. Apesar de tudo, as ecovilas e outras comunidades ainda podem fazer muito, mesmo sob as atuais condições, para alimentar e desenvolver suas próprias economias locais.

O primeiro passo dado frequentemente pelas comunidades que buscam retomar algum controle sobre seu destino econômico é fazer um estudo sobre os fluxos de dinheiro e recursos que entram e saem da economia local. Esse estudo revela os diversos produtos e serviços que chegam à comunidade vinda de fora dela (fazendo com que a riqueza monetária deixe a economia local). A partir desse conhecimento, a comunidade pode procurar descobrir quais desses produtos e serviços podem ser abastecidos de maneira local. Este exercício se chama “Tapando os vazamentos” (ver outros detalhes abaixo, na parte “Atividades de aprendizagem experimental”).

O modelo de “empresa social” se ajusta especialmente bem a comunidades locais que queiram desenvolver suas economias de forma que também satisfaçam objetivos ecológicos e sociais. As empresas sociais são um elemento-chave do crescente “terceiro setor da economia”, e se situam em algum ponto entre os setores público e privado, buscando combinar os melhores aspectos de cada um. Elas cobrem um amplo espectro de estruturas de propriedade e de atividades, e podem ser definidas como empresa cujo objetivo primário é obter um benefício social ou ambiental, e apenas secundariamente obter ou gerar um rendimento justo para os investidores.

O modelo de empresa social se encaixa perfeitamente no paradigma holístico emergente e no contexto das ecovilas, ao permitir a realização de objetivos que frequentemente eram considerados como concorrentes entre si:

- A realização de objetivos sociais (emprego, cuidados às crianças, cuidados aos idosos, etc.) e ambientais (projetos de reflorestamento, restauração) ao mesmo tempo em que se consegue um lucro.
- Servir à comunidade e aos investidores locais (no contexto das ecovilas, frequentemente são as mesmas pessoas);

- Combinar empregos pagos com voluntários;
- Criar bens e serviços enquanto se ensina os outros a seguir os exemplos, e usar tanto moedas convencionais como alternativas.

Além disso, as empresas sociais frequentemente têm acesso a fundos externos a que as empresas privadas convencionais não alcançam. Isso devido à primazia de suas preocupações sociais e ambientais e suas estruturas de propriedade geralmente coletivas.

Neste módulo veremos alguns exemplos de empresas sociais - tanto na ecovila anfitriã como de fora. Em Findhorn, a compra da loja Phoenix foi feita com participações comunitárias; na Dinamarca, o Centro Popular (Folk Centre) de Energia Renovável foi útil na hora de ajudar grupos de moradores e agricultores locais a financiar a construção de moinhos; em Damanhur, na Itália, mais de 30 negócios locais foram financiados através de um sistema de moeda local; na Hungria, Galgafarm financiou o desenvolvimento de sua ecovila com recursos internos, com uma granja biológica e um projeto local de hotel.

Através de um exercício de visualização, vamos tentar fazer com que os participantes se conectem com papéis que eles potencialmente poderão assumir para ajudar a criar ou apoiar uma empresa dentro de sua própria comunidade (seja ou não intencional). Eles serão convidados a refletir sobre os bens e serviços que poderiam abastecer suas comunidades e sobre suas possíveis contribuições na hora de garantir que eles sejam fornecidos.

Finalmente, examinaremos a auditoria social como uma ferramenta para garantir que as empresas sociais permaneçam a serviço de suas comunidades- mães. Esta ferramenta inclui uma análise “tripla” dos rendimentos da empresa, que vai além da medida convencional do benefício financeiro, para incluir também o rendimento social (como os negócios são visto pelos seus clientes, seus empregados e voluntários, seus fornecedores, seus vizinhos, etc?.) e o rendimento ambiental.

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Creating Prosperous Communities: Small-Scale Cooperative Enterprise in Maleny - Alister Multimedia, 2002
The Economics of Happiness - www.localfutures.org 2011

Internet

FEASTA, Foundation for the Economics of Sustainability - www.feasta.org
International Society for Ecology and Culture - www.isec.org.uk
Relocalization: www.naturalsystems.blogspot.com/p/relocalization.html
Local First: www.livingeconomies.org/local-first
Social Enterprise Coalition. www.socialenterprise.org.uk

Atividades de aprendizagem experimental

Divida o grupo em subgrupos menores para que eles façam como muitos dos seguintes atividades possíveis. Relatório de volta para todo o grupo. Lembre-se de definir instrumentos de medição para avaliar os resultados e os efeitos dessas atividades.

Tapando os vazamentos

Divida os estudantes em grupos por afinidades (Dependendo da composição do grupo plenário, estes grupos de afinidades podem se dividir, por exemplo, em três outros grupos, de habitantes rurais, suburbanos e urbanos). Os estudantes devem fazer um mapa dos fluxos de dinheiro que entram e saem de suas economias locais. Que bens e serviços suas comunidades importam de fora e quais são fornecidos por elas mesmas? Será que elas podem oferecer outras coisas? Que bens e serviços oferecem as melhores oportunidades para substituir os que são importados?

Apresentação de slides da empresa social

Uma apresentação de slides de ecovilas e outras economias locais ao redor do mundo oferece muitas pistas sobre o tipo de bens e serviços que as empresas comunitárias podem oferecer em uma escala relativamente pequena. O facilitador deverá desenvolver a apresentação de slides.

Painel de empresários de ecovilas

Uma sessão de perguntas e respostas com um painel de empresários sociais com bases locais. Prepare algumas perguntas gerais antes do painel iniciar o diálogo.

Exploração da empresa social

Convide os participantes a imaginar suas próprias comunidades (sejam ou não intencionais). Peça que meditem sobre os diferentes bens e serviços que são oferecidos, ou os que gostariam que fossem oferecidos. Há alguma coisa (vendas, preparação de alimentos, cuidados às crianças, lazer, restauração ambiental, etc.) pela qual se sentem atraídos de maneira especial? Faça com que explorem inicialmente sozinhos e depois em pequenos grupos, que tipo de negócios poderiam imaginar a nível local, e como poderiam contribuir para a criação ou o funcionamento de uma empresa que fornecesse esses bens ou serviços.

Módulo 4 - Moedas e Bancos Comunitários

Objetivos de Aprendizagem

- Promover o entendimento sobre o que é o dinheiro e como funciona.
- Oferecer informações sobre como diferentes ecovilas e outras comunidades no mundo (intencionais e convencionais) conseguiram desenvolver prósperas economias locais.
- Oferecer informações específicas sobre como criar e administrar bancos comunitários e sistemas monetários.

Conteúdo

O processo de criação e circulação de dinheiro representa o principal motor da atual economia global insustentável. Grande parte do dinheiro em circulação é criado por bancos sob a forma de empréstimos com juros. Esta situação cria, necessariamente, uma obrigatoriedade de crescimento, porque todos os que fazem um empréstimo precisam aumentar seus ganhos para poder pagar o capital e os juros embutidos. O mecanismo de pagamento dos juros também distribui a riqueza monetária dos pobres (devedores) para os ricos (credores), estimulando assim as desigualdades de rendas.

No âmbito internacional, a desregulamentação dos mercados financeiros, iniciada nos anos 80, permitiu a transferência de capital para qualquer lugar do planeta apenas apertando uma tecla. Como consequência, cresceu dramaticamente a vulnerabilidade dos sistemas financeiros globais, como ilustrado nas crises financeiras de 1998 e 2008. Além disso, as comunidades locais e os frágeis ecossistemas se tornam vulneráveis, porque os negócios podem ser transferidos rapidamente para outros locais em que se ofereçam salários mais baixos ou onde existam leis e regulamentos ambientais menos severos.

Já se trabalhou muito para desenvolver modelos de sistemas monetários que promovam uma maior capacidade de recuperação, igualdade e sustentabilidade ecológica. Eles têm várias características diferentes:

- A reintrodução de controles sobre o movimento de capitais internacionais.
- Controle mais rígido sobre as políticas de empréstimos de bancos privados.
- A introdução de várias moedas que operem em diferentes níveis: comunitário, urbano, nacional, regional, global, e
- A criação de uma reserva internacional de moeda independente de todas as moedas nacionais.

Quanto menos bens e serviços são oferecidos localmente, mais dinheiro abandona o sistema local e menos circula localmente para comprar e investir em negócios locais, os quais, por sua vez, se veem com mais e mais dificuldades de produzir para satisfazer as necessidades locais.

O economista Richard Douthwaite explica: “Se as pessoas que vivem em uma determinada área não podem praticar comércio entre elas sem usar o dinheiro criado por forasteiros, sua economia local estará sempre à mercê de acontecimentos que ocorrem em outros lugares. O primeiro passo para qualquer comunidade que queira ser mais autosuficiente é, portanto, estabelecer seu próprio sistema monetário”.

As ecovilas encontraram duas maneiras de conter esse vazamento: a primeira é criar seus próprios sistemas de intercâmbio comercial (LETS), ou sistemas de moeda comunitária. Aqui vamos examinar a história, os pontos fortes e os fracos dos diferentes tipos de sistemas. Os estudantes também terão a oportunidade de ver em funcionamento um sistema de moeda comunitária e serão conduzidos através do processo de criação de uma moeda que se encaixe no contexto de seu lugar de origem.

A segunda ferramenta para manter o dinheiro em circulação nas economias locais é a criação de bancos comunitários ou de estruturas legais que permitam aos membros da comunidade e a seus amigos investir em empresas e projetos comunitários. Examinaremos a história das cooperativas de crédito, dos microcréditos e de outros bancos comunitários. Os estudantes também terão a oportunidade de ver funcionar um banco comunitário e serão ajudados a percorrer o processo de criação de uma entidade semelhante.

Finalmente, como uma forma de unir os módulos 3 e 4, serão apresentados os melhores exemplos práticos de criação de vigorosas economias baseadas na comunidade, incluindo material sobre o movimento Sarvodaya, do Sri Lanka, o movimento cooperativo de Mondragón, na Espanha, a comunidade Maleny, na Austrália, e a ecovila Damanhur, na Itália.

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Brave New Economy - New Economics Foundation, London

Internet

New Economics Foundation - www.neweconomics.org

Zero Emissions Research Institute - www.zeri.org - leaky bucket model

Community Currency Magazine www.ccmag.net

LETSystems - the Home Page - www.gmlets.u-net.com

Atividades de aprendizagem experimental

Definir instrumentos de medição para avaliar os resultados e os efeitos das seguintes atividades:

O jogo LETS

Ilustra o funcionamento dos sistemas LETS. Será pedido aos estudantes que façam uma lista de bens e serviços que são capazes de oferecer e que depois comercializem entre si, sem o uso de dinheiro nem forma alguma de papel-moeda. Use cartões para rotular ou marcar os itens imaginários a serem negociadas durante este exercício.

Sessões práticas

Com os criadores de bancos comunitários e sistemas monetários: explorar os detalhes do design, criação e administração desses sistemas. Sair desta sessão com um sistema de moeda única alternativa recém-projetada.

Módulo 5 - Temas legais e financeiros

Objetivos de Aprendizagem

- Desenvolver o entendimento das diferentes opções legais e financeiras disponíveis para as ecovilas e empresas sociais, e identificar as que melhor se adaptam a contextos específicos.
- Começar a usar as diferentes ferramentas oferecidas neste e nos módulos anteriores para criar seus próprios projetos e empresas sociais.
- Familiarizar os participantes com estudos de viabilidade e planos de negócios

Conteúdo

Existem incontáveis estruturas legais e de propriedade a serem escolhidas na hora de criar uma ecovila ou uma empresa social. Mormente, as opções variam conforme a região ou conforme o país em uma mesma região. (O professor deve ser bem informado, na medida do possível, sobre a legislação específica que prevaleça nas regiões ou países dos participantes do curso.)

Existem dois pontos chave na hora de determinar quais as estruturas legais e de propriedade mais adequadas:

1. Aquelas que reflitam os valores sociais e econômicos centrais do grupo:
 - a renda será dividida em partes iguais entre todos os membros da empresa/ ecovila?
 - ou alguns vão receber mais que outros?
 - aqueles que trabalham fora da ecovila colocarão sua renda no fundo comum ou poderão guardar toda ela ou uma parte dela?
 - as empresas serão privadas, coletivas ou de capital misto, com ações?
 - no caso de haver acionistas, os direitos de voto terão relação com o tamanho do investimento ou todos os investidores terão um único voto “de ouro”?
 - no caso de uma ecovila, a terra será particular ou comunitária? A valorização da terra beneficiará alguns indivíduos ou a coletividade? Serão levantados fundos especiais para a moradia dos membros mais pobres da comunidade que não sejam capazes de comprar ou construir? Como?
2. Aquelas que estejam relacionadas com fontes anteriores de financiamento:
 - na maioria dos casos, são necessárias estruturas legais e de propriedade específicas para que as ecovilas ou empresas possam receber subvenções governamentais, doações, abrir o capital para acionistas, etc.
 - na maioria dos países, existem diferentes legislações para as empresas sociais e para organizações com ou sem fins lucrativos.

Todas essas questões terão implicações sobre a escolha das estruturas legais e de propriedade mais adequadas.

Será necessária uma reflexão prévia para esclarecer quais as fontes de financiamento previstas a curto e a longo prazo para lançar e fazer o projeto avançar. Existem quatro tipos diferentes de capital aos quais as ecovilas e as empresas nelas baseadas podem recorrer:

1. Capital-semente (capital de decolagem) - para estudos de viabilidade e para autorizações e licenças de planejamento, zoneamento e outras.
2. Capital de ações: dinheiro dos investidores, que normalmente dividem a propriedade e o controle junto com os riscos do projeto.
3. Empréstimos/dívidas: que geralmente também incluem o pagamento de juros,
4. Presentes, subsídios e doações

Existem, por outro lado, sete fontes potenciais de capital:

1. Membros ou empregados das ecovilas ou empresas.
2. Pessoal de apoio que pode ser em parte do local do projeto ou parte da 'família' mais ampla dos simpatizantes.
3. "Anjos dos negócios", amigos ricos do mundo dos negócios, que compartilham dos valores do projeto.
4. Organizações sem fins lucrativos, como associações beneficentes, fundações e vários prestadores de serviços (por exemplo, a ecovila Epidaure, na Suíça, recebe pagamentos do Ministério suíço de Serviços para a Juventude pelo trabalho que faz com jovens e refugiados menos favorecidos)
5. "Amigos ursos": grandes organizações que compartilham do interesse pelo projeto, incluindo associações habitacionais, processadores de alimentos biológicos, etc.
6. Governo: local, nacional ou regional.
7. Programas de ajuda externa.

Apresenta-se uma matriz que mostra qual dessas fontes tende a fornecer diferentes tipos de capitais com exemplos relevantes de cada um. A seguir, as fontes de financiamento escolhidas devem ser relacionadas novamente com as estruturas legais e de propriedade mais adequadas para atrair tais capitais.

Toda essa informação é apresentada em um contexto de 'criação de fatura' - isso é para ajudar os participantes a entender que as técnicas para identificar e mobilizar financiamentos raramente são suficientes, que o sucesso geralmente depende da criação de uma visão e do alinhamento com ela de uma forma tão plena que a pessoa em questão se torna um agente de sua suave expansão.

Os participantes devem ser conduzidos então através de alguns dos principais assuntos relacionados com as finanças, como a relação de risco-benefício (estratégias para o levantamento de fundos ligados a projetos de risco), a segurança (os tipos de avais normalmente exigidos pelos financiadores e os consequentes riscos); o grau de endividamento (a relação entre a quantidade de dinheiro que uma empresa deve e o número de suas ações) e os benefícios justos (definir e negociar tipos de juros justos para aquele que pede o empréstimo).

Os participantes voltam a seus pequenos grupos, definidos por regiões, para discutir as opções legais e financeiras importantes para seus próprios contextos.

Os participantes devem ser conduzidos pela teoria e prática da redação de estudos de viabilidade e planos de negócios. São apresentados modelos relevantes e concretos de cada caso e eles terão a oportunidade, individualmente ou em grupos, de criar seus próprios documentos.

Para concluir, é feita uma meditação que conduz os participantes por tudo o que se viu do currículo de Economia, ajudando-os a se reconectar com cada uma das ferramentas que devem ter em sua caixa de ferramentas de economia comunitária - pegada ecológica, compromissos com o sustento justo, “tapando vazamentos”, moedas e bancos comunitários, ideias para empresas sociais, conhecimento sobre opções financeiras e de propriedades, etc. Eles são convidados a se concentrar em um projeto: criar uma ecovila, estabelecer uma empresa social, apoiar uma empresa social; e a considerar como podem usar sua caixa de ferramentas da melhor maneira para converter seus sonhos em realidade.

A seguir os participantes podem:

1. voltar a seus pequenos grupos definidos por regiões, onde cada um descreve e elabora sua visão, pedindo o apoio do grupo para colocá-la em prática; ou então
2. criar grupos de trabalho com um número menor de cabeças participantes, que tenham ideias claras sobre projetos específicos que queiram desenvolver.

O currículo termina com uma ou mais entre as seguintes atividades, dependendo do tempo disponível e do que parece mais apropriado:

- apresentações dos projetos no grupo plenário;
- uma rodada de compromissos para ações futuras;
- uma breve avaliação - o que funcionou bem? o que poderia ter saído melhor?
- avaliações finais.

Material de Referência para este módulo

Internet

A Feasibility Study for Community Supported Agriculture

Co-op movement www.cds.coop/coop_movement/new-to-co-ops

Land Trusts: www.smallisbeautiful.org/clts/related_articles.html

Roundup of Business Incubators www.entrepreneur.com/article/202260

The Coalition of Community Development Financial Institutions www.genesisfund.org/cdfi.htm

Atividades de aprendizagem experimental

Organize a classe em pequenos grupos de três ou quatro membros para explorar a criação de estudos de viabilidade e planos de negócios. Conceber uma forma de medir os resultados.

Material de Referência da Dimensão Econômica

- Adams, M., Blumenfeld, W., Castaneda, C., Hackman, H.W., Peters, M.L., and Zuniga, X. (2010). *Readings for Diversity and Social Justice*. New York: Routledge.
- Assadourian, Erik and Gardner, Gary. (2010). *Rethinking the Good Life*. Worldwatch Institute, State of the World 2010 Report. New York, NY: W.W. Norton
- Borzaga, Carlo and Defourny, Jacques. (2001). *The Emergence of Social Enterprise*. London ; New York: Routledge
- Boschee, Jerr. (2001). *The Social Enterprise Sourcebook*. Minneapolis, Minn.: Northland Institute.
- Boyle, David.(2003). *The Little Money Book*. UK: Fragile Earth Books.
- Brown, Lester. (2008). *Plan B 3.0: Mobilising to Save Civilization*. London: Norton.
- Christian, Diana Leafe. (2003). *Building a Life Together: Growing Ecovillages and Intentional Communities*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.
- Chopra, Deepak. (1995). *The Seven Rules of Spiritual Success*. San Rafael, Calif.: Amber-Allen Pub.: New World Library.
- Daly, Herman E. (1991) *Steady State Economics: 2nd Edition with New Essays*. Washington, D.C.: Island Press.
- Dauncey, Guy, (1996.) *After the Crash*. Suffolk: Green Print.
- Dawson, Jonathan, Norberg-Hodge, Helena, and Jackson, Ross. (Eds.) (2010). *Gaian Economics: Living Well within Planetary Limits*. UK: Permanent Publications. Downloaded gratis from www.gaiaeducation.net
- Dawson, Jonathan. (2010). *Ecovillages and the Transformation of Values for Sustainability*. Worldwatch Institute State of the World 2010 Report. New York, NY: W.W. Norton
- Dees, J. Gregory, Economy, Peter, Emerson, Jed. (2001). *Enterprising Nonprofits: A Toolkit for Social Entrepreneurs*. New York: John Wiley & Sons.
- Douthwaite, Richard. (1999). *The Ecology of Money*. Bristol: Green Books.
- Elgin, Duane. (2000). *Promise Ahead: A Vision of Hope and Action for Humanity's Future*. New York: HarperCollins.
- Fox, Mathew. (1994). *The Reinvention of Work: A New Vision of Livelihood for Our Time*. London: Harper.
- Furnham, Adrian. (1998). *The Psychology of Managerial Incompetence*. London: Whurr Publishers.
- Goodall, Chris. (2007). *How to Live a Low-carbon Life: The Individual's Guide to Stopping Climate Change*. London: Earthscan.

- Greco, Tom and Robin, V. (2001). *Money: Understanding and Creating Alternatives to Legal Tender*. White River Junction VT: Chelsea Green.
- Hawken, Paul, Lovins, Amory and Lovins, L. Hunter. (1999). *Natural Capitalism*. Memphis TN: Little Publications.
- Heinberg, Richard. (2003). *The Party's Over: Oil, War and the Fate of Industrial Societies*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.
- Henderson, Hazel. (1999). *Beyond Globalisation: Shaping a Sustainable Global Economy*. Bloomfield, CT: Kumarian Press.
- Hines, Colin. (2000). *Localisation: A Global Manifesto*. London: Earthscan.
- Jackson, Ross. (2012). *Occupy World Street: A Global Roadmap for Radical Economic and Political Re-form*. White River Junction, VT: Chelsea Green.
- Kennedy, Margrit and Declan. (1995). *Interest and Inflation Free Money: creating an exchange medium that works for everybody and protects the earth*. Philadelphia, PA: New Society Publishers.
- Kennedy, Margrit. (2007). *Financial Stability: A Case For Complementary Currencies*. Retrieved from http://www.margritkennedy.de/pdf/pre_finstab.pdf
- Kretzmann, John P. and McKnight, John L. (1993). *Building Communities from the Inside Out: A Path Toward Finding and Mobilizing a Community's Assets*. Evanston, Ill.: The Asset-Based Community Development Institute.
- Krishnamurti, J. (1992). *On Right Livelihood*. New York: Harper-Collins.
- Korten, David. (1999) *The Post-Corporate World: Life after Capitalism*. Bloomfield, CT: Kumarian.
- Korten, David. (2010). *Agenda for a New Economy*. San Francisco: Berrett-Koehler.
- Leadbeater, Charles. (1997). *The Rise of the Social Entrepreneur*. London: Demos.
- Lietaer, Bernard. (2001). *The Future of Money: Creating New Wealth, Work and a Wiser World*. London: Century.
- Mander, Jerry and Goldsmith, Edward. (1996). *The Case Against the Global Economy*. San Francisco: Sierra Club Books.
- Martenson, Chris. (2011). *The Crash Course: The Unsustainable Future of Our Economy, Energy and Environment*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- McKeever, Mike. (2007). *How to Write a Business Plan*. Berkeley, CA: NOLO.
- Merkel, Jim. (2003). *Radical Simplicity*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.
- Nicholls, A. (Ed.) (2006). *Social entrepreneurship: new models of sustainable social change*. Oxford, GBR: Oxford University Press

- Norberg-Hodge, Helena, Merrifield, Todd and Gorelick, Steven. (2000). *Bringing the Food Economy Home*. Berkeley, Calif.: ISEC Publications
- North, Peter. (2010). *Local Money: How to Make it Happen in Your Community*. White River Junction, VT: Chelsea Green.
- Perkins, John. (2004). *Confessions of an Economic Hit Man*. San Francisco: Berrett-Koehler.
- Robinson, Andy, and Kline, Kim. (2002). *Selling Social Change Without Selling Out*. San Francisco, Calif.: Jossey-Bass.
- Schumacher, E.F. (1999). *Small is Beautiful: Economics as if People Mattered*. New York: Hartley & Marks.
- Schwartz, Walter and Dorothy. (1988). *Living Lightly: Travels in Post-consumer Society*. Oxfordshire: Jon Carpenter.
- Shuman, Michael. (2008). *The Small-mart Revolution: How Local Businesses are Beating the Global Competition*. San Francisco: Berrett-Koehler.
- Wackernagel, Mathis, and Rees, Bill. (1996). *Our Ecological Footprint*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.
- Whitmeyer, C. and Callenbach, Ernest J. (1994). *Mindfulness and Meaningful Work: Explorations in Right Livelihood*. Berkeley, CA: Parallax Press.
- Spadaccini, Michael. (2007). *Business Structures: Forming a Corporation, LLC, Partnership, or Sole Proprietorship*. Entrepreneur Press.

DIMENSÃO ECOLÓGICA



Objetivos de Aprendizagem

Os participantes aprenderão...

- desenhar sistemas integrados: visão de mundo, sociais, ecológicos e econômicos
- desenhar e/ou participar de um sistema de produção local de alimentos ou CSA
- desenhar infraestruturas integradas de água, energia e mobilidade
- medir e desenhar para a pegada ecológica de carbono neutro
- reconstruir e restaurar a natureza e os assentamentos ecológicos, urbano e rural

"Os sistemas integrais operam através de mútuo dar e receber, nas relações recíprocas. Sistemas de aprendizagem dos sistemas integrais envolvem toda a nossa percepção nesta reciprocidade fundamental nas nossas próprias vidas e organizações."

Joanna Macy

Visão Geral

Desde a concepção de casas individuais para grupos de casas, nós agora desenhamos assentamentos integrais também incluindo os sistemas de produção de alimentos e energia, bem como dar à luz a novas estruturas econômicas e sociais, um novo paradigma no estilo de vida.

Construção Natural

Iniciamos com a casa natural. Construir suas casas naturais tornou-se o sonho de muitos - é como dar forma a sua própria personalidade de novo. Muitos têm feito isso com poucos meios construindo belas casas de materiais naturais e locais disponíveis. Experiências agora demonstram o que funciona. Isolamento e resfriamento naturais são importantes para economizar energia. Recondicionar casas existentes será um grande esforço, mas a construção de novas será muito mais caro.

Alimentos Locais e ciclos de nutrientes

A mudança do agronegócio para a produção de alimentos frescos locais está em andamento. Ele também irá fazer parte de sistemas agrícolas que utilizam muito menos energia do que hoje. O projeto de tais sistemas para pessoas, vilas e cidades será parte do projeto global. Os nutrientes são importantes para serem sempre reciclados uma vez que alguns deles estão se tornando escassos

Infraestrutura

A água está se tornando uma condição rara e cada vez mais importante para a vida. Pensamos em ciclos inteiros e máximo de benefícios em seu caminho de volta para o oceano. Estradas, transportes, energia e aquecimento serão tratados como parte da mesma necessidade de ser CO2 neutro. As cidades de todo o planeta estão tomando a liderança em tornar-se CO2 neutro, já que os governos não podem concordar com as medidas pertinentes. Islândia foi a primeira, e depois a Dinamarca declarou o objetivo de tornar 100% da sua energia renovável antes de 2050. As bicicletas estão se tornando uma parte integrada do transporte.

Reconstrução após catástrofes, as cidades que de rejuvenescem

Assentamentos, projetos de transição e cidades inteiras terão de se tornar CO2 neutro para manter o planeta habitável. Copenhague está competindo com outras capitais para ser a número (bicicletas como meio de transporte, aquecimento e eletricidade por fontes renováveis, abandonar o petróleo e o carvão, água potável a partir do subterrâneo que tem águas mais limpas do que em garrafas). A comida ainda não faz parte da competição.

Design Ecológico/ Permacultura

As considerações ecológicas são fundamentais para o design e desenvolvimento de ecovilas e comunidades sustentáveis. Ecológico e Permacultura estão aqui usados como sinônimos. Um povoado ecológico, ou ecovila, está, portanto integrado à paisagem de uma maneira que beneficia tanto os seres humanos como o ambiente que os rodeia. Os designers devem tomar muito cuidado para garantir que as funções naturais que mantêm a vida em um determinado lugar não apenas serão preservadas, mas melhoradas sempre que for possível. A estratégia aqui é trabalhar com a Natureza e não a ela. O objetivo final do design sustentável de um assentamento é a criação de sistemas vivos autossuficientes, que se mantenham, se regenerem e possam assumir vida própria com pegada de carbono neutra. Permacultura é aqui esticada não só para uma única casa (como ela foi desenvolvida), mas para toda uma configuração ecológica em zonas e setores de uma vila.

Design Holístico de Sistemas

Finalizamos esta seção com esta abordagem holística de sistemas de como queremos viver de forma sustentável dentro da nossa pegada ecológica de uma forma divertida e bonita em abundância local. É uma integração do que é encontrado em todas as quatro dimensões.

Quando uma nova ecovila ou comunidade sustentável é vista como uma oportunidade única, rara, como um novo e criativo desafio de integrar o habitat humano em um nicho ecológico concreto, então o processo

de design de ecovilas se converte em uma ciência e uma arte natural tão estimulantes quanto exigentes. O conhecimento funcional das disciplinas do design é um pré-requisito obrigatório. Estas disciplinas se complementam umas às outras e podem ser sintetizadas em um Design Integrado de Ecovilas, que inclui parâmetros sociais, econômicos, espirituais e, certamente, ecológicos. Também exige-se um bom conhecimento das leis e processos naturais, e da maneira pela qual um design é aplicado a um assentamento concreto. Rajendra Pachauri, em seu discurso ao receber o Prêmio Nobel em nome do IPCC, disse que o que o mundo agora precisava era de "bons exemplos de todas as boas ideias entrelaçados criando sinergia- e que provavelmente viria de um dos países escandinavos". Isso é o que Design Holístico de Sistemas tem tentado alcançar, em cooperação com os habitantes, há muitos anos em todo o mundo.

Um talentoso designer de ecovilas se transforma em um verdadeiro mestre interdisciplinar, capaz de trabalhar e de transmitir conhecimento sobre diversos campos, da engenharia à botânica, da arquitetura natural ao Feng Shui, das energias renováveis à antropologia cultural e social, etc. Mas, ainda que tudo isso seja verdadeiro, é possível que as ferramentas mais valiosas que um designer pode usar e ter são uma comunicação eficiente e boas habilidades sociais, inclusive um bom entendimento das necessidades básicas das pessoas – que deve ser o conhecimento mais significativo que um designer pode cultivar e possuir. Portanto, uma educação holística.

As ecovilas, por outro lado, são constituídas por gente viverão nelas, não são o produto de nenhum planejador, e assim têm a oportunidade de se desenvolver como sistemas vivos. Os sistemas sustentáveis, aqueles que podem se estender infinitamente ao futuro, seguem o modelo dos sistemas naturais. Uma ecovila é, por definição, integrada e sustentada pela ecologia local que a rodeia de uma forma que beneficie a todos. Elas demonstram a sinergia de usar o melhor do conhecimento em um único contexto. Desta forma, as ecovilas servem como modelos e lugares de aprendizagem para aqueles que querem reconstruir e rejuvenescer cidades e vilas. O movimento Transition Towns inclui este como um de seus objetivos

O Papel do Designer

Um designer de ecovilas eficiente também chegará a ter grande habilidade de observação - levará o tempo necessário para desenvolver uma entusiasmada relação de trabalho com um determinado local, que lhe permita compreender gradualmente suas qualidades e atributos únicos, seus ciclos, suas mudanças bruscas e suas periodicidades. Captar, canalizar e armazenar esses fluxos de energia são também aspectos importantes do design. Os planejadores comuns, desejosos de maximizar seus benefícios, geralmente lançam à realização de um projeto sem prestar muita atenção às consequências de seus atos em longo prazo. As ecovilas, ao contrário, são constituídas por gente que vive lá e para as gerações futuras; e é por isso, naturalmente, que as consequências em longo prazo são cuidadosamente consideradas. O papel do designer é, portanto, apresentar ao grupo de residentes as diferentes opções para que eles tomem a decisão final.

Os módulos seguintes têm a intenção de inculcar uma “literacia ecológica”, uma base de conhecimento funcional que influencie não apenas nosso pensamento e juízo crítico sobre o design, mas também nossa maneira de experimentar a Vida enquanto celebração de uma integridade evolutiva orgânica e plena.

- **Módulo 1 – Construção e Renovação Ecológicas** começa mostrando como construir ou renovar de maneira mais saudável, mais ecológica, mais eficiente energeticamente, uma vez que respeita o estilo tradicional e próprio do lugar.

- **Módulo 2 – Alimentos Locais e Ciclo dos Nutrientes** pretende-se conscientizar os participantes da necessidade de cultivar alimentos locais, tanto por motivos de saúde pessoal, como por suas repercussões no bem-estar do planeta.
- **Módulo 3 – Água, Energia e Infraestrutura** (tecnologia adequada) oferece uma visão geral das tecnologias mais avançadas com uma avaliação realista de sua eficiência.
- **Módulo 4 – Restaurar a Natureza, Regeneração Urbana e Reconstruir após desastres** descreve as diferentes maneiras através das quais é expressa uma das funções da ecovila - a de restaurar e regenerar a saúde do meio ambiente local. Um Design Integrado de Ecovilas é a maneira mais eficiente de reconstruir um lugar afetado por catástrofes naturais ou humanas.
- **Módulo 5 – Design Integrado** é uma introdução reduzida e condensada do processo do mesmo design sistêmico holístico que integra a ecovila ou o projeto do Transition Towns (Cidades em Transição) ao seu ambiente local, criando assim um microcosmo em escala humana do macrocosmo, uma representação holográfica focalizada na totalidade cósmica. Este módulo é a culminação de todos os anteriores da EDE, tanto conceitualmente como na prática. A parte ecológica/Permacultura tem um tratamento especial.

Recurso Ecológico: Design Ecológico

Desenhar Assentamentos Ecológicos – Criar em sentido de Pertencimento é a chave Ecológica da série das Quatro Chaves do Gaia Education e das Comunidades Sustentáveis em todo o Planeta. Faça o Download grátis em www.gaiaeducation.org

Módulo 1 - Construção Ecológicas e Retroajustes

Objetivos de Aprendizagem

- Avaliar objetivamente os problemas inerentes à construção “moderna” e suas técnicas
- Familiarizar-se com várias técnicas de construção ecológica, cujos designs apresentam estruturas mais saudáveis, mais eficientes energeticamente e com menor impacto ambiental.
- Estar conscientes da necessidade de discernir na hora de escolher os materiais de construção e os estilos arquitetônicos adequados, dependendo da biorregião.
- Cobrir os temas sobre retroajustes (*retrofit*) de estruturas com designs ineficientes, inclusive o caso de modelos urbanos e suburbanos mal projetados.
- Desenvolver planos para reabilitação e a reocupação de assentamentos já existentes, mas parcial ou completamente abandonados, para recuperar assim sua identidade cultural perdida.

Conteúdo

Este módulo trata em detalhes do tema da construção saudável e oferece uma variedade de soluções para aperfeiçoá-la. Os materiais de construção serão investigados, um por um, e os aspectos de sua fabricação assim como a saúde do morador serão avaliados, passando pelo impacto ambiental, custos e comodidade de uso. Será explorado em profundidade o conceito de “energia incorporada”. A aprendizagem será centrada na habilidade dos estudantes de planejar e construir, ou renovar, sua própria moradia sustentável.

O módulo enfatiza especialmente a importância do isolamento de material e a eficiência energética em relação ao uso de tecnologia incorporada a posteriori. É muito mais eficiente e barato, em longo prazo, incluir a capacidade energética desde o começo do processo de design do que ter que alterar as coisas mais tarde. O módulo também defende francamente a adaptação de designs nativos e a necessidade de uma abordagem biorregional que leve em conta o conhecimento tradicional e as técnicas de cada área.

As considerações específicas deste módulo incluem:

Assentamento da moradia

- Aspecto, Aspecto, Aspecto!
- Fogo! Inundações! Design para prevenção de catástrofes
- Impacto do clima sobre o solo
- Assentamento - Sua relação com o terreno e as infraestruturas de apoio

Design para o conforto

- Princípios de design de aproveitamento solar passiva
- Aquecimento ativo e passivo
- O muro que respira
- A importância da ventilação cruzada

Design e Orçamento

- O tamanho importa
- Instalações compartilhadas / custos compartilhados
- Impacto dos materiais no custo

Construções de todas as formas e materiais

- Casas de madeira
- Tijolos / Tijolos prensados
- Blocos de cimento
- Técnicas de terra crua
- Adobe
- Cob
- Cúpulas / geodésicas
- Fardos de palha
- Casas sem estrutura
- Casas sobre estacas
- Construção com pedras
- Casas subterrâneas e refúgios na terra
- Materiais Reciclados

Construir para a saúde (preocupações básicas)

- Deveríamos nos preocupar?
- Sinais de alarme
- Alergias
- Guerra biológica
- O cheiro é perceptível?
- Os móveis têm cheiro?
- Eletricidade e campos magnéticos
- Aquecer e cozinhar
- Envenenamento por chumbo
- Sensibilidade química múltipla
- Pesticidas
- Radiação

O que se pode fazer (respostas aos poluentes)

- Calefação
- Eletricidade
- Materiais de construção
- Madeira e derivados da madeira
- Tecidos e fibras
- Pinturas, vernizes, manchas
- Adesivos, removedores
- Produtos metálicos
- Plásticos
- Manutenção da casa
- Pesticidas e fungicidas

Muitos lugares da terra foram intensamente habitados e cultivados durante milhares de anos e abandonados, completa ou parcialmente, nas últimas décadas – isso ocorreu principalmente como consequência do êxodo das áreas rurais para as cidades. Um exemplo clássico desse fenômeno pode ser encontrado nas zonas montanhosas da bacia mediterrânea, ainda que também podem ser citadas regiões da África, Ásia e América do Sul. Os princípios da construção ecológica e retroajustes se aplicam igualmente tanto a assentamentos completos quanto a construções individuais. A restauração e reocupação dos assentamentos abandonados ou despovoados exigem que se considerem, com atenção, as leis e costumes locais, a economia, a flora e a fauna, a história e as tradições do lugar, para poder reproduzir e revigorar a cultura local. A comunicação com os anciões que decidiram ficar no local, pessoas com um profundo e sólido conhecimento de seu território, pode ser uma fonte inestimável de informação.

Outros aspectos que devem ser levados em consideração são:

- Observar o assentamento existente: ler sobre sua história, cultura e sua vida comunitária através de sua arquitetura, em suas estruturas principais e também em seus detalhes.
- Investigar as fontes orais e escritas disponíveis, inclusive fotos aéreas.
- Identificar padrões de caos e ordem nos planos originais do assentamento, em que lugares houve superposição, no passado, das esferas pública e privada, maximizando assim o “efeito de margem”
- Escolher algumas marcas características da arquitetura nativa (padrões de cor, estilo de portas e janelas, ideia principal, distribuição de espaço, construções sobressalentes, etc.) e introduzi-las organicamente no design.

Os princípios do design de ecovilas, conforme resumidos aqui e em outros módulos, são igualmente qualificados para orientar e informar sobre a renovação de padrões de assentamentos urbanos e suburbanos existentes (e frequentemente bastante disfuncionais). Esperamos que esta forma de renovação seja cada vez mais levada em consideração, à medida que se fazem sentir os efeitos do “pico do petróleo”.

Atividades de aprendizagem experimental

Dependendo do lugar e da época do ano, os participantes podem trabalhar sozinhos ou em pequenos grupos para iniciar seu projeto. Utilize algum meio para avaliar os resultados. Os componentes do design podem incluir:

1. Fazer uma planta para um chalé utilizando materiais locais e estilo tradicional.
2. Avaliar a eficiência energética das construções existentes no local.
3. Preparar uma mistura de cob e fazer uma estrutura útil com ele.
4. Participar da construção de uma moradia de fardos de palha.
5. Localizar, preparar e utilizar materiais reciclados para fins de construção
6. Participar ativamente da reconstrução ou renovação de construções existentes.
7. Esboçar em papel novos usos para espaços já existentes, públicos e privados.
8. Participar ativamente da restauração da infraestrutura agrícola.

Módulo 2 - Alimentos Locais e Ciclo dos Nutrientes

Objetivos de Aprendizagem

- Conscientizar os participantes das vantagens de cultivar, distribuir e consumir alimentos locais.
- Estabelecer as conexões entre saúde pessoal e planetária e o bem estar
- Desenhar uma produção local de alimentos para a vila ou vizinhança
- Experimentar vários métodos e técnicas para a produção e armazenagem de alimentos orgânicos
- Servir de contexto para uma experiência prática e direta.

Conteúdo

Este é um tema de conotações profundas, de maneira que, como ocorre em outros módulos da 'EDE', faremos apenas uma introdução. Por um lado existem preocupações políticas e macroeconômicas muito sérias e reais como, por exemplo, produtos locais versus importados, poder centralizado versus poder descentralizado, a distância total que os alimentos percorrem do produtor até a mesa, os efeitos nocivos sobre o meio ambiente de uma agricultura industrializada e baseada no petróleo. Será que os preços do petróleo forçarão uma nova estrutura na agricultura resultando em um possível repovoamento da terra? Podemos antecipar isso? E sobre a perda de agricultura familiar e comunidades agrícolas inteiras? E o que dizer do agronegócio, dos subsídios do governo e dos blocos comerciais transnacionais? Como podemos envolver com a questão da autossuficiência local, o desaparecimento dos estoques genéticos e de conhecimento indígenas, evitando o desperdício de acabar nos oceanos ou em aterros, etc.?

E do outro lado, está toda a parte produtiva, proativa e até divertida, de “como” fazer as coisas, que inclui o cultivo de hortaliças e frutas em casa e na comunidade, a integração de animais em sistemas combinados de produção, o design e a criação de hortas, a elaboração de produtos com valor agregado - isso sem mencionar a possibilidade de colher, conservar, preparar e comer os alimentos que cultivamos. Criar um ciclo completo garante que o solo esteja sendo construído. Este módulo tenta encontrar um equilíbrio entre as importantes considerações de ambos os lados deste amplo espectro.

Introdução à política dos alimentos

- Qual o custo real dos alimentos?
- Os alimentos podem custar a Terra?
- O que se pode fazer a respeito deste tema?
- A política dos alimentos e os países desenvolvidos e em desenvolvimento
- O que é uma dieta sustentável?

Cultivar seus próprios alimentos

- Uma introdução à ciência do solo
- Melhora orgânica do solo
- O que significa NPK? (Nitrogênio, Fósforo e Potássio)
- O que é “biochar”?

- Controle de ervas daninhas
- Como criar uma horta biointensiva sem escavar a terra
- O papel dos legumes na horta e na agricultura ecológicas
- Elementos da horta e planificação: zonas 1 e 2 da Permacultura
- Introdução à botânica
- Gestão integrada das pragas
- Irrigação
- Frutos silvestres
- Hortas em espaços reduzidos – varandas, vasos e contêineres
- Design de horta: criação e manutenção
- Conservação de sementes
- Animais e aquicultura
- Horticultura integrada e de múltiplas camadas
- Sistemas de produção e distribuição de alimentos em escala comunitária, tais como a Comunidade que Suporta a Agricultura (CSA), safras compartilhadas, cooperativas de produtores e mercados de agricultores locais
- Agricultura biodinâmica
- Rotação de culturas
- Agroflorestas (bosques comestíveis): frutos, nozes, plantas medicinais

A produção local de alimentos é o núcleo de uma comunidade autossuficiente, baseada no apoio e nos cuidados.

Material de Referência para este módulo

Internet

Local Food Toolkit - International Society for Ecology and Agriculture - www.isec.org

Atividades de aprendizagem experimental

Após concluir qualquer uma das seguintes atividades, desenvolva uma ferramenta para medir os resultados.

Numa situação ideal, os estudantes terão a oportunidade de preparar, no início do curso, uma pequena horta, plantar as sementes e depois fazer a colheita para comer seus produtos em uma salada no fim do curso, no dia da graduação! Dependendo de fatores como a época do ano, o lugar, experiência do estudante e o tempo e recursos disponíveis, podem ser realizadas algumas destas atividades:

- Desenhar um sistema de produção alimentar em pequena escala
- Fazer compostagem ou suspensões líquidas de esterco
- Introduzir sementes de legumes
- Fazer conservas e armazenar a colheita
- Recolher e aplicar cobertura de palha
- Projetar e instalar uma horta de ervas
- Projetar e/ou construir um galinheiro fixo ou móvel
- Projetar um sistema de rotação de culturas e pastos para uma ecovila com animais grandes: vacas, ovelhas e/ou cavalos
- Enlatar, reservar e armazenar a colheita

Módulo 3 - Água, Energia e Infraestrutura

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender os ciclos da água de um ecossistema
- Avaliar as questões de energia para assentamentos humanos e casas.
- Compreender os elementos dos sistemas locais de energia renovável
- Conhecer os princípios de mobilidade, estradas e infraestrutura integrada
- Comparar uma grande gama de tecnologias alternativas de baixo impacto aplicáveis ao design de ecovilas, não apenas em relação à energia.

Conteúdo

Este módulo examinará as tecnologias adequadas para: as estradas e infraestruturas de acesso, as comunicações, a energia, a água, a água residual (usada) e a reciclagem de lixo.

O que é uma tecnologia adequada?

- Baixo custo, longa duração
- Utiliza pouca energia
- Legalizada
- Manutenção mínima
- Segura
- Produzida localmente
- Soluções são encontradas e aplicadas com a utilização dos menores níveis de energia possível.

As infraestruturas planejadas devem incluir opções “culturais e climaticamente adequadas”: é importante que estas técnicas e soluções se adaptem às condições locais e possam ser compreendidas e mantidas pelos moradores locais.

Estradas e infraestruturas de acesso

Este currículo foi planejado para dar toda a informação necessária a um planejador iniciante, para que possa participar ativamente na tomada de decisões. Serão dadas a ele informações básicas sobre alguns termos técnicos usados em engenharia:

- Critérios de design (incluindo seções transversais e longitudinais, cortes e preenchimentos, design-padrão de estradas)
- Escolha de materiais
- Visibilidade
- Manutenção
- Abrigos
- Design de infraestrutura para águas torrenciais
- Pontes e outros sistemas para cruzar riachos
- Cálculo de captação

Comunicações

Este segmento trata sobretudo de questões técnicas. Existe também um módulo na dimensão social da EDE que cobre de maneira específica a comunicação transpessoal e entre seres humanos. Aqui nós focaremos nas tecnologias para comunicação.

- Qual é a situação da indústria?
- Experiências das ecovilas em todo o mundo
- Intranet
- CENTEL
- Operação de emergência e radio amador
- Outras possibilidades com tecnologias simples ou médias
- Comunicações durante o design e a construção

Energia

Este segmento examinará o que é possível fazer atualmente e como podemos planejar para incorporar inovações mais adiante, conforme a ecovila vai crescendo.

- O que é energia? O que é potência?
- Qual é a situação da tecnologia? Uma comparação entre as principais fontes de energia: solar, eólica, biocombustíveis, gás, hídrica
- Podemos armazenar energia? Baterias, células de combustível, baterias mecânicas (flywheel), água, gravidade
- Reduzir, conservar - planejar! O que fizeram outros projetos?
- Energia e mobilidade - opções múltiplas
- Possibilidades energéticas e soluções para a escala de vilas
- Medir “pegadas ecológicas” e design para carbono neutro.

Água

Existem preocupações globais muito reais com a disponibilidade de água potável, e provavelmente elas ainda vão crescer mais: necessidade-ganância-uso justo ou moderado. Temos que entender a relação entre água potável e não potável - como coletar, armazenar e distribuir água de maneira segura e confiável durante os doze meses do ano.

- | | |
|--|--|
| • Infraestruturas para água potável | • Construção de diques, incluindo infraestruturas. |
| • Armazenagem de água de chuva, incluindo materiais para fabricar cisternas e calcular seu tamanho, diversos dispositivos para coletar água, desviar e armazenar | • Sistemas reticulados |
| | • Construção de balsas |
| | • Poços |
| | • Perfurações |

Águas residuais (usadas)

“Águas residuais” ou “esgoto” não são termos adequados. Uma maneira mais descritiva de dizer o mesmo seria: Água Rica em Nutrientes (A.R.N.).

- Águas cinzentas e negras – o que há nas fezes? o que há na urina?
- Sistemas de queda direta
- Sistemas sépticos
- Compostagem seca
- Sistema de recipientes
- Sistema de macrófitas
- Compostagem úmida
- A máquina viva (Living machine)
- Sistema de separação (Mats Wohlgast)
- Criação de um processo de avaliação
- Comparação de sistemas

Resíduos sólidos — lixo

- Introdução ao desafio: os fatos
- Rejeitar o consumismo: reduzir, reutilizar, reciclar

Durante os últimos cem anos, mais ou menos, o projeto humano de civilização desfrutou de uma prosperidade energética, graças à exploração fácil de combustíveis fósseis. Foi criada uma infraestrutura socioeconômica globalizada totalmente dependente do fornecimento cada vez maior desses combustíveis fósseis baratos. No entanto, analistas dignos de toda a confiança preveem que a produção global de petróleo e gás natural alcançará em breve seu “pico”, ainda que a demanda continue aumentando, e o fornecimento começará a diminuir. Isso obrigará a uma reestruturação de proporções inimagináveis: o transporte, a agricultura, a densidade urbana, as relações entre as nações e todo o sistema econômico global será profundamente afetado. As consequências que isso pode ter nas condições locais devem ser seriamente avaliadas em qualquer cenário do design de ecovilas. Pode muito bem acontecer que seus princípios, expostos neste currículo, sejam adotados em todo o mundo.

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Natural Swimming Pools, Permanent Publications, UK

The 4th Revolution, the Energy Revolution with Hermann Scheer and Preben Maegård.

Atividades de aprendizagem experimental para o Módulo Três

Elaborar instrumentos de medição para avaliar os resultados das atividades abaixo. Os participantes poderão:

- Avaliar e montar um sistema fotovoltaico.
- Planejar e montar um sistema de captação de água de chuva para um telhado.
- Avaliar um sistema de energia renovável integrado
- Planejar um sistema de águas cinzas.
- Planejar uma wetland (banhado construído).
- Planejar um lago
- Avaliar e medir a “pegada ecológica” do seu projeto (ou outro).

Módulo 4: Restaurar a Natureza, Regeneração Urbana e Reconstruir após desastres

Objetivos de Aprendizagem

- Aplicar técnicas de restauração da Natureza e acelerar processos de regeneração natural.
- Compreender a magnitude da reparação necessária em desastres causados pelos seres humanos, como a salinização, o desmatamento, a desertificação, o esgotamento dos aquíferos, o aquecimento global e a poluição de todos os tipos.
- Aplicar princípios do design de ecovilas que possam ser utilizados para reconstruir zonas afetadas por catástrofes naturais ou causadas pelo ser humano.
- Adaptar princípios de design de resiliência ao design sustentável de comunidades urbana e rural
- Gerenciar com sucesso a escassez de recursos e substituição

Conteúdo

Restaurando a Natureza

A Terra é um sistema finito, materialmente fechado e energeticamente aberto. Depois de 200 anos de uma industrialização venenosa e uma exploração irresponsável, as principais funções da manutenção da vida na biosfera estão em estado de degradação e deterioração. Sob uma perspectiva ecológica, econômica, social, e também espiritual, a situação é bastante grave e requer nossa atenção imediata. Uma das melhores coisas que podemos fazer para curar a Terra, nossas comunidades e nós mesmos, é começar imediatamente a agir de maneira ativa e prática para restaurar a Natureza - atos simples como plantar árvores, proteger uma horta, ajudar a regeneração do solo ou restaurar sistemas danificados como as beiras dos rios, etc.

As ecovilas se encontram em uma situação única para restaurar a Natureza. Através da Permacultura, os projetos das ecovilas podem, de fato, ser utilizados para regenerar ecossistemas danificados através de um bem refletido design ecológico e permacultural. O conceito de ecovila urbana, por exemplo, está sendo atualmente utilizado como uma estratégia para desenvolver zonas industriais abandonadas. Preservar a saúde e a vitalidade da vizinhança não é apenas uma boa decisão, não é só uma questão de sobrevivência em longo prazo; a forma de vida que emerge das ecovilas, em todos os seus aspectos econômicos, sociais, culturais e espirituais, transforma essa decisão em uma função criativa de ser humano na biosfera - os seres humanos podem assumir o papel de agentes conscientes regeneradores para a evolução planetária. Desta maneira, a ética e a prática de respeitar e restaurar a Natureza fica facilmente incorporada ao estilo de vida das ecovilas.

Em qualquer caso, um compromisso real com o respeito e a restauração da Natureza significará muitas vezes deixar de simplesmente falar sobre o tema, vestir botas e luvas, pegar as ferramentas e sair para realizar o trabalho físico que ajudará a verdadeira restauração. Para aqueles que estão prontos para este nível de compromisso, há aqui uma lista de princípios fundamentais baseados na premissa de que a “Natureza sabe mais”:

- Imite a Natureza sempre que for possível.

- Trabalhe externamente, a começar por áreas consolidadas em que o ecossistema esteja mais próximo de sua condição natural.
- Preste especial atenção às espécies- “chave”, aquelas que são componentes fundamentais do ecossistema e das quais muitas outras espécies dependem.
- Utilize espécies pioneiras e sucessão natural para facilitar o processo de restauração.
- Recrie os nichos ecológicos onde foram perdidos.
- Restabeleça as conexões ecológicas, reconecte os fios do tecido da Vida.
- Controle e/ou elimine espécies introduzidas.
- Reduza os fatores limitativos que impedem que a restauração ocorra de maneira natural.
- Deixe que a Natureza faça a maior parte do trabalho.
- O amor alimenta o espírito e a força vital de todos os seres e é um fator significativo no processo de ajudar a cura da Terra.

Regeneração Urbana

Com mais de 50% da população global vivendo em grandes cidades e megalópoles, precisamos criar soluções sustentáveis para as cidades. Durante anos, um mito floresceu que você poderia construir cidades realmente produzindo a energia. Os modelos chineses ganhando tanto interesse (projeto Dong-tan Ecocity. Shanghai, consultores Arup) nunca se materializou e as cidades árabes do deserto (Abu Dhabi), nunca poderiam ser modelos a imitar. Eles são modelos que consomem muita energia.

Transition Towns (TT) é um movimento fundado em 2005 com o objetivo de preparar as comunidades para dois desafios: da Mudança Climática e do Pico do petróleo. Em 2012, se espalhou por todo o mundo. Quando o movimento alcançou a diminuição de energia e alinhou-se com outros objetivos de sustentabilidade profunda, diz-se ter atingido a posição de comunidade sustentável e assim foi além da transição e transformação a que se propõe.

O principal objetivo de um projeto das TT é aumentar a consciência de uma vida sustentável, reduzindo drasticamente as emissões de carbono (para mitigar os efeitos da Mudança Climática) e aumentar significativamente a resiliência local (para mitigar os efeitos do Pico do Petróleo). Comunidades são incentivadas a buscar métodos para reduzir o uso de energia, bem como aumentar a sua própria autossuficiência. O processo de doze passos usa muitas ideias advindas da Permacultura e de ecovilas.

O transporte é uma questão importante na reformulação cidades. Muitas tentativas estão a caminho para reduzir o uso de carros. Bicicletas merecem uma nota própria. Com a sua eficiência insuperável, as bicicletas terão um papel importante a desempenhar no futuro um baixo consumo de energia.

Reconstrução após Desastres

Nos dias de hoje, os desastres naturais parecem ocorrer cada vez com maior frequência e severidade: terremotos, tsunamis, furacões, inundações e incêndios causam uma destruição maciça e um sofrimento incalculável nas comunidades humanas afetadas. Se acrescentarmos a isso os desastres causados pela ação humana, como a salinização, o desmatamento, a desertificação e a contaminação industrial - sem esquecermos a pateticamente eterna tragédia humana da guerra - evidente que é necessário desenvolver uma metodologia sistemática para reconstruir de maneira efetiva e eficiente após os desastres. Os

princípios e práticas de um design integrado de ecovilas, tal como são apresentados neste currículo, são a solução óbvia.

Como um estudo de caso, convém observar os esforços de reflorestamento e regeneração empreendidos pela comunidade de Auroville, na região de Tamil Nadu, na Índia: no espaço de 30 anos, uma paisagem árida de barro cozido se transformou em uma floresta exuberante, habitat de uma multidão de criaturas, inclusive seres humanos. Outro estudo de caso pode ser extraído do que ocorreu após o tsunami que, em dezembro de 2004, devastou a costa do Sri Lanka. Com uma resposta imediata, a associação Sarvodaya, com o assessoramento do veterano designer de ecovilas, Max Lindegger, ajudou no processo de reconstrução. Vinya Ariyatne, da associação Sarvodaya, recebeu um prêmio internacional por seus esforços.

Um dos benefícios de utilizar um design integrado de ecovilas como metodologia para reconstruir após um desastre é que se pode incutir e instituir padrões de desenvolvimento sustentável e baseado na Natureza nos níveis mais básicos. Desta maneira, um futuro desenvolvimento conta com a vantagem de construir sobre os padrões sustentáveis introduzidos desde o início. (Como dizem os taoístas: como podes esperar uma conclusão satisfatória se não fostes capaz de começar bem?) Por uma curiosa e compassiva espécie de ironia, a limpeza trazida por um desastre oferece a oportunidade de renovação em um nível mais alto de integração. A vida segue adiante.

Na verdade, a experiência já demonstrou que os governos são incapazes de atender às necessidades das pessoas depois de um desastre. Para manter uma certa integridade e senso de direção, as comunidades têm que assumir por si mesmas o esforço de reconstruir. No futuro, podemos imaginar como equipes de designers de ecovilas serão enviadas para assentar as bases do trabalho ao começar a reconstrução.

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Wake Up, Freak Out - Then Get a Grip by Leo Murray: www.vimeo.com/1709110

Flow by Irena Salina: www.youtube.com/watch?v=oFAEulGGaCA

"The End of Suburbia": Oil Depletion and the Collapse of the American Dream

Atividades de aprendizagem experimental

O trabalho prático de restauração, como o que foi descrito, é essencial para dar certa "memória muscular" à experiência. Participar coletivamente desse tipo de atividades como um grupo ajuda a forjar fortes laços comunitários. Levar esse trabalho à comunidade mais ampla, conseguindo fazer coisas que sejam úteis para a população local, dá um sentido de serviço à aprendizagem.

Iniciar uma iniciativa de transição em sua própria comunidade. Esta atividade deve ser facilitada por um instrutor certificado pelas TT.

Formule um plano de ação de emergência para a grande cidade mais próxima ou biorregião. Este será um exercício teórico de grande valor. A interface e consulta com as autoridades locais construirá confiança e boa vontade. Meça os resultados.

Módulo 5: Design Integrado.

Objetivos de Aprendizagem

- Apresentar um “design integrado de ecovilas” – demonstrando uma sinergia de parâmetros espirituais, sociais, econômicos e ecológicos no processo do design.
- Trabalhar em equipes de design e aprender a ser um "precursor" para os futuros moradores e usuários dos serviços comunitários da vila
- Compreender de maneira prática as considerações técnicas e os princípios ecológicos para design e implementação de vilas, casas e projetos ecológicos.
- Demonstrar um processo de design claro e reproduzível.
- Praticar o uso de ferramentas de design e modelos de comunicação com a equipe de design.

Conteúdo

Por que uma “ecovila” é também uma “vila”? Para responder esta pergunta é importante rever a história das aldeias tradicionais, tanto no Hemisfério Norte quanto no Sul, e investigar os diferentes tipos de aldeias que existem atualmente no mundo (ecovilas, eco enclaves, eco assentamentos, centros de sustentabilidade, eco aldeias etc.). As realizações alcançadas pela Global Ecovillage Network (GEN, Rede Global de Ecovilas) nos últimos dez anos nos fazem ver o tremendo trabalho realizado até agora para dar credibilidade e aceitação ao conceito de ecovila entre aqueles que tomam as decisões. Cada vez mais o conhecimento de Ecovila está sendo usado para criar projetos de transição em vilas e cidades. Temos que treinar habitantes existentes, a fim de reduzir a nossa "pegada" de assentamentos humanos em todos os lugares a um nível aceitável.

Contar com uma certa experiência em design de Permacultura é um bom pré requisito para um curso de design de ecovilas. Por isso, neste módulo são revistos os seguintes aspectos da Permacultura: ética, princípios, padrões e leis na Natureza, atitudes e sua importância no design e implementação de sistemas de assentamentos humanos sustentáveis. Os princípios do design ecológico, como ferramentas no processo, serão resumidos com imagens visuais de proeminentes exemplos ao redor do mundo. Serão introduzidas também algumas ideias sobre o Design Holístico de Sistemas (*Whole Systems Design*).

Depois serão explicados em detalhes os aspectos ecológicos do processo de design de ecovilas:

Métodos e Abordagens para o Design

Aqui vamos analisar o terreno, as estruturas topológicas e bióticas existentes, para descobrir os recursos disponíveis e potenciais, os fluxos de energia, fontes, escoadouros, etc. Trata-se de uma metodologia sistemática e muito estruturada, que se baseia em grande parte no estudo de campo, tanto quanto for possível, inclusive a bacia hidrográfica em grande escala e a biorregião.

Observação, Pesquisa e Registro.

Esta é uma fase vital no processo de design que frequentemente é negligenciada ou reduzida. Em uma situação ideal, esta fase segue ao longo de um ciclo completo de estações, recolhendo o máximo possível de informações (sendo a informação “a diferença que marca a diferença”). A quantidade e a qualidade dos dados que podem ser levantados, registrados e interpretados terá efeito direto sobre a eficiência do design.

- Método de superposição, Método de exclusão.
- Criar um plano-base
- Aspectos e microclima
- Hidrologia: canais, armazenamento, subidas e declives de água
- Solo: cultivável/não cultivável, adequado para a base
- Vegetação: nativa, exótica, invasora, econômica
- Fauna e flora silvestres: ainda haverá alguma; espécies úteis?
- Declive: quando é inclinado demais para construções?

Considerações sobre o design integrado

Qual será o nosso estado de espírito à medida que avançarmos no processo de design e quais critérios que utilizaremos para tomar decisões?

- Visão de design
- Limites do design
- Valores e ética
- Necessidades versus Ganancia

Considerações sobre o design

Como representaremos nossas ideias de design num formato fácil de comunicar?

- Tamanho (números)
- Capacidade de carga
- Análise SWOT ou FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças)

Objetivos e propósitos do design de infraestruturas

Aspectos técnicos do plano do local.

- Estradas e infraestrutura de acesso (pontes, escoamento)
- Comunicações (infraestruturas novas e renovadas para o telefone, o correio eletrônico)
- Energia (transporte, eletricidade, calefação, ar condicionado, ética)
- Água (localização de represas, tanques, poços, lagos)
- Águas residuais ou usadas (história da descarga de toaletes, princípios de design para o tratamento de águas residuais ou usadas)
- Resíduos e reciclagem
- Fossas de uso compartilhado
- Engenharia light

Aspectos sociais no processo do design

- Planejar para chegar aos lugares: um sistema circulatório de caminhos, ruas e estacionamentos para pedestres, bicicletas, patinadores, cavalos, etc., e também para automóveis.
- Criar oportunidades para encontros sociais espontâneos: núcleos sociais.
- Planejar a localização das instalações compartilhadas: centro social, cuidado às crianças, chuveiros e sauna, hospedagem de visitantes, café, centro de formação, centro de saúde, santuários para meditação, áreas de lazer, etc.
- Permitir o equilíbrio e a demarcação entre espaços públicos, semipúblicos e privados: graus de intimidade.
- Integração de idosos e de pessoas com dificuldades de mobilidade ou incapacidades.

Aspectos econômicos no processo do design

- Centro de negócios: oficina, tecnologia, comunicações
- Instalações produtivas: indústria artesanal, indústria leve, cozinha certificada
- Infraestrutura agrícola: processamento, armazenamento, abrigos para animais, irrigação.

Aspectos espirituais no processo do design

- Templos integrados à paisagem
- Feng Shui, Vastu, geometria sagrada
- Prospecções e testes para encontrar linhas de “ley” (ley lines) e centros de energia
- Familiarizar-se com a história sociocultural do lugar

Aspectos ecológicos no processo do design

- Projeto de um sistema de produção alimentar: vegetal, rotação de campos, sistema para animais e seus alimentos para animais, frutos e árvores de fruto, castanheiras
- Cinturões de proteção, proteção solar e quebra-vento
- Terrenos pantanosos, bermas e cercas vivas ou sebes
- Análises de zonas e setores
- Espaços e corredores para a fauna e a flora silvestres
- Melhora e proteção das margens dos rios
- Recuperação de solos degradados e replantios
- Silvicultura, sistemas de bosques e colheitas renováveis
- Paisagismo comestível

Gestão do Projeto

- Técnicas especializadas para a fase de implementação.
- O que é um sistema?
- Movimentação em território desconhecido - da ideia à realidade
- A fase de construção
- O tema das pessoas
- Variáveis no projeto (alguém muda a ordem dos objetivos)
- Encerramento do projeto

Preparação de um Plano Conceitual

- Inclui aspectos legais que variarão de um projeto a outro
- Criar um elemento aglutinador para a equipe
- Lidar com os conselhos locais e autoridades
- Preparar um documento para “vender” o projeto
- Apresentar sua proposta
- Estudos de impacto ambiental
- Solicitação de reclassificação de zonas
- Desenvolvimento das aplicações

O conteúdo deste módulo inclui também um ponto sobre a seleção de terrenos para as comunidades. Trata-se de uma lista de aspectos que devem ser considerados na avaliação de um terreno, que permitirá aos designers, através de uma análise crítica, avaliar pontos fortes e fracos das novas zonas de desenvolvimento urbanístico, assim como as já existentes. Esta avaliação também é útil para descobrir pontos fracos nas comunidades existentes.

Uma questão importante é o papel do designer como precursor ajudando um grupo da comunidade a tomarem suas decisões conforme o que eu desejam.

Por último, veremos uma lista para a análise e avaliação de um terreno. Trata-se de uma ferramenta sócio-cultural e ecológica-ambiental.

Material de Referência para este módulo

Vídeos

Wake Up, Freak Out - Then Get a Grip - by Leo Murray. <http://www.vimeo.com/1709110>

Flow - by Irena Salina: <http://www.youtube.com/watch?v=oFAEuIGGaCA>

The New We - European ecovillages www.newwe.info/

Crystal Waters Permaculture Village - GENOA www.ecologicalsolutions.com.au

Futures of Paradise: The European Ecovillage Experience - Light Source Films

Ecological Design: Inventing the Future - The Ecological Design Project

Internet

Ecological Solutions - consultancy and education - www.ecologicalsolutions.com.au

Village Design Institute - collecting, organising, researching, and disseminating knowledge for a sustainable, village-based future - www.villagedesign.org

Atividades de aprendizagem experimental

Em colaboração com os participantes do curso, elaborar uma ferramenta de medição para avaliar os resultados dos seguintes exercícios de design e produtos.

Análise do terreno

Os estudantes serão orientados na inspeção exaustiva do terreno. Depois, trabalhando em equipes de designers, farão uma análise do local, incluindo o esboço, em um mapa-base, das características e fluxos de energia observados.

Método de superposição

Será experimentado o método de superposição, desenvolvidos por Ian McHarg, dando aos estudantes a oportunidade de criar, em papel de desenho, diferentes coberturas temáticas que enriquecerão profundamente a análise do local.

Esboços e expressão criativa

Criar esboços simples do plano do design será uma excelente aprendizagem. Os estudantes serão incentivados a comunicar e traduzir livremente suas ideias de design através de uma expressão visual criativa, que poderia incluir técnicas de modelagem.

Design integrado de ecovilas / Design de Sistemas Integrals

Utilizando todo o conhecimento adquirido ao longo da Educação em Design de Ecovilas, os estudantes começarão a conceitualizar um design de ecovilas totalmente integrado - incluindo em um “todo” sistêmico e de maneira sinérgica os parâmetros espirituais, sociais, econômicos e ecológicos. Eles serão incentivados a voltar a suas comunidades de origem e recriar nelas esse processo holístico, orgânico e holográfico.

Material de Referência da Dimensão Ecológica

Alexander, Christopher et al. (1977). *A Pattern Language*. UK: Oxford University Press.

Bates, Albert. (2010). *The Biochar Solution: Carbon Farming and Climate Change*. Gabriola Island, BC, Canada: New Society Publishers.

Benyus, Janine M. (2002) *Biomimicry: Innovation Inspired by Nature*. New York: Harper Perennial.

Bookchin, Murray. (1986). *The Limits of the City*. Montreal: Black Rose Books.

Campbell, Craig S., and Ogden, Michael. (1999). *Constructed Wetlands in the Sustainable Landscape*. New York: Wiley.

Charter, Steve. (2004). *Eat More Raw: A Guide to Health and Sustainability*. Eastbourne, UK: Gardners Books.

Borer, Pat and Harris, Cindy. (1998). *The Whole House Book*. Sheffield, UK: Centre for Alternative Technology.

Broome, Jon. (2007). *The Green Self-Build Book: How to Design and Build Your Own Eco-home*. Totnes, UK: Green Books.

Evans, Ianto, Smith, Michael and Smiley, Linda. (2002). *The Hand-sculpted House*. White River Junction, VT: Chelsea Green Publishing.

Fathy, Hassan (1973). *Architecture for the Poor*. Chicago: University of Chicago Press

Fukuoka, Masanobu. (1978). *One-straw Revolution*. Emmaus, PA: Rodale Press.

Gipe, Paul. (2009). *Wind Energy Basics: A Guide to Small and Micro Wind Systems*. White Water Junction, VT: Chelsea Green Publishing.

Girardet, Herbert. (2008). *Cities, People, Planet: Urban Development and Climate Change*. New York: John Wiley & Sons.

Gray, Nick F. (2008). *Drinking Water Quality: Problems and Solutions*. New York: Cambridge University Press.

Hall, Keith Dennis and Nicholls, Richard. (Eds.) (2006). *Green Building Bible*. New York: Green Building Press.

Hanscom, Greg. (2012). *This old house: Why fixing up old homes is greener than building new ones*. Retrieved 1/27/2012 from <http://grist.org/cities/this-old-house-why-fixing-up-old-homes-is-greener-than-building-new-ones/>

Harland, Edward. (1999). *Eco-Renovation: The Ecological Home Improvement Guide*. White River Junction, VT: Chelsea Green Publishing.

Harvey, Adam, and Brown, Andy. (1993). *Micro-hydro design manual - a guide to small-scale water power schemes*. London: Intermediate Technology Publications.

Holmgren, David. (2002). *Permaculture: Principles and Pathways beyond Sustainability*. Hepburn, Victoria: Holmgren Design Services.

Hopkins, Rob. (2008). *Transition Handbook: from Oil Dependency to Local Resilience*. Totnes, Devon, UK: Green Books.

Harper, Peter. (1994). *Natural Garden Book*. London: Gaia Books.

Jackson, Hildur and Svensson, Karen. (Eds.). (2002). *Ecovillage Living: Restoring the Earth and Her People*. Totnes, UK: Green Books.

Kellert, Stephen R., Judith Heerwagen, and Martin Mador. (2008). *Biophilic Design: The Theory, Science and Practice of Bringing Buildings to Life*. Hoboken, N.J.: Wiley.

Kemp, William H. (2006). *The Renewable Energy Handbook: A Guide to Rural Energy Independence, Off-grid And Sustainable Living*. New York: Aztext Press.

Inkade-Levario, Heather. (2007). *Design for Water Rainwater Harvesting, Stormwater Catchment, and Alternate Water Reuse*. New York: New Society.

Meadows, D. H., Randers, Jorgen and Meadows, Dennis L. (2004). *The Limits to Growth*. Minneapolis: Earthscan Publications Ltd.

Meadows, Donella. (2007). *Thinking in Systems: A primer*. White Water Junction, VT: Chelsea Green Publishing.

Maude and Clarke, Tony. (2004). *Troubled Water: Saints, Sinners, Truth And Lies About The Global Water Crisis*. White Water Junction, VT: Chelsea Green Publishing.

Mollison, Bill and Holmgren, David. (1978). *Permaculture One, A Perennial Agricultural System for Human Settlements*. Melbourne: Transworld.

Mollison, Bill. (1988). *Permaculture: A Designer's Manual*. Tasmania: Tagari.

Naess, Arne. (1989). *Ecology, Community, and Lifestyle: An Outline of Ecosophy*. New York: Cambridge University Press.

Nabhan, Gary Paul. (2002). *Coming Home to Eat: The Pleasures and Politics of Local Food*. Boston: W. W. Norton & Company.

Newman, Peter and Jennings, Isabella. (2008). *Cities as Sustainable Ecosystems: principles and practice*. Washington, DC: Island Press.

Ochsner, Karl. (2007). *Geothermal Heat Pumps: A Guide for Planning and Installing*. Minneapolis: Earthscan Publications Ltd.

- Odum, Howard T. (2007). *Environment, Power, and Society for the 21st century: the hierarchy of energy*. New York: Columbia University Press.
- Orr, David. (1992). *Ecological Literacy: Education and the Transition to a Postmodern World*. Albany, NY: SUNY Press.
- Pearson, David. (1989). *Natural House Book*. New York: Simon & Schuster.
- Peterson, Garry. (November 9, 2009). *Transition Towns and Resilience Thinking*. Resilience Science.
- Pilarski, Michael. (ed.). (1994). *Restoration Forestry: An International Guide to Sustainable Forestry Practices*. Asheville, NC: Kivaki Press.
- Pocock, Bob, and Gaylard, Beth (1992). *Ecological Building Factpack*. Leicester: Tangent Design.
- Register, Richard. (2002). *Ecocities: Building cities in Balance with Nature*. Berkeley, CA: Berkeley Hill Books.
- Roddick, Anita, Biggs, Brooke S., Kennedy, Robert F., Shiva, Vandana, Barlow. (1999). *Stolen Harvest: The Hijacking of the Global Food Supply*. Cambridge, MA: South End Press.
- Shiva, Vandana. (2002). *Water Wars*. New York: Pluto Press.
- Snell, Clarke. (2005). *Building Green - A Complete How-to Guide to Alternative Building Methods: Earth, Plaster, Straw Bale, Cordwood, Cob, Living Roofs*. New York: Lark Books.
- Steiner, Rudolf. (2005). *What is Biodynamics? A Way to Heal and Revitalize the Earth*. Great Barrington, MA: Steiner Books.
- Walker, Brian and Salt, David. (2006). *Resilience Thinking: Sustaining Ecosystems and People in a changing world*. Washington, DC: Island Press.
- Whitefield, Patrick. (1996). *How to Make a Forest Garden*. UK: Permanent Publications.
- Whitefield, Patrick. (2004). *The Earth Care Manual: A Permaculture Handbook for Britain and Other Temperate Climates*. UK: Permanent Publications.
- Wolley, Tom. (2000). *Green Building Handbook*. London: E & FN Spon.

Pedagogia de Aprendizagem Vivencial

A maneira pela qual aprendemos é tão importante quanto o que aprendemos, o processo é tão importante quanto os conteúdos; a teoria, sem aplicação prática na vida real das pessoas, carece de significado. Uma revolução está acontecendo dentro das comunidades educativas, uma revolução com muitos nomes novos: Pedagogia da liberação, Aprendizagem relacional, Educação associada, Aprendizagem transformativa, Aprendizagem experimental, Aprendizagem em ação, Pedagogia da Terra, etc. E agora há a Pedagogia de Aprendizagem Vivencial da Rede Global de Ecovilas (GEN, Global Ecovillage Network). A motivação principal de todas estas pedagogias - entendidas como princípios e métodos de ensino - tem em comum o esforço de fazer do processo educativo algo diretamente relevante para as vidas das pessoas, centralizando a aprendizagem na busca de soluções para os problemas reais que vivemos.

Encontramos, nas ecovilas, oportunidades únicas e especiais para uma experiência de imersão, a um nível muito vital, dos conteúdos teóricos da aprendizagem. A esta forma de aprender chamamos de "Pedagogia de Aprendizagem Vivencial". É todo um estilo de aprendizagem do corpo – ao mesmo tempo em que se vive também se aprende. É uma maneira muito eficaz de aprendizagem. Em outros lugares diferentes das Ecovilas (cidades, universidades, escolas), tanto quanto possível dessa pedagogia é trazida para a sala de aula.

Durante uma conferência que ocorreu em Thy, na Dinamarca, em 1998, 55 educadores e entusiastas de diferentes ecovilas de todo o mundo fizeram a seguinte declaração:

"A aprendizagem tem que voltar às suas raízes, baseadas na comunidade de pessoas, e deixar de existir em instituições isoladas. Assim, tanto o contexto, como os métodos e o desenvolvimento pessoal se darão ao mesmo tempo em todas as idades. Este é um sistema de aprendizagem viva, que evolui e que abrange considerações globais ao mesmo tempo que as questões locais. Este sistema é preparado para lançar sementes para as sete próximas gerações."

Um folheto da GEN diz o seguinte:

"As Ecovilas que ensinam são poderosas catalizadores para as mudanças. São lugares onde as pessoas vão aprender sobre formas de vida sustentável através de experiências práticas que podem ser reproduzidas em todo o mundo. São modelos locais planetários. Veja, faça, leve para casa, compartilhe com os outros e recrie alguma coisa nova! Tem a ver com formar formadores através de programas inspiradores bem assentados na prática. Porque o que funciona em uma parte do mundo, frequentemente funciona também em outra. Porque não se trata de inventar a roda novamente, mas de criar novas formas efetivas de trabalhar juntos. Porque os desafios que temos pela frente requerem uma cooperação real, uma ação rápida e visões profundas".

Alguns dos elementos importantes desta Pedagogia de vida e aprendizagem incluem:

1. Vida e aprendizagem significam que você vai viver em uma ecovila real como parte da aprendizagem. Vai mergulhar em um novo mundo de vida comunitária. Cada ecovila é única, de maneira que você terá experiências diferentes dependendo da ecovila escolhida. Mas, em qualquer caso, se alimentará, trabalhará, celebrará e aprenderá com os pioneiros que tornam

tudo isso possível. A cultura da Ecovila está se manifestando como uma expressão de uma nova forma de ser.

2. O objetivo desta Pedagogia é educar a pessoa em sua totalidade. As pessoas não aprendem apenas usando seus cérebros - todo o corpo e todos os sentidos também estão envolvidos no processo. Isso é o que se entende por aprendizagem holística. O uso do que se chama “as sete inteligências” ou “as inteligências múltiplas” se converteu em uma forma popular de transmitir nossas intenções. Diferentes pessoas aprendem de diferentes maneiras. Por isso, utilizaremos:
 - Experiências práticas, memória do corpo
 - Teoria, leituras, discussões, diálogo racional
 - Danças, canções, criatividade, jogos, performances
 - Tempo de silêncio, reflexão, meditação, conexão com a Natureza
 - Workshops, simpósios, seminários
 - Processos interativos de grupo, participação nas decisões
 - Café, bar, tempo livre, celebrações
3. O trabalho compartilhado, com o propósito de aceitar responsabilidade na manutenção da comunidade, é um componente fundamental da Pedagogia de vida e aprendizagem.
 - Horta
 - Oficinas
 - Cozinha
 - Limpeza
 - Tomar conta
4. Criar uma comunidade intencional e um sentimento de confiança no grupo de aprendizagem é também uma parte importante da Pedagogia de vida e aprendizagem:
 - Harmonizações
 - Tempo para compartilhar
 - Comunicação aberta
 - Transparência nas motivações dos facilitadores
 - Criação de um ambiente seguro e de apoio
5. Os contextos que criamos para ensinar refletem os valores dos moradores de ecovilas:
 - Não-hierarquizados
 - Revezamento de responsabilidades
 - Todo o mundo tem alguma coisa para compartilhar
 - Todo o mundo é um designer
 - Apreciar a diversidade em diferentes idades, culturas, habilidades
 - Respeito pelos diferentes pontos de vista, mesmo que sejam antagônicos
 - Enfatizar as necessidades e a saúde do “todo”

Uma maneira possível de organizar um dia típico de um EDE seria:

8 horas de sono e descanso; 8 horas de atividades individuais ou em grupo; 4 horas de integração social; 4 horas de tempo livre e refeições.

O tempo das atividades seria tipicamente usado conforme a seguir:

- 4 horas de teoria (incluindo slides, vídeos, simpósios, discussões)
- 4 horas de trabalho prático (aplicando a teoria, manutenção da comunidade)
- 4 horas de integração pessoal e reflexão (meditação dança, cantos, yoga, tempo privado, etc.)
- 4 horas para alimentação e conversas informais (1 hora para o café- da manhã, 2 horas para almoço e 1 hora para o jantar)

Cada dia de educação em uma Ecovila ensinando a EDE integrará todos esses elementos em uma experiência de aprendizagem holística multidimensional. A aprendizagem ocorrerá em muitos níveis diferentes simultaneamente, e influenciará a pessoa em sua totalidade - sua mente, seu corpo, espírito e sentimentos. Como uma experiência de imersão, a aprendizagem terá lugar durante as 24 horas do dia, e isso tem um potencial profundamente transformador. Os indivíduos transformados e recém-educados podem então voltar a suas comunidades de origem e começar o processo de recriar o que viveram e aprenderam. Esta é a essência da Pedagogia de vida e aprendizagem.

Material de Referência e Recursos Pedagógicos

Bowers, C. A. (1995). *Educating for an Ecologically Sustainable Culture*. Albany: SUNY Press.

Eisler, Riane. (2000). *Tomorrow's Children: A Blueprint for Partnership Education in the 21st Century*. Boulder CO: Westview Press.

Freire, Paulo. (1973). *Education for Critical Consciousness*. New York: Seabury Press.

Kolb, David A. (1984). *Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development*. Upper Saddle River NJ: Prentice-Hall.

McGill, Ian and Brockbank, Anne. (2004). *The Action Learning Handbook*. New York: RoutledgeFalmer.

Mezirow, Jack. (1991). *Transformative Dimensions of Adult Learning*. San Francisco: Jossey-Bass.

Orr, David W. (2004). *Earth in Mind: On Education, Environment and the Human Prospect*, 2nd Edition. Washington: Island Press.

Sterling, Stephen. (2001). *Sustainable Education: Re-Visioning Learning and Change*. Schumacher Briefing No. 6. Totnes, UK: Green Books.

Stone, Michael and Barlow, Zenobia (Eds.). (2005). *Ecological Literacy: Educating Our Children for a Sustainable World*. San Francisco: Sierra Club Books.

Coming soon: *The Pedagogic Key - The Fifth Key: A book on the Living and Learning Pedagogy*, edited by May East and Daniel Greenberg.

Adaptando o EDE às Necessidades Locais

O Sul Global, Cidades, Universidades, Aulas virtuais e Escolas

A EDE pretende ser acessível a qualquer grupo ou iniciativa a nível mundial que trabalhe com temas de design e desenvolvimento de comunidades sustentáveis, ou seja, em soluções para um habitat humano sustentável. Até o final do ano de 2011, foi testada quase 100 vezes em 26 países, principalmente nas ecovilas. Foi provado ser possível criar uma comunidade de alunos nas universidades, cidades e outros locais e as partes vivas da cultura das Ecovilas.

A seguir apontamos considerações para a EDE, quando adaptada aos seguintes contextos específicos: urbano, sul, mundo acadêmico, virtual, escolas.

O Sul

As elites sociais acomodadas, com estilos de vida consumistas próprios do Hemisfério Norte, governam hoje em dia a maioria dos países do Hemisfério Sul, enquanto a maior parte dos habitantes vive na pobreza. Os pobres destes países lutam para sobreviver em um ambiente cada vez mais degenerado, controlado pelas pressões do mercado global. Muitos moradores do campo estão em vias de abandonar seus estilos de vida nativos, seus valores, suas práticas ecológicas e comunitárias, e suas inestimáveis culturas. Muitos de seus jovens sonham em emigrar para o Hemisfério Norte e não se comprometem com a melhoria das condições de vida locais, que enxergam como “não modernas” e sem esperanças.

Contra essas forças negativas existe uma corrente subterrânea que anseia em preservar o melhor do passado. E o passado desse sonho é muito parecido com a vida nas ecovilas em termos de relações humanas com a Natureza, proteção do meio ambiente, estreitos vínculos comunitários, solidariedade baseada em valores positivos, espiritualidade compartilhada, etc. Desta forma, o movimento de ecovilas chega a muitos no Hemisfério Sul como uma resposta a suas orações. A região é, efetivamente, um solo fértil para a criação de novas e dinâmicas ecovilas.

Com base nessas observações e compreensão, a proposta sugere que o currículo da EDE desenvolva os seguintes tópicos para sua adaptação aos países do Hemisfério Sul, frequentemente chamados de “países em desenvolvimento” ou o “terceiro mundo”. Os desenvolvimentos recentes estão quebrando esta velha dicotomia de Norte / Sul e nós estamos vendo um mundo muito mais complexo, com a China, Índia e Brasil como um novo eixo de desenvolvimento e com a Ásia que vem ganhando forma.

Tipos de ecovilas no Sul

- Ecovilas modernas criadas intencionalmente, seguindo o modelo do Hemisfério Norte e desenvolvidas em colaboração com as elites do Sul (exemplo: Auroville, na Índia)

- Ecovilas tradicionais, criadas por necessidade, baseadas na preservação, melhoria e modificação das ecovilas existentes, de seus valores e estilos de vida, além da introdução seletiva de características mais modernas
- Ecovilas mistas, modernas e tradicionais, nas quais uma elite urbana une suas forças com uma aldeia tradicional
- Redes de aldeias tradicionais reformadas segundo o modelo das ecovilas (exemplo, Sarvodaya no Sri Lanka, SEM na Tailândia)

Aspectos da EDE mais aplicáveis ao Sul que ao Norte

- Conservação e adaptação, a nível espiritual, cultural, social, econômico e ambiental de tradições étnicas e modos de vida nativos, e reintrodução do melhor dessas tradições que esteja em vias de desaparecer.
- Técnicas para trabalhar e conseguir financiamento através de agências de ajuda ao desenvolvimento, incluindo governos nacionais, agências multilaterais e bilaterais, ONGs e outros doadores.
- Pedagogia de ecovilas baseada em princípios de participação como os desenvolvidos por Paulo Freire, e em um modelo de aprendizagem em ação que cria a ecovila durante o processo de ensinamento do currículo.
- Treinamento de ecovilas em habilidades básicas de alfabetização, contabilidade, administração e outras habilidades de capacitação.
- Intercâmbios de trabalho cooperativo e atividades de desenvolvimento entre ecovilas do Sul, cujos representantes formem grupos sociais que trabalhem juntos no local.
- Políticas de admissão de membros na rede de ecovilas abertas não apenas às ecovilas existentes, mas a ONGs e outros grupos que trabalham com comunidades locais que mostrem interesse em trabalhar com a rede.
- Técnicas de resolução de conflitos em profundidade adaptadas às pessoas forçadas pela pobreza a viver toda sua vida na mesma comunidade, com os mesmos vizinhos.

A importância do intercâmbio de conhecimento entre ecovilas do Norte e do Sul

- A riqueza do conhecimento nativo e comunitário disponível a pessoas do Norte
- As habilidades básicas tanto técnicas como de alfabetização que os habitantes do Norte, inclusive os jovens estudantes, podem contribuir nas ecovilas do Sul
- A possibilidade de que as ecovilas integrem moradores do Norte e do Sul para criar novas formas de colaboração comunitária com o potencial para chegar mais longe juntos que separados.

EDE nas Cidades (Urbano)

Será o termo “cidade sustentável” um paradoxo? Talvez, ainda que o padrão urbano possa ser reformado e remoldado, em diferentes graus, para assumir uma forma mais sustentável. Não temos escolha, atualmente mais do que 50% dos 7 bilhões de humanos vivem nas cidades. As ideias, valores e cultura das Ecovilas podem ser utilizados na transformação de cidades. Copenhague tem, por exemplo, como um objetivo, ser 100% baseada em energias renováveis. Ciclovias estão sendo estendidas por todos os lugares; mercados locais de alimentos estão a aumentar. Agricultura nas cidades e Apoiada pela Comunidade estão se espalhando, assim como redes construídas para criar melhores interações sociais.

A chave é a descentralização, de todas as formas concebíveis (política, econômica, sociocultural, física), do densamente povoado núcleo urbano. O processo de descentralização incluirá uma ‘relocalização’: com a identificação dos numerosos subnúcleos que se estendem ao longo do tecido urbano. Esses subnúcleos se transformam em múltiplos novos centros de uma organização espacial do tamanho de aldeias. Uma vez que estejam delineadas essas unidades espaciais do tamanho de aldeias, uma grande quantidade de passos pode ser dada para transformar cada uma delas em um sistema vivo por si só, auto-organizado, autossustentado e autorregenerativo - e aqui os graus de autonomia se igualam aos graus de sustentabilidade. A maioria das ações da EDE, ou parts dela, acontecem em megacidades, exemplo, São Paulo e Cidade do México, e provaram o seu valor.

Buscar soluções sustentáveis dentro do padrão celular amalgamado das subunidades espaciais do tamanho de vilas- vamos chamá-las de vilas urbanas - é uma ideia factível que trará rapidamente resultados visíveis, viáveis e replicáveis; e o que é ainda melhor, uma vez que as grandes mudanças tiverem sido resolvidas, os moradores serão capazes de implementar as soluções sustentáveis por si mesmos! A EDE será muito efetiva nesta escala de aplicação; todos os 20 módulos são adequados. O processo facilitará uma aprendizagem em ação, segundo a qual os moradores assumem a responsabilidade de uma renovação urbana que promova sua própria autossuficiência e direcionamento. As estruturas de poder consolidadas e centralizadas não têm peso nessa estratégia.

A maior parte das cidades está dividida em bairros, distritos ou zonas identificáveis. Uma vez que estes padrões espaciais existentes sejam mais claramente delineados, com núcleos e fronteiras bem definidos, poderá surgir e tomar forma um verdadeiro padrão de vila urbana. A título de esclarecimento, profissionais de urbanismo vêm brincando há algum tempo com o conceito de vila urbana. Nós acreditamos, no entanto, que faltam à sua utilização profundidade e amplitude interdisciplinar necessária para alcançar soluções integrais em longo prazo.

De fato, para que serve a educação em sustentabilidade se não for capaz de atacar a gravidade dos problemas urbanos? Com uma profunda compaixão por todos os posseiros, os favelados e as crianças órfãs que andam pelas ruas, no limite da sobrevivência, não podemos esquecer que há uma relação direta entre a disponibilidade de petróleo barato e a maciças densidades urbanas. Quando chegarmos ao “pico do petróleo”, as densidades urbanas começarão a declinar. No horizonte, poderemos ver uma relocação colossal, com uma mudança de direção em que a migração recente para as cidades volta para os povoados. O conjunto da população encontrará provavelmente o equilíbrio com um nível de impacto mais baixo do que o dos dias de hoje.

Universidades

O programa "*Living Routes*" sob a liderança de Daniel Greenberg tem há 20 anos, recrutando estudantes de várias universidades americanas em ecovilas na África, Europa e Ásia. Alunos e professores experimentando a EDE criam "comunidades de aprendizagem" dentro das "comunidades que vivem", e aplicam novos conhecimentos e habilidades para a solução criativa de problemas da vida real. A EDE está cada vez mais sendo solicitada nas universidades, uma vez que é de relevância para os alunos e para transformar a sociedade. Cooperação surgiu em muitos países.

No Brasil, as parcerias entre universidades e *Gaia Education* tem sido um fator importante na divulgação da EDE.

Estudantes experimentam a emoção de traduzir o material conceitual em resultados, bem ali, como um processo de aprendizagem. Na EDE, não há distinção artificial entre a aquisição de conhecimento e uso do conhecimento; eles fazem parte do mesmo fluxo. Saber mas não agir é o mesmo que não saber nada. Aprender é a aplicação bem sucedida do conhecimento e da reorganização dos estilos de vida.

A estrutura interna da EDE oferece uma abordagem ricamente transdisciplinar para a aquisição e assimilação do conhecimento. O conhecimento não é separado e isolado em pequenos "pedaços", ou reduzido a algumas "unidades" atomísticas, mas tem relevância imediata em todo o espectro da experiência. Além do mais, o conhecimento não é apresentado simplesmente, mas está sempre focado e centrado no tema mais abrangente: a concepção e implementação de habitats humanos verdadeiramente sustentáveis.

A Física, bem como as profissões técnicas podem ser abordadas dessa maneira. Estudantes universitários apreciam o lançamento de seu potencial criativo quando direcionado para problemas relevantes relacionados a eles e seus futuros. Os alunos também irão apreciar a possibilidade de colocarem tudo o que aprenderam - tanto dentro como fora da escola - em um tecido ricamente colorido que é uma expressão única de seus próprios dons e talentos especiais.

Aqui estão algumas ideias sobre o desenvolvimento de relações com instituições acadêmicas:

- Prepare-se: Convoque uma série de reuniões com todos os interessados para desenvolver uma proposta para a sua comunidade e, eventualmente, um parceiro acadêmico potencial.
- Escolha o seu potencial parceiro (s) sabiamente: Coletar e estudar materiais atuais, tais como declarações de missão, catálogos de cursos, e documentos de planejamento estratégico, e organogramas de estruturas administrativas e de tomada de decisão. São todos compatíveis?
- Conheça os principais intervenientes: Converse com as pessoas de vários departamentos incluindo Estudante Fora, admissões, Contabilidade, Publicações, Registro e Comunicações.
- Considere as suas opções: Há muitas maneiras de construir pontes entre uma ecovila e uma instituição acadêmica. Aqui estão algumas ideias:
 - tours temáticos em ecovilas
 - projetos colaborativos de pesquisa
 - cursos baseados nas Ecovilas
 - oportunidades de estágios
 - programas de serviço e educacionais em parceira
 - um conjunto de programas baseados em ecovilas

Virtual

Através da UOC, Universidade Aberta da Catalunha, *Gaia Education* oferece um curso de pós-graduação online de oito meses chamado GEDS, Gaia Education Design para a Sustentabilidade. Atualmente o programa é oferecido em Espanhol, Inglês e Português. Os alunos devem dispendar cerca de 2 horas diárias para o estudo. Isso torna possível para que pessoas de todo o planeta possam frequentar um curso, mesmo que tenham um emprego ou necessitem viajar. Uma sala de aula global com até 20 alunos é formada com vários fóruns de discussão e compartilhamento de tarefas, trabalhos e projetos. Cada uma das quatro dimensões é orientada por um professor-tutor diferente. A turma ganha acesso a páginas de Internet bem desenhadas, com material de leitura relevante. Mesmo sob estas circunstâncias, é possível preservar a abertura e criatividade da cultura de uma ecovila. Esperamos que em breve o curso seja credenciado para estudantes universitários em toda a UE.

Um curso menos acadêmico também é oferecido através da UOC desde 2008, e continuará a ser oferecido a todos os interessados. Em suma, a Tecnologia da Informação oferece interessantes, e ainda a ser plenamente explorada, possibilidades de criação de uma dimensão "virtual" para o ensino de design de ecovilas. Esta dimensão vai ajudar muito o objetivo de tornar a EDE acessível a qualquer grupo ou iniciativa no mundo que trabalhe com questões de projeto comunitário sustentável e desenvolvimento.

Escolas

Respondendo a uma demanda por uma EDE para crianças em idade escolar, *Gaia Education* tem experimentando esse conceito. O objetivo é dar às crianças um sentimento de solidariedade global e que existem soluções para todas as misérias que ouvem ou veem, e, assim, dar-lhes coragem e otimismo sobre o futuro. Uma aprendizagem fundamental é que a cooperação é melhor do que a concorrência. Outra é para ajudá-los a confiar em seu próprio centro divino e fonte de criatividade. A terceira é dar-lhes ferramentas para ajudá-los a ficarem equilibrados em tempos confusos.

Todos os módulos da EDE são relevantes para as crianças da escola primária à universidade. Pode ser organizada como semanas especiais (4 semanas de curso, possivelmente espalhados ao longo do ano) ou integrados em um programa de um ano - ou como o trabalho de projeto em execução através de todas as atividades na escola. Muitas ideias serão mais facilmente implementadas em pequenas escolas com acesso à terra e à natureza. Eventualmente, um programa emergirá para ser introduzido em um nível nacional.

Algumas das ideias para o conteúdo a seguir:

Visão de Mundo

As crianças devem aprender a sentir seus corpos em todos os níveis e aprender a relaxar quando estão estressadas. Sonhos são fáceis de memorizar, e expressam através da arte. Elas devem aprender a escrever um diário. Elas devem se sentir confortável em tocar outras crianças (massageando o outro), aprender a ouvir a natureza e ao grupo. Elas devem aprender a respeitar a natureza e cuidar de animais e pássaros.

Social

A sala de aula é vista como uma comunidade. Os alunos aprendem a facilitação, resolução de conflitos, assumir a liderança, criar rituais etc. Pode levar várias horas por semana ou pode ser aplicada em uma

semana especial, em um tema separado, por exemplo, aprender a ser parte de uma comunidade local e ajudar os necessitados. Os projetos devem/podem ser organizados entre os grupos etários com os alunos mais velhos ensinando os mais jovens.

Economia

A escola pode transformar-se em unidades de produção, armazéns e toda uma vila com a sua própria moeda complementar para a troca de favores. Elas devem aprender as noções básicas de ganhar e gastar dinheiro e tributação. Elas precisam aprender que o dinheiro não tem valor em si, mas é uma ferramenta para ajudar a alcançar a riqueza real na construção de uma comunidade local amorosa e que funcione bem, onde todos são respeitados por aquilo que eles podem contribuir.

Ecológico

As crianças devem aprender sobre o caminho dos alimentos, o transporte de produtos alimentares, ciclos de nutrientes. O que está sendo produzido localmente? E elas devem aprender a cultivar alimentos. Elas devem ter acesso a uma horta e jardim nas proximidades, onde possam cuidar dos seus próprios vegetais e plantar árvores. Elas devem aprender a cozinhar. Aprender sobre os ciclos de vida, o fluxo circular e dependências das plantas e sistemas de origem animal, incluindo a importância do solo saudável, água e ar. Elas podem projetar uma granja, descobrir como cuidar de frangos, o que precisa para alimentá-los. Ou elas podem aprender sobre sua própria ecologia corporal. A energia é um tema que irão compreender. A economia de energia. A energia renovável. Projetar uma casa, um jardim, uma vila.



The Park, Findhorn
Forres IV36 3TZ, Scotland
phone +44 131 225 4814

NGO Associated with the Department of
Public Information of the United Nations

Company Limited by Guarantee
Registered in Scotland No 353967
Scottish Charity No SC040839

www.gaiaeducation.net



O Currículum EDE
é uma contribuição oficial
à UNDESD 2005-2014

www.gaiaeducation.net